



UDESC

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA –
UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO –
FAED
MESTRADO EM HISTÓRIA - PPGH**

**Intelectuais, identidades e
globalização na revista *Cuadernos
Americanos* (1987 – 2004).**

RAONY VALDENÉSIO ADUCI ODREMÁN MENDES

FLORIANÓPOLIS

2019

RAONY VALDENÉSIO ADUCI ODREMÁN MENDES

**INTELECTUAIS, IDENTIDADES E GLOBALIZAÇÃO NA REVISTA
CUADERNOS AMERICANOS (1987 – 2004)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História. Orientadora: Dr^a. Claudia Mortari.

FLORIANÓPOLIS, SC

2019

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Mendes, Raony Valdenésio Aduci Odremán
Intelectuais, Identidades e Globalização na Revista Cuadernos
Americanos (1987- 2004) / Raony Valdenésio Aduci Odremán
Mendes. -- 2019.
106 p.

Orientador: Claudia Mortari
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2019.

1. Intelectuais. 2. Identidades. 3. Globalização. 4. Cuadernos
Americanos. 5. Tempo Presente. I. Mortari, Claudia. II.
Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências
Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História.
III. Título.

Raony Valdenésio Aduci Odremán Mendes

“Intelectuais, identidades e globalização na Revista Cuadernos Americanos (1987-2004)”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca julgadora:

Orientadora:



Doutora Claudia Mortari
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:



Doutora Mariana Rangel Joffily
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:

Doutor Fábio Francisco Feltrin de Souza
Universidade Federal da Fronteira Sul
(Participação a distância por meio de recurso audiovisual)

Florianópolis, 25 de julho de 2019.

AGRADECIMENTOS

Na trajetória de pesquisa e escrita desta dissertação, os meus mais estimados agradecimentos se dirigem às pessoas que cotidianamente sempre estiveram comigo no convívio familiar, cujo apoio e as palavras de incentivo foram imprescindíveis para à conclusão desta etapa. Sem elas, minha amada companheira Dandara e nossas amadas filhas Laura Sophia e Lara Rosa, nada disso se tornaria realidade. Muito obrigado pela compreensão por muitas horas ausentes que tive que passar em decorrência dessa pesquisa. Aos meus pais Valdenésio e Maritza, e meus irmãos Dego e Simón, que também foram importantíssimos na minha trajetória nesse mundo, pois eles são os alicerces de tudo aquilo que sou nessa passagem, que é a vida.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES que através de suas políticas institucionais, apoiou-me com bolsa de estudos e tornou possível o desenvolvimento desta pesquisa.

Meus agradecimentos à compreensiva e paciente orientação da professora Cláudia Mortari, pela amizade, pelas generosas sugestões de leituras e pontuais indicações de caminhos de pesquisa que deram as condições e a liberdade necessária para que esta pesquisa se desenvolvesse. Agradeço também as professoras Mariana Rangel Joffily e Maria de Fátima Fontes Piazza pelas sugestões e orientações enriquecedoras que me deram no exame de qualificação desta pesquisa, e também pelas bibliografias cedidas para consulta e leitura.

Agradeço a todos os colegas do mestrado em História da UDESC pelo crescimento intelectual, em especial aos amigos: Marcos Antônio, Joeci e Carlos. Também não posso deixar de lembrar as conversas que tive com amigos e familiares que já traçaram o árduo caminho da pós-graduação no Brasil e que foram fundamentais para minha formação, meu pai Valdenésio que desde criança nos ensinou a enxergar a realidade social pelas lentes e questionamentos da filosofia e da política; Aos amigos da família, Márcio de Souza, Leandro Cisneros e Marcelo Silva, obrigado por tudo.

Por fim, meus agradecimentos e solidariedade se dirigem também a todas as minorias que em tempos sombrios e arbitrários como os de hoje, se mantêm fortes e unidos na incansável luta por seus direitos, construindo assim um país mais equitativo, justo e livre.

“Hoy, en vísperas del siglo XXI, otro fantasma recorre no sólo Europa sino el mundo entero: el fantasma de los marginados. Marginados por su clase, su piel, su religión, cultura, nacionalidad y origen social, también por su sexo, sus inclinaciones sexuales, etcétera. Marginados que se están haciendo masivamente patentes a lo largo de la tierra, que ponen en crisis no sólo el sistema socialista, sino también el capitalista.” (Leopoldo Zea)

“O pensamento descolonial é a estrado para a pluri-versalidade como um projeto universal. O Estado pluri-nacional que os indígenas e os afros reivindicam fica nos Andes, é uma manifestação particular do maior horizonte de pluriversalidade e o colapso de qualquer universal abstrato apresentado como bom para a humanidade inteira, sua própria similaridade.” (Walter Dignolo).

RESUMO

A presente pesquisa dedica-se à análise de como a noção de identidade e globalização foi conceituada por diferentes debates intelectuais latino-americanos no final dos anos 1980 e por toda a década de 1990. Para tanto, concentra-se nas contribuições de diversos intelectuais à *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, editada por Leopoldo Zea entre 1987 e 2004. O projeto editorial buscou retomar a herança da *Cuadernos Americanos – Nuevo Mundo (1942-1986)*, e também expandir seu horizonte conceitual acerca da ideia de identidade latino-americana frente aos imperativos do processo de globalização. Desta forma, as reflexões e debates intelectuais no interior do periódico impulsionaram a consolidação de uma teoria crítica que vai de encontro a uma perspectiva de globalização instrumental e homogênea, desembocando na afirmação de diferentes identidades político-culturais que levaram a emergência de diferentes perspectivas acerca da globalização nos anos 1990 na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Intelectuais, Identidade, Globalização, *Cuadernos Americanos*, História do Tempo Presente.

ABSTRACT

This research aims to analyze how the concepts of identity e globalization were created in the intellectuals debates of Latin America of the 1980s and throughout the 1990s. For such effort, it primary source is the contribution of the intellectuals whom participate in the magazine *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, directed by Leopoldo Zea from 1987 to 2004. The editorial Project was thought to be the heir of the late magazine *Cuadernos Americanos – Nuevo Mundo (1942-1986)*, but also to expand its conceptual range about the idea of an latin american identity in face of the globalization process and its consequences. Hence, the reflection and the intelectual debates published in the magazine that settle the bases to a critical theory that challenged the perspective of an instrumental and homogeneous globalization, bringing up the affirmation of diferente latin-american political and cultural identities. This would become a variety of perspectives of the globalization for the Latin America in the 1990s.

KEYWORDS: Intellectuals, Identity, Globalization, *Cuadernos Americanos*, Present Time History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa da *Cuadernos Americanos – Revista del Nuevo Mundo* (1942-1986).

Figura 2 – Capa da *Cuadernos Americanos – Nueva Época* (1987-2008).

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Tabela da *Junta de Governo diretiva da Cuadernos Americanos – Revista del Nuevo Mundo (1942-1986)*.

QUADRO 2 – Tabela do *Comitê Técnico da Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época (1987 – em aberto)*.

QUADRO 3 – Tabela do *Conselho Editorial da Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época (1987 – em aberto)*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CA – NM: Cuadernos Americanos – Nuevo Mundo

CA – NE: Cuadernos Americano – Nueva Época

JH: Jesús Silva Herzog

JL: Juan Larrea

LZ: Leopoldo Zea Aguilar

LW: Liliane Weinberg

SGM: Segunda Guerra Mundial

GCE: Guerra Civil Espanhola

ESP: Espanha

AL: América Latina

AN: América do Norte

HSG: Hemisfério Sul Global

SOLAR: Sociedade Latinoamericana de Estudos sobre América Latina

FIEALC: Federação Internacional de Estudos sobre América Latina e o Caribe.

Sumário

INTRODUÇÃO	15
A história da revista expressa por meio de suas páginas (1942 – 2008)	25
2.1 Um debate teórico-metodológico sobre intelectuais e revistas políticos-culturais na América Latina	28
2.2 Perscrutando o início da Cuadernos Americanos – Revista del Nuevo Mundo (1942-1986).	39
A revista em tempos de globalização (1987 – 2008)	62
3.1 Nueva Época: Constituição histórica e sua materialidade (1987 – 2008).....	62
3.2 A trajetória do diretor da revista Leopoldo Zea (1912 - 2004).	76
3.3 Debates intelectuais latino-americanos: entre as raízes e opções.	86
3.3.1 A função social dos intelectuais	87
3.3.2 Modernidade.....	93
3.3.3 Identidades e globalização.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS:	106

1 INTRODUÇÃO

As discussões étnico-raciais e das identificações culturais sempre me chamaram atenção, pois vivencio cotidianamente tais relações, seja no convívio familiar com meus irmãos, pai, mãe e/ou em casa com a minha companheira Dandara Pereira de Souza que é uma interlocutora constante das minhas inquietações com relação a tais temas; seja no espaço pedagógico do terreiro de Umbanda e no barracão de Candomblé; nas conversas nos corredores e nos debates propostos pelo Laboratório de Estudos Pós-coloniais e Decoloniais (AYA – UDESC) por uma universidade mais equitativa e justa. Minha mãe Maritza Trinidad Odremán Mendes mulher negra, venezuelana, educadora e meu pai Valdenésio Aduci Mendes, brasileiro e também educador no ensino superior sempre nos conscientizaram, a mim e a meus dois irmãos, da necessidade do reconhecimento e respeito às diferenças, até porque a insígnia da cor¹ atravessa nossas experiências existenciais. Diferenças culturais, raciais, nacionais estão presentes em nós como fruto dessa relação e constituição familiar interracial, que por muitas vezes, a partir de uma concepção racialista e racista da sociedade brasileira, foi incompreendida por pessoas próximas do nosso núcleo familiar.

Os encontros interculturais, deslocamentos migratórios e hibridização das nacionalidades influenciam diretamente na constituição de sujeitos históricos que vivenciam a condição pós-colonial ou pós-ocidental, e que reivindicam através da narrativa, o direito de articular, no interior do estado-nação moderno/colonial, aspectos culturais e epistemológicos que sirvam à orientação sociopolítica dos sujeitos históricos. No tempo presente cada vez mais se faz premente à afirmação das identificações negadas e das transferências e contatos culturais que levam a um verdadeiro dialogo intercultural, e principalmente, do reconhecimento e direito a afirmação da diferença enquanto algo positivo.

É esse lócus de enunciação, nos dizeres de Grosfoguel² que, também, fundamenta meu interesse em estudar e pesquisar temas referentes a reflexões de aspectos da cultura latino-americana que tem na intelectualidade endógena uma tradição de longa duração e espectro. Tais

¹ A ideia da insígnia da cor é abordada por Anthony Appiah em sua obra, na casa do meu pai. APPIAH, Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

² Lócus de enunciação é aqui entendido como um lugar da onde se pronuncia o discurso sobre a modernidade, que não é imparcial, tornando os saberes classificáveis e assimétricos definidos por uma geopolítica do conhecimento. Para Grosfoguel, “aquilo que o pensamento de fronteira produz é uma redefinição/subsunção da cidadania e da democracia, dos direitos humanos, da humanidade e das relações econômicas para lá das definições impostas pela modernidade europeia (2009, p. 407)”.

ideias se difundiam majoritariamente nos periódicos políticos-culturais da região, através de uma narrativa, de intervenção e crítica sociocultural, ensaística. Entendendo o periodismo político-cultural como âmbito singular do que já foi designado como “literatura de ideias”, definido por Carlos Altamirano (2005, p. 20) desde os textos de intervenção política e social direta nos conflitos do contexto daqueles intelectuais, aos textos que escapam a classificação como os ensaios, passando pelas obras de característica mais doutrinária e sistemática. Sendo comum a todas essas formas o discurso “doxológico” é que a palavra enunciada tem uma posição de verdade, não importando o quanto de ficção carrega em suas linhas. Pode tratar-se de uma verdade política ou moral, que reclame a autoridade em uma doutrina, verdade científica ou de uma perspectiva mais intuitiva e profética.

Nessa pesquisa, a *Revista Cuadernos Americanos* é em hipótese um espaço de intersecção e suporte de memória das ideias expressas nos debates de várias gerações de intelectuais acerca dos problemas de identidade na América Latina, e da relação desta com o mundo. A centralidade dos intelectuais em relação ao tema da identidade latino-americana implica, também, o reconhecimento de que sempre foi por intermédio deles que se buscou produzir uma identidade para o continente, mais precisa em seu desenho e destino (GRANADOS GARCÍA; MARICHAL, 2004). A revista, na sua trajetória de existência, possui dois períodos bem demarcados: *Cuadernos Americanos – Revista del Nuevo Mundo* (1942 – 1986), fundada por Jesús Silva Herzog³, teve diversos colaboradores das mais diferentes áreas do conhecimento entre eles, o filósofo mexicano Leopoldo Zea (1912 – 2004)⁴, que se tornou o novo diretor da *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época* (1987 – 2008). Zea, possivelmente é uma das figuras mais emblemáticas da ambiência intelectual

³Jesús Silva Herzog (1892 – 1985) foi um intelectual que desempenhou importantes papéis na vida política da nação mexicana. Em 1930, foi nomeado membro do conselho nacional do PNR; foi assessor do comitê reorganizador dos Ferrariles Nacionales de México; participou como presidente da delegação mexicana na 4ª conferência Comercial Panamericana em 1931; foi diretor de ingressos na secretaria da fazenda na gestão de Narciso Bassols, e presidência de Lázaro Cárdenas em 1934; participou da Comissão de Estudos Financeiros, ligado à Secretaria da Fazenda; ajudou na criação do sindicato dos economistas e na “Revista de Economía”, publicação trimestral do sindicato; participou ativamente na comissão de peritos que fundamentaram as razões para a nacionalização do petróleo em 1938. Foi professor de economia na UNAM; fez parte da diretoria da Fondo de Cultura Económica. Publicou diversos livros dentre eles: Breve história de la revolución mexicana, El agrarismo mexicano y la reforma agraria, La crítica social de Don Quijote de la Mancha, entre outros.

⁴ Leopoldo Zea nasceu em 1912 na Cidade do México e morreu em 2004 na mesma cidade. Foi professor de filosofia da Universidad Nacional Autónoma del México, Secretário de Relações Internacionais do México, Diretor do Centro de Estudos latino-americanos, fundou e dirigiu diversas organizações (Comité de Historia das Ideias; SOLAR; FIEALC e CCyDEL), publicou mais de 50 livros e 180 artigos e ensaios, recebeu inúmeros prêmios e vários títulos de Doutor Honoris Causa em diversas universidades do mundo (Grécia, França, Espanha, Rússia, Cuba, Venezuela, Argentina, Uruguai). Ver: ZEA, Leopoldo. Autopercepción intelectual de un proceso histórico. *Anthropos. Revista de Documentación Científica de La Cultura*, n. 89, 1988, p. 11-27.

latino-americano, devido a suas iniciativas de fomento de instituições de pesquisa (CIALC), criação de programa de pós-graduação em estudos latinoamericanos (UNAM) que formou pensadores de diferentes localidades do mundo, através da criação de redes intelectuais de estudos sobre América Latina (FIEALC e SOLAR) e da publicação e organização de dezenas de obras e centenas de artigos acadêmicos e jornalísticos. As diferentes gerações intelectuais no continente americano e das regiões do hemisfério sul global, que vivenciaram a experiência do colonialismo, articularam diversas teorias e epistemologias para interpretar a realidade sociocultural e histórica de seus países, como a título de exemplo: O Grupo Indiano de Estudos Subalternos, O Movimento Latinoamericano de Estudos Decoloniais, Os Estudos Culturais difundidos por intelectuais diaspóricos do Caribe (Stuart Hall, Paul Gilroy) e do Oriente Médio (Edward Said), O grupo que se articulou em torno do projeto: Epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos. As aproximações, distanciamentos e vínculos entre diferentes gerações intelectuais cumprem um papel fundamental para a continuidade de um projeto editorial como a da revista *Cuadernos Americanos*, e possivelmente articula diferentes debates e gerações intelectuais.

Com isso buscaremos concentrar nossa pesquisa nos temas de globalização e identidade latino-americana procurando identificar, em meio aos debates travados na revista, quais deles apontaram para rearticulação de teorias pautadas no paradigma da História das Ideias latino-americana que tinha possivelmente como grande objetivo a integração cultural da América Latina por meio do discurso da mestiçagem e da hibridização que fazia parte da história do continente; e quais deles se voltaram às teorias decoloniais, pós-modernas ou pós-coloniais apontando para a dimensão essencialista dessa representação de sujeito moderno latino-americano. Desta forma buscamos analisar o que foi resignificado e o que foi criticado e desconstruído pela geração de intelectuais dos anos 1990 na América Latina. Levanta-se a hipótese que os debates intelectuais presentes na revista gravitavam em torno da figura intelectual de Leopoldo Zea e da hegemonia de seu projeto filosófico e histórico para pensar a integração cultural do continente. É possível inferir que os debates na revista nesse período (1987-2000) transitavam entre pesquisas que rearticulavam as noções identitárias zeanas de integração pela cultura, de origem e passado comum dos povos latino-americanos, da concepção essencialista e moderna do ser latino-americano; e as pesquisas que incorporaram o giro pós-colonial, a desconstrução, as identificações e os descolamentos epistemológicos que interpretam a identidade e cultura latino-americana em termos não essencialistas, nacionalistas, cartesiano-eurocêntrico, moderno-colonial. Ou seja, a revista eventualmente traduz através dos textos publicados uma disputa intelectual no interior do

pensamento crítico latino-americano, onde a hegemonia da história das ideias, todavia é grande mesmo com a interpelação de outras teorias e epistemologias. Supondo a centralidade das disputas intelectuais na revista para pensar a América Latina entre os anos 1980 e 1990, seria possível construir uma definição dos termos, mesmo que provisória e múltipla, dessa disputa? Quais noções de identidade e globalização tais debates difundem? A revista *Cuadernos Americanos – Nueva Época*, poderia ser concebida como um periódico que difundiu e deu materialidade as ideias e debates intelectuais que circulavam na América Latina no período?

O recorte cronológico da pesquisa (1987-2004) foi delimitado a partir do mapeamento do fortalecimento de duas gerações posteriores a de Leopoldo Zea e da possível constatação da mudança do escopo e foco da revista que se constituiu enquanto um espaço possível de articulação do debate que estava posto no meio intelectual latino-americano e internacional sobre o aprofundamento da globalização nos anos 1990 e a reivindicação de identidades regionais para à ação política em blocos culturais e econômicos de interesse. Com isso objetiva-se vincular ideias a outras frentes de ação cultural como o uso político-cultural dos periódicos para divulgação de seus argumentos, supondo assim que as revistas são espaços de articulação de diferentes perspectivas intelectuais. Tais narrativas talvez possam, simultaneamente, construir distintas formulações teóricas e críticas, resignificando a visão de mundo ocidental pautada numa hegemonia capitalista e cultural norte-americano-europeia, modelo este, evidentemente etnocêntrico.

Para tentar responder aos problemas levantados o diálogo com alguns aportes teóricos da historiografia contemporânea são importantes, já que visa problematizar o regime de historicidade moderno, possibilitando desta forma a abertura da história a perspectivas outras que não as ocidentais. Com base nessa orientação, as narrativas subalternizadas podem articular sua experiência e seu discurso na esfera pública por meio de uma historiografia que tem um compromisso ético-moral de evidenciar a violência que atravessa a memória dos povos silenciados pela versão histórica dominante. Os intelectuais latino-americanos, aqui investigados, estão preocupados com um tipo de debate sobre identidade latino-americana que reivindica por um lado o direito e respeito às diferentes etnias, culturas e povos no interior do estado-nação; por outro lado estão preocupados em inventar uma identidade que integre as diferentes nações do subcontinente por meio de uma “cultura latino-americana” própria que seja capaz de fazer frente às teorias do “fim da história e do choque das civilizações” e as práticas hegemônicas globais do neoliberalismo e do capitalismo norte-americano.

Os “passados que não passam” e se dilatam vem à tona no presente e orientam as lutas

futuras, são reordenados nos *atos performáticos* que os atores sociais constroem na relação com o tempo histórico. O ordenamento do regime de historicidade⁵ moderno terá que lidar na contemporaneidade com diferentes temporalidades e culturas que articulam vários passados que se fazem cada vez mais presentes, para citar a já famosa formulação de Andreas Huyssen. De acordo com o autor, “superpondo-se aos debates norte-americanos sobre o pós-modernismo, já na década de 1980, surgiu outro discurso público que logo se estabeleceu como um grande foco de pesquisas e estudos políticos e culturais transnacionais: o da memória, especialmente, mas não apenas, da memória traumática (HUYSSSEN, 2014, p. 12)”. Já para François Hartog “se não houve somente uma modernização e uma modernidade única, não há uma só globalização tomando, por assim dizer, de viés o mundo inteiro ao mesmo tempo” (2013, p. 177).

Os anseios culturais dos povos e de suas epistemologias que foram totalmente subalternizados durante a modernidade são reivindicados na conjuntura do presente, articulando traumas e feridas históricas do passado. François Hartog vai partir de uma aproximação da história com a antropologia para nos convidar a abandonar a antiga noção de história moderna, forjada na Europa, ligada a sua expansão e a sua dominação (HARTOG, 2012, 33). Para o autor, a história moderna é apenas, um período da extensa história dos meios de relação com o pretérito e de seus usos políticos que realocado numa dimensão de horizontalidade com outras temporalidades, perde sua aura de “superioridade”. Em resumo o tempo moderno na contemporaneidade, dito como o fim da história não alcançou seu cume, é no máximo o encerramento de uma História entendida como experiência exclusiva da modernidade ocidental, assim ainda é possível se crer na história, que afinal reencontraria uma forma de desenvolvimento menos gloriosa e imperiosa e mais ordinária e partilhada (HARTOG, 2012, p. 31).

A condição pós-colonial nos defronta com um presente saturado de memórias traumáticas, no qual as heranças do colonialismo se articulam e simultaneamente produzem rupturas oriundas dos processos de descolonização da América Latina, África e Ásia. Estamos de acordo com o historiador indiano Sanjay Seth quando diz que “com o nacionalismo e a descolonização, o Terceiro Mundo, aquele repositório de atraso e anacronismo, agora é parte do nosso presente; e dentro

⁵François Hartog diz que, “por regime de historicidade entendo os diferentes modos de articulação das categorias, passado, presente e futuro. Conforme a ênfase seja colocada no passado, no futuro ou no presente, a ordem do tempo não é, com efeito, a mesma. Com isso o presente é isocrônico e é o extrato temporal predominante da experiência contemporânea do tempo e o ponto de inflexão para interpretar outros regimes de historicidade. Para compreender o espaço do presente hoje seria necessário entender como os seres humanos de outros tempos articularam sua ordem do tempo (2013, p. 166)”.

daquele Terceiro Mundo, o camponês e o elemento tribal se tornou (algumas vezes) um cidadão, tornou-se uma parte da modernidade política” (SETH, 2013, p. 176). Isso significa admitir que certos processos considerados efetivamente encerrados (como por exemplo, a escravidão e a destruição dos diferentes povos originários) são agora encarados, de acordo com Stuart Hall, como fundamentais, ainda que recalcados, para a emergência da própria modernidade (2013, p. 120).

Para Sandro Mezzadra e Federico Rahola, falar do pós-colonial é singularizar o tempo que se sucede problemáticamente “após” as colônias. Ao mesmo tempo nos convida a reconsiderar a complexidade de um mundo, que graças às lutas anticoloniais, se há tornado uno e tal unidade segue sendo atravessada pelo espaço contestatório das diferenças, assim como por uma abissal desigualdade e por uma exploração incessante (MEZZADRA; RAHOLA, 2008, p.270). Em decorrência disto se fazem “passados-presentes” e produtores de uma desordem no regime temporal linear e progressivo da modernidade, que por sua vez se abre a outras culturas e experiências do tempo. Essa condição pós-colonial coloca, assim, algumas dificuldades substanciais às formas da história disciplinada, já que uma de sua característica fundamental é a confusão dos limites entre passado e presente: “en la medida en que este pasado se resiste a toda posibilidad de compensación en relación con las expectativas, se resiste obstinadamente a quedar relegado al pasado y puebla el presente de fantasmas” (MEZZADRA; RAHOLA, 2008, p. 275).

A história do estado-nação moderno é uma história de violência, invisibilidade e exclusão, onde as identidades negadas se reafirmam na exterioridade e nas margens das “comunidades imaginadas” e das “tradições nacionais inventadas” pelas elites crioulas locais, que assumiram a liderança política das recém-criadas repúblicas. O dever de memória nas lutas pela restauração histórica oriunda das violências perpetradas pelo eurocentrismo e a modernidade às diversas etnias indígenas, aos diferentes povos africanos na diáspora e as populações oriundas desses “encontros culturais”, que lutam pelo direito de terem reconhecidas as suas identidades culturais, esse movimento se faz cada vez mais frequentes na história do tempo presente. Segundo o historiador argentino Mario Rufer,

Las historias de las naciones latinoamericanas muestran en parte ese camino: la modernidad vernácula es una forma iterativa del discurso colonizante a partir del posicionamiento de élites criollas que desplazaron el discurso político hacia la realización nacional. En la historia-narración, el sujeto ciudadano (que en los países poscoloniales responde generalmente a un sujeto fallido, en transición, racializado, mestizo) reemplazó al dominado colonial bajo un aspecto que la historia hizo propio: la abstracción de las temporalidades múltiples (y los mundos de la vida divergentes) en la imagen omnicompreensiva de la nación homogénea independiente (RUFER, 2010, p. 15).

Talvez romper com o temporalidade cronológica que organiza a vida é a única maneira de fazer desmoronar o “tempo vazio e homogêneo” (BENJAMIN, 2002, p. 249) do historicismo oitocentista – uma temporalidade linear, cumulativa e irreversível, que impelia a tudo e a todos em seu caminho para modernidade, como Walter Benjamin já apontava nas suas teses sobre história. Escrevendo assim uma história a contrapelo da modernidade que faça emergir a violência e as chagas históricas por trás dos discursos ocidentais, e que exequivamente aponte para uma história que descolonize as narrativas, as memórias e as subjetividades, que foram sendo subalternizadas desde alvorada da modernidade. Deve-se, afinal, estar dispostos a ouvir os “ecos de vozes que emudeceram” (BENJAMIN, 2002, p. 242) para, desta forma, construir uma nova relação com os diferentes tempos definidos como anacrônicos, míticos, étnicos nos levando a uma nova relação histórica e cultural com os sujeitos que compõem a humanidade.

Tal espectro poderá se reverter na medida em que se comece a interpretar o problema dos usos políticos do passado feito pelos diferentes grupos sociais. A escrita da história, por mais distanciada daquilo que se interpreta, sempre pede uma aderência, uma valoração. A historiografia do tempo presente tem um forte vínculo com a cultura e a política, e é exatamente nesse ponto de inter cruzamento que se percebe como uma nova concepção de história incide sobre o modo como se narra e o valor ético-moral que atribuímos a tal construção.

Os distintos processos globais na América Latina vão levar à reorganização de demandas e anseios por parte dos sujeitos históricos que foram excluídos do estado-nação. Hipoteticamente, se pode inferir como tais intelectuais e as suas ideias no interior da *Cuadernos Americanos – Nueva Época* concentraram seus esforços na construção de novos referenciais teóricos que auxiliassem na articulação de identidades, saberes e epistemologias para o desenvolvimento de uma prática intercultural que visasse à superação da modernidade colonial na América Latina que no seu passado-presente vivenci(a)ou a experiência do colonialismo e da colonialidade.

Tais debates poderiam auxiliar na desconstrução do “privilegio epistêmico” pelo qual a Europa representa o passado de culturas, povos e tradições ocidentalizadas. A concepção historicista é eivada de uma postura etnocêntrica e a história moderna não deve ser entendida como um todo universal antropológico e nem o estandarte da razão eurocêntrica. Para Sanjay Seth não existiria uma razão única, mas sim tradições de raciocínio que por consequência impossibilitariam uma História e suas representações na historiografia, e permitiriam a representação de muitos passados por meio de muitas formas o que levaria ao fim de qualquer presunção de privilégio epistêmico de narrar às experiências humanas. Com isso não se trataria de recuar nas tradições

endógenas, pois elas são o ponto de partida do exercício de razão, porém sem atribuir a priori qualquer tipo de privilégio epistêmico a essas tradições (SETH, 2013, p. 185).

Do ponto de vista do balanço bibliográfico sobre a revista, e publicações próximas a ela, alguns trabalhos já abordaram os anos iniciais da *Cuadernos Americanos – Revista del Nuevo Mundo*, principalmente entre 1942 e 1949, quando o projeto de integração entre intelectuais espanhóis exilados e intelectuais mexicanos para criação de um periódico em conjunto que discutisse a questão do exílio e da integração e identidade hispano-americana reverberou na edição da CA. O importante artigo de Ana González Neira, intitulado: *Cuadernos Americanos y el el exilio español: nacimiento de una revista universal (1942 – 1949)* de 2009; A tese de doutorado defendida em 2012 na Universidade de São Paulo por Maria Antonia Dias Martins, intitulada: *Identidade Ibero-americana em revista: Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos, 1942 – 1955*; o trabalho de conclusão de curso defendido na Universidade Nacional Autônoma do México em 2010, de Marcela Rojas Valero, intitulado: *Cuadernos Americanos – Tribuna intelectual en defensa de una revolución antiimperialista en Cuba 1958-1977* e o artigo da professora Maria Helena Rolim Capelato, intitulado: *Cuadernos Hispanoamericanos – ideias políticas numa revista de cultura de 2005*, foram fundamentais do ponto de vista dos percursos teóricos e apontamentos metodológicos que suscitaram à esta dissertação.

Ao questionar os artigos, que serviram de fonte de pesquisa, presentes na revista *Cuadernos Americanos – Nueva Época*, objetivou-se dialogar e, também, escutar atentamente as diferentes vozes que se apresentam através das gerações de intelectuais que compartilham e se encontram nas páginas da revista, para assim engendrar suas interpretações acerca dos diversos aspectos que compõem a textualidade da vida social latino-americana. Os volumes da revista foram acessados através da rede mundial de computadores (internet), onde se encontra totalmente digitalizada, desde 1942 até 2008, último ano em que foi impressa (na atualidade a terceira geração da revista é editada em formato digital em pdf.) e mantida pelo Centro de Investigações sobre América Latina e o Caribe – CIALC⁶ (Antigo Centro Coordenador e Difusor de Estudos Latino-americanos – CCyDEL), instituição essa mantida pela Universidad Autónoma Nacional de México – UNAM. O acervo é composto por todos os números digitalizados e organizados de maneira cronológica desde

⁶O site do Centro de Investigações sobre América Latina e o Caribe pode ser acessado no seguinte link: <http://www.cialc.unam.mx/quesomos.html>.

o primeiro número da *Revista Cuadernos Americanos – Nuevo Mundo*⁷ até o último volume da *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*⁸, e através da interpretação destes bancos de dados digitais desenvolvemos análise. Desta forma é de suma importância salvaguardar esses materiais digitais que pelo fato de estarem disponíveis na Rede Mundial de Computadores, imprime um caráter efêmero a esse tipo de documento.

Em um primeiro momento do projeto de pesquisa intencionava-se interpretar e compreender somente o pensamento de Leopoldo Zea na revista durante o período em que este foi diretor da mesma. Com isso averiguou-se todos os cento e oito volumes do periódico entre 1987 e 2004 mapeando as suas contribuições, dividindo-as por temáticas⁹, sessões e títulos dos ensaios aonde se chegou a um número de cento e quatorze ensaios que em média possuíam dez páginas cada um, somando assim um total de mil cento e quarenta páginas de corpo textual para leitura e discussão, que dado à natureza breve de uma dissertação, seria impossível de ser analisado. Decidiu-se então optar por um recorte temático, tratando do debate que se intensificou nos anos 1990, sobre Identidade e Globalização na América Latina. Também se ampliou o espectro da pesquisa, articulando o debate realizado por outros intelectuais latinoamericanos que difundiram suas interpretações sobre a temática no periódico.

O primeiro capítulo dessa dissertação apresentará o estudo morfológico da revista *CA – Nueva Época*, buscando uma densidade descritiva que se faz necessário para interpretar a miríade de variáveis contextuais que se apresentam e são extremamente decisivas na configuração de um bem simbólico como o projeto de uma revista literário-cultural. Para tanto a caracterização das revistas se fez pela observação dos dois extratos que a constituem. Um primeiro extrato, composto por elementos de ordem material, tais como: tipo de encadernação; diagramação; logomarca; qualidade do papel; tamanho, cor e tipo de letra; formato (dimensões); sistema de impressão; preço; nome; periodicidade etc. O segundo extrato, composto por elementos de ordem imaterial que estruturam a revista, são: a tiragem; a distribuição; o público-alvo; a exposição do projeto editorial; a seleção dos conselhos técnico, consultivo, editorial que remetem às relações de poder e interesses políticos; a escolha da editora e equipe editorial responsável etc. Mesmo sendo as ideias e as redes intelectuais o foco principal dessa pesquisa, a interpretação das nuances da revista é central, já que é

⁷O acervo digitalizado da revista *Cuadernos Americanos – Nuevo Mundo* (1942 – 1986) pode ser acessado por meio deste link: <http://www.cialc.unam.mx/cuadernosprimera1.html#>.

⁸O acervo digitalizado da revista *Cuadernos Americanos – Nueva Época* (1987 – 2008) pode ser acessado por meio deste link: <http://www.cialc.unam.mx/cuadernosegunda1.html#>.

⁹Vejam a tabulação construída pelo pesquisador nos apêndices.

nela que as ideias e os debates ganharam materialidade, foram difundidas e circularam por diferentes espaços transnacionais.

O segundo capítulo apresenta o debate a cerca de temáticas que se complementam. Na construção desse caminho, busca-se abordar a análise das tensões e dissensos de dois grandes temas que tem fortes ressonâncias na América Latina e tem por horizonte a problemática da modernidade: o fortalecimento no último quarto do século XX, entre a questão da identidade e da globalização. No contexto aqui estudado, está inserida a problemática da (re) negociação entre o local e o global perante a nova ordem mundial que se vincula no horizonte de expectativas desses intelectuais através do desmantelamento do socialismo real, do ideal de revolução, do esvaziamento ideológico, da crise das grandes narrativas e modelos, da derrocada do ideal “terceiro-mundista”, o aprofundamento do neoliberalismo, a hegemonia de um projeto capitalista globalizante e a decadência de projetos nacionalistas de libertação e autodeterminação. Ao mesmo tempo vê-se surgir movimentos críticos que analisam através de um feixe de discursos sociais tais processos e sugerem possíveis caminhos para engendrar discursos contra hegemônicos ou alternativos ao modelo neoliberal de globalização da homogeneidade cultural, do consumismo, das grandes indústrias do entretenimento e do monopólio dos meios de comunicação por conglomerados.

2 A HISTÓRIA DA REVISTA EXPRESSA POR MEIO DE SUAS PÁGINAS (1942 – 2008).

O problema de pesquisa dessa dissertação são as ideias construídas por intelectuais latino-americanos acerca do aprofundamento da globalização nos anos 1990 e seu impacto na concepção e caminhos da identidade latino-americana. Tais ideias tiveram sua criação, difusão e circulação articulada por meio da revista *Cuadernos Americanos – Nueva Época (1987 – 2008)*, sendo assim esse lugar institucionalizado da memória do debate intelectual latino-americano nos anos 1990 deve ser problematizado e interpretado. A revista *Cuadernos Americanos* foi criada em janeiro de 1942 e tinha como Diretor gerente: Jesús Silva Herzog e Secretário: Juan Larrea. Daniel Cosío Villegas, Mario de la Cueva, Eugenio Ímaz e outros compunham a junta de governo criada para estimular a cultura. Esse grupo era formado por intelectuais espanhóis exilados no México, em decorrência da Guerra Civil Espanhola, e por proeminentes intelectuais mexicanos na primeira metade do século XX. Dentre os diversos colaboradores de grande importância, encontram-se: Jesús Silva Herzog, Alfonso Reyes, Leopoldo Zea, Juan Larrea, Gilberto Freyre, Pablo Neruda, Miguel Ángel Asturias, Julio Cortázar, Pedro Henríquez Ureña, Gabriela Mistral, José Ortega y Gasset, Adolfo Sánchez Vázquez e Octavio Paz. Com auxílio do presidente do México entre 1934 e 1940, Lázaro Cárdenas del Río (1895 – 1970) que demonstrou seu apoio à República Espanhola fazendo oposição ao avanço dos regimes totalitários da Europa, inaugurou-se uma série de instituições para acolher e selecionar os refugiados e exilados, tais como: o Serviço de Evacuação dos Republicanos Espanhóis (Sere) e pela junta Junta de Auxílio aos Republicanos Espanhóis (Jare), com intenção de que os exilados pudessem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa e da educação no México. Também se criou em 1936 a Casa da Espanha no México (posteriormente transformada em Colégio do México), que serviu como um centro espanhol de estudos, onde muitos exilados puderam executar trabalhos e pesquisas. Foi o berço da revista *Espanã Peregrina* iniciada em fevereiro de 1940 e encerrada no segundo semestre de 1941 em decorrência da falta de investimento e repasse por parte da II República Espanhola (1931-1939) no exílio.

Tal revista foi antecessora e serviu como alicerce para a criação em 1942 da revista *Cuadernos Americanos*, que teve inicialmente um corpo editorial dividido entre mexicanos e espanhóis exilados e que tinha como proposta inicial manter os laços dos exilados com sua cultura hispânica, conquistar apoio à política de oposição ao governo franquista e pensar questões

pertinentes aos países americanos. Tal publicação teve como sustentáculos institucionais: a Universidade Nacional Autónoma do México, a Junta de Cultura Espanhola, o Fundo de Cultura Econômica e o Colégio do México (antiga Casa da Espanha). A revista manteve como sessões permanentes até 1986, ano da morte de seu fundador Jesús Silva Herzog, quatro sessões: a primeira era “*Nosso Tempo*”, se dedicava principalmente a reflexões sobre os grandes problemas da atualidade, com um claro perfil latinoamericano e relacionada à política e a sociedade; “*Aventura do Pensamento*”, estava voltada a textos com uma orientação filosófica; a terceira sessão “*Presença do Passado*”, recompilaria escritos e artigos referentes a aspectos históricos, incorporando uma visão inovadora desde a Arqueologia; a última, “*Dimensão Imaginária*”, era a sessão dedicada ao âmbito da criação literária e aos ensaios críticos sobre obras de literatura.

Em 1987, com a morte de Jesús Herzog, a revista passa a ser administrada e patrocinada, a pedido de Jesús Herzog, pela Universidade Nacional Autónoma do México – UNAM. Por escolha de seu então reitor, Jorge Carpizo, Leopoldo Zea foi nomeado e aceitou ser o novo diretor-geral da revista, que denominou o período recente do periódico de *Nueva Época*. Assim a publicação de *CA – Nueva Época* que tinha Zea na direção e Liliana Weinberg como editora chefe representaram a perpetuação de uma empresa editorial¹⁰, inserindo-se, igualmente, no interior de um empreendimento cultural portadora de uma longa tradição, servindo como referência de assuntos e problemas voltados ao continente americano, e de sua relação com o mundo. Porém, essa orientação voltada a uma perspectiva nacionalista mexicana e ao vínculo ibérico, será minimizada no período em que tal diretor ocupou o cargo. Criando novas sessões, excluindo todas as anteriores, criando vários conselhos (editorial, técnico, consultivo) que engendravam intelectuais de várias partes do mundo, assumindo nitidamente uma postura transnacional para política editorial da revista. Outra mudança fundamental foi à circulação de ideias nas páginas da *CA – Nueva Época*, oriundos de outras culturas e nações, para além da América Latina. Tais mudanças e incorporações talvez fossem aprofundadas para evidenciar a preocupação central da revista nesse período: a tensão entre identidade e globalização, e a articulação de diferentes intelectuais e críticas do hemisfério sul global. O público de recepção dessas ideias é a classe média intelectual urbana, que tinha os meios

¹⁰Segundo Beatriz Sarlo, “Publiquemos una revista. Centenas de veces esa frase fue pronunciada por un un intelectual latinoamericano ante otros intelectuales. Se piensa que la revista hace posible intervenciones exigidas por la coyuntura, mientras que los libros juegan habitualmente su destino en el mediano o el largo plazo. Desde esta perspectiva, ‘publiquemos una revista’ quiere decir ‘hagamos política cultural’, cortemos con el discurso el nudo de un debate estético o ideológico. La frase, cuya forma previsible es el plural, constituye el colectivo que suele quedar representado institucionalmente en una forma clásica: los consejos de dirección (SARLO, 1992, p. 9)”.

para adquirir ou ler esse periódico (com sugestões e acolhidas bibliográficas, em formato de “revista-livro” com cerca de 250 paginas cada volume, com um preço em pesos mexicanos elevado, principalmente nos primeiros anos de 1990) feito por intelectuais para intelectuais.

2.1 Um debate teórico-metodológico sobre intelectuais e revistas políticos-culturais na América Latina.

Encarada como instrumento de mediação cultural, que organiza e selecionam relatos de identidade, a revista surge repentinamente para harmonizar, aquilo que está desestruturado, sendo que as revistas tanto acadêmicas quanto independentes, guardam uma função principal no desenho das culturas nacionais e transnacionais, e no assentamento das bases ideológicas e culturais que conformam a noção de cidadania e, mas amplamente, regulam o funcionamento da sociedade civil (MORAÑA, 2003, p. 67). E ainda para Mabel Moraña,

Como instrumento de mediación cultural (que actúa en la zona de contacto entre políticas culturales hegemónicas y proyectos alternativos, entre creación artística y grupos receptores, entre el sector intelectual o académico y el lector que es introducido al producto cultural a través de la interpretación o la selección que la publicación le presenta), la revista es casi siempre una *empresa educativa* – política y pedagógica – aunque más no sea por las maneras en que organiza y filtra los *relatos de identidad* y traza los vínculos entre el campo cultural y sus afueras – regionales, nacionales, internacionales (MORAÑA, 2003, p. 68).

Nas revistas, as polêmicas foram um discurso constituinte dado a quantidades delas presentes nos periódicos, se convertendo em atores privilegiados que serviram para assegurar a difusão continental dos seus ecos (GILMAN, 2012, p. 22). Espaço de sociabilidade, a revista pode ser um bem cultural de legitimação e consagração intelectual, mas também, de banimento e ostracismo. No interior dos projetos editoriais e coletivos existem também dissidências e conflitos. Assim, o estudo das revistas e das ideias difundidas por ela pode percorrer duas dimensões: a da convergência de itinerários e a das previsíveis rupturas seria um observatório da sociabilidade do microcosmo intelectual e um lugar privilegiado para análise do movimento das ideias. É simultaneamente espaço de relação afetiva e espaço de sociabilidade (SIRINELLI, 2003, p. 249). Para François Dosse, “as revistas constituem um dos suportes essenciais do campo intelectual e podem ser consideradas como uma estrutura elementar de sociabilidade, espaços muito valiosos para analisar a evolução das ideias, tanto como lugares de fermentação intelectual e de relações afetivas” (DOSSE, 2007, p. 51). Em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora, constituem-se estruturas por vezes difíceis de perceber:

Entre as estruturas mais elementares, duas, de natureza diferente, parecem essenciais. As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observador de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão (SIRINELLI, 2003, p. 249).

Para Sirinelli, a história política dos intelectuais necessariamente está vinculada à pesquisa e à exegese dos textos, sobretudo textos impressos, “primeiro suporte dos fatos de opinião”, “em cuja gênese, circulação e transmissão os intelectuais desempenham um papel decisivo”. E, por sua vez, “a história social dos intelectuais exige a análise sistemática de elementos diversos e dispersos, principalmente com finalidades prosopográficas” (SIRINELLI, 2003, p. 245). Por motivos diversos, que incluem relações de poder político, disponibilidade econômica e visibilidade cultural, mas, também, a clivagem ideológica, e determinadas orientações intelectuais se fixam na cultura e definem o limite da circulação de ideias opostas ou contrárias, no seu tempo. Revistas podem concentrar diferentes interpretações e críticas a um determinado fenômeno, tema ou debate intelectual, assim como supomos que aconteceu com as ideias contidas na *Cuadernos Americanos - Nueva Época* nos anos 1990 sobre os processos de identidade e globalização. Para Beatriz Sarlo “una revista puede indicar de qué modo un colectivo intelectual piensa su intervención en la esfera pública como propuesta de reorganización de la tradición cultural” (SARLO, 1992, p. 13).

Segundo Regina Aída Crespo, compreender as revistas e interpretá-las, na sua vinculação com os contextos em que circundam, significa seguir sua trajetória e a luta, silenciosa ou abrupta, hegemônica ou não, que travaram pelo estabelecimento de um espaço próprio na arena político-cultural. As comunidades intelectuais representadas em cada uma delas não buscaram apenas atrair determinadas parcelas do público, como também alcançar legitimidade cultural e política considerável para difundir e implantar suas ideias e projetos (CRESPO, 2004, p. 682). Assim, não só é possível vê-las a partir de uma perspectiva especificadamente cultural e literária, como também do ponto de vista político e ideológico, considerando-as arenas de reflexão e influência (CRESPO, 2004, 680).

As revistas culturais podem oferecer ao pesquisador, seja como documento, seja como objeto de investigação, a oportunidade de iluminar a instância de construção e desconstrução de discursos, consagração de valores, constituição de cânones, produção e a recepção de ideias, os conflitos e dinâmicas sociais. A revista é, segundo Roxana Patiño, um “entre-lugar” que reflete o espírito social e cultural de uma época onde, “ninguna historia cultural o literaria podría prescindir del recorrido por ese ‘entrelugar’, esa multiplicidad de fragmentos que es más que la suma de todos ellos y cuya riqueza habilita una lectura compleja de una sensibilidad social y cultural de una época” (PATIÑO, 2006, online).

A renovação historiográfica dos anos 1970 coloca como possibilidade e desafio o estudo de

novos objetos, novas fontes e novos problemas. O estudo da imprensa realizado pela historiografia¹¹, principalmente no periodismo jornalístico e de revistas literário-culturais é importantíssimo para a história cultural e intelectual contemporânea. De acordo com Guillermo Zermeño, as revistas literárias com alta tiragem e os suplementos culturais dos periódicos e mais tarde as revistas culturais televisivas inventaram, consagraram ou deslegitimaram os possíveis novos intelectuais. Ao ser o intelectual uma nova especialidade instrumental das sociedades complexas do século XX, a questão acerca da independência de juízo resulta ser a mais problemática, já que é aquela relacionada com a capacidade de representar o papel de crítico social autônoma. Se na primeira fase do desenvolvimento histórico do conceito de intelectual contou com o apoio dominante da expansão da burocracia estatal, na segunda metade do século XX parece que tais sujeitos dominam mais a expansão dos meios massivos de comunicação (ZERMEÑO, 2003, p. 794). De acordó com Roxana Patiño,

Hijas de la modernidad y de la constitución de la esfera pública más temprana, las revistas acompañaron las formaciones intelectuales y artísticas provenientes de las franjas más innovadoras de los campos culturales en pleno proceso de autonominación. Fueron, en muchos casos, el órgano de esa declaración de independencia de las otras esferas. Intelectuales y revistas son una dupla de presencia revulsiva en el imaginario de la modernidad. Lo público es, por excelencia, el lugar de despliegue de sus intervenciones. En el imaginario moderno, el intelectual es una figura que construye, como lo requiere Edward Said, representaciones articuladas de una sociedad y una cultura. El vasto entramado simbólico del que está hecho un imaginario moderno incluye en su sistema de identidades y funciones aquella destinada a que los intelectuales condensen las representaciones de ideas, valores y experiencias que den las claves para interpretar una época. Las revistas, creo, han sido el escenario privilegiado de esas ‘máquinas de interpretar’ (PATIÑO, 2006, online).

Nas palavras de Claudia Gilman, a revista político-cultural constituiu um modo de intervenção especialmente adequado ao perfil da época dos anos 1960 e 1970 e de essa relação programaticamente buscada entre cultura e política na América Latina. A exigência do compromisso social do escritor se apresentou como uma alternativa frente ao intelectual de partido ou engajado e favoreceu a proliferação de revistas como o veículo fundamental de discussão e difusão de textos latinoamericanos contemporâneos e um modo de pensar a militância no plano cultural. As revistas corroboram para que os sujeitos políticos se afirmem no plano discursivo: elas (as revistas) foram um dos cenários onde os escritores se ratificaram como intelectuais na medida

¹¹Alguns outros trabalhos desenvolvidos no Brasil são centrais para entender a importância da imprensa na construção de redes de sociabilidades, formações intelectuais, na circulação e recepção das ideias. Para arrolar algumas referências importantes. MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. 303 p.; DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 111-153.; MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e praticas culturais em tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado, 2001. 593 p.

em que difundiram seus discursos na esfera pública (GILMAN, 1999, p. 462). Já para Fernanda Beigel,

[...] Son un tipo particular de documento histórico que permite visualizar – quizás más que otros documentos – las principales polaridades del campo cultural. Nos referimos a las **revistas**, que serán analizadas aquí en tanto puntos de encuentro de trayectorias individuales y proyectos colectivos, entre preocupaciones de orden estético y relativo a la identidad nacional, en fin, articulaciones diversas entre política y cultura que han sido un signo distintivo de la modernización latinoamericana. Algunas revistas culturales cumplen una función aglutinante dentro del campo intelectual y eso las convierte en referencia obligada de la Historia de las Ideas de un pueblo. Muchas de éstas se institucionalizan y perduran durante décadas.[...] Por ello pueden ser vistas como una fuente histórica significativa y adquieren el carácter de objeto capaz de arrojar luz sobre las particularidades de la construcción de un proyecto colectivo: porque contienen en sus textos los principales conflictos que guiaron el proceso de modernización cultural. (BEIGEL, 2003, pp. 106-107, *grifo da autora*).

As revistas político-culturais na América Latina são o ancoradouro das ideias produzidas pelos intelectuais de diferentes gerações, por isso a importância de entender revistas, ideias e intelectuais como instâncias suplementares que constituem o campo intelectual na contemporaneidade. A relação entre ação política e consciência social reforça a vinculação entre cultura política e campo intelectual na América Latina. Como parte daquilo que poderíamos definir mais especificamente como uma história das ideias políticas produzidas por intelectuais através do debate sobre diferentes ideias e noções tais como: liberalismo, socialismo, nacionalismo, republicanismo, entre outros. A história das ideias políticas visa, antes de tudo, dar sentido aos discursos e representações, evidenciando suas linhas de força, visando entender, o surgimento dos intelectuais, no início do século XX e sua função social na difusão de modelos políticos vigentes e concorrentes; com isso a análise de pequenos grupos atuantes, em torno de um jornal ou uma revista, pertence a um gênero antigo, em abordagens que misturam a análise de um meio e de uma ideologia (WINOCK, 2003, pp. 286-287).

Por outro lado, parece-nos importante lembrar também que os estudiosos da questão têm enfatizado que “as ideias nunca são mais que a expressão dos interesses de grupos que se defrontam, e os atos políticos apenas revelam relações de forças definidas, medidas, reguladas pelas pressões dos conjuntos socioeconômicos” (RÉMOND, 2003, p. 18). O intuito da história das ideias políticas não seria mais apresentar os fundamentos quase atemporais de uma cultura política, mas sim “conhecer melhor os sistemas de representações das sociedades, o estudo desses sistemas tornou-se inseparável dos aparelhos de produção e de mediação: não é apenas a ideia que age, é também o lugar de onde ela vem” (WINOCK, 2003, p. 285).

Dito isso uma reflexão que traga algumas definições de intelectual e de seu fazer são importantes na medida em que nos auxiliam a esboçar teoricamente a relação entre as diversas partes do campo. Partiremos das definições apresentadas por Edward Said, Norberto Bobbio e Jean-François Sirinelli. Tal escolha se dá na medida em que as representações vinculadas pelos intelectuais que estudaremos no segundo capítulo dessa dissertação remetem as definições das funções dos intelectuais nas sociedades contemporâneas construídas por Bobbio e Said, a saber: de mediação intelectual e de representação intelectual.

Sirinelli, em diversos textos, e especialmente no texto, **Os intelectuais**, que compõe a obra, organizada por René Remond, **Por uma história Política** (2003), defende que a história dos intelectuais se dá basicamente por meio da investigação de três instâncias distintas, porém complementares tais como: “l’étude d’itinéraires, l’observation de structures de sociabilité et la mise en lumière de générations” (SIRINELLI, 1986, p. 98). Para entender o intelectual nessa perspectiva multidimensional, o autor construiu uma concepção e definição abrangente da figura do intelectual.

L’une à la fois sociologique et culturelle, englobe les créatures et les médiateurs culturels, le journaliste autant que l’écrivain, le professeur de l’enseignement secondaire autant que le savant. Aux marches de ce premier ensemble se tiennent une partie des étudiants, créateurs ou médiateurs en puissance, ainsi que d’autres catégories de ‘récepteurs’ de culture. Se profile donc une première définition possible, à géométrie variable suivant les époques et les lieux, et articulée autour de la production, la diffusion et la réception de la culture. [...] Ces derniers peuvent aussi être rassemblés autour d’une seconde définition, plus étroite et fondée sur la notion d’engagement, direct ou indirect, dans la vie de la cité (SIRINELLI, 1986, p. 99).

A definição que Sirinelli nos apresenta em muito se aproxima, guardadas as devidas distinções, da já clássica definição da figura e função dos intelectuais nas sociedades modernas proposta por Antônio Gramsci, que também será rearticulada como poderemos ver por Norberto Bobbio e Edward Said nas suas reflexões acerca do intelectual moderno. A primeira definição que Sirinelli nos apresenta é o papel fundamental dos intelectuais na produção, difusão e a recepção da cultura; já uma segunda definição complementar à primeira seria: a dos intelectuais enquanto seres que se engajam direta ou indiretamente na vida e destino da cidade. Sirinelli busca evidenciar os deslocamentos e posições o intelectual ocupa nas redes de sociabilidades que compõem o tecido social moderno, seja: o partido político, a escola, a emissora de rádio e televisão, a universidade, as confrarias masculinas, os cafés e salões, a fábrica, o sindicato e assim por diante. Todas essas instituições se constituem por meio de estruturas de sociabilidades, que define da seguinte maneira:

Structures de sociabilité? Entendons par là, d’abord, ainsi que l’a proposé un récent colloque, un ‘groupe(ment)’ permanent ou temporaire, quel que soit son degré

d'institutionnalisation, auquel on choisit de participer. [...] Le langage courant a entériné le terme de 'réseaux' pour définir de telles structures. Mais ces 'réseaux' sont eux-mêmes souvent fondés sur des éléments aux contours plus difficiles à cerner (SIRINELLI, 1986, p. 104).

Essa estrutura se dá no entrecruzamento de distintas gerações intelectuais que para o autor são, “les générations intellectuelles, en effect, sont, par essence, multiformes, élastiques et touffues. [...] Une génération intellectuelle peut, d'abord, naître de la rencontre de jeunes gens en cours d'étude ou au seuil de métiers 'culturels' avec un événement ou une crise fondateurs, entraînant une empreinte commune des sensibilités” (SIRINELLI, 1986, pp. 105-106). Assim para Sirinelli uma história dos intelectuais deve ser escrita a partir da interpretação de três diferentes extratos: ideologias, cultura política e ‘mentalidades coletivas’. Ou seja, partindo do papel político e cultural que os intelectuais ocupam em nossa sociedade, para assim alcançar uma história política transformada em história global (SIRINELLI, 2003, p.262).

O livro de Norberto Bobbio, **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea** (1997) é uma compilação de artigos escritos para serem apresentados em seminários, que posteriormente foram publicados em algumas revistas acadêmicas entre os anos 1970 e 1990. É possível notar nos artigos uma temática integradora comum que articula todos eles, guardada obviamente, as especificidades contextuais distintas: os problemas relacionados às atividades dos intelectuais, particularmente, às discussões realizadas pela Sociedade Europeia de Cultura que “nascera da convicção de que era preciso salvaguardar a unidade espiritual da Europa contra a política dos dois blocos. Unidade da Europa e política da cultura eram problemas estreitamente vinculados” (BOBBIO, 1997, p.169). A sociedade reuniu intelectuais de vários países e pretendeu constituir-se numa espécie de “terceiro caminho” entre o comunismo e o capitalismo, entre a política e a cultura, de acordo com o filósofo e cientista político italiano¹², primando dessa forma pelo meio termo, pela mediação e não pela bipolarização imposta nos anos de Guerra Fria. Segundo Bobbio, “jamais me distanciei do tipo ideal do intelectual mediador, cujo método de ação é o diálogo racional, no qual os dois interlocutores discutem, apresentando, um ao outro, argumentos raciocinados, e cuja virtude essencial é a tolerância” (BOBBIO, 1997, p. 16). Com isso Bobbio diz que,

¹²O filósofo mexicano Leopoldo Zea, diretor da revista no período estudado, foi uns dos primeiros intelectuais da América Latina a receber o convite para participar da Sociedade Europeia de Cultura no ano de 1955, o que o levou a travar uma amizade e um profícuo diálogo com Norberto Bobbio ao longo dos anos. Retomaremos esse ponto para indicar como muito da perspectiva do trabalho do intelectual seguida pelo autor é tributária de certa influência de Norberto Bobbio e da noção de intelectual como mediador cultural.

Retorna sempre a ideia de que política da cultura e política dos políticos são esferas que devem ser mantidas bem distintas; mesmo que se reconheça que o homem de cultura faz política, ele o faz no longo prazo, tão longo que os lances mais imediatos não deveriam perturbá-lo nem desviá-lo de sua estrada. Tive a oportunidade de repetir com frequência a seguinte ideia, que pode ser considerada a conclusão de meu *Perfil ideológico*: a história das ideias e a história das ações correm sobre trilhos paralelos que raramente se encontram (BOBBIO, 1997, pp. 16-17, grifo do autor).

A partir dessa separação entre mundo das ideias e mundo das ações, entre política ordinária e política da cultura surgem duas acepções de intelectuais: *os ideólogos e os expertos*, que para Bobbio:

Creio ser suficiente dizer que por ideólogos entendo aqueles que fornecem princípios-guia, e, por expertos, aqueles que fornecem conhecimentos-meio. Toda ação política, como de resto qualquer outra ação social – e, aqui, por ação política podemos entender a ação do sujeito principal do agir político na sociedade de massa, que é o partido -, tem necessidade, de um lado, de ideias gerais sobre os objetivos a perseguir (que podem ser os objetivos últimos mas que geralmente são os objetivos intermediários), a que chamei acima de “princípios” e que poderiam ser chamados de “valores”, “ideias” ou mesmo “concepções do mundo”; e, de outro, de conhecimentos técnicos que são absolutamente indispensáveis para resolver problemas para cuja solução não basta a intuição do político puro, mas se fazem necessários conhecimentos específicos que só podem ser fornecidos por pessoas competentes nos diversos campos singulares do saber (BOBBIO, 1997, 73).

Tal distinção leva a construção de outra concepção, a da autonomia relativa da cultura com respeito à política, com isso, Bobbio defende que, “pretende dizer que a cultura (no sentido mais amplo, isto é, no sentido da esfera em que se formam as ideologias e se produzem os conhecimentos) não pode nem deve ser reduzida integralmente à esfera do político” (BOBBIO, 1997, p.80). E segue afirmando que, “a primeira tarefa dos intelectuais deveria ser a de impedir que o monopólio da força torne-se também o monopólio da verdade [...] A tarefa do intelectual é a de agitar ideias, levantar problemas, elaborar programas ou apenas teorias gerais; a tarefa do político é a de tomar decisões” (BOBBIO, 1997, pp. 81-82). E ainda diz que, “pois bem: o intelectual é aquele que pode dar-se ao luxo de exercer a própria paciência e o próprio engenho para desfazê-los. Mas o político é obrigado algumas vezes a cortá-los. Com respeito a essa bifurcação, não há diferença entre o caso do ideólogo e o do experto” (BOBBIO, 1997, p. 83). Com essas breves definições do papel e função do intelectual outro tema surge com força, a do engajamento de tais personagens na esfera pública. Para Bobbio o intelectual não deve cair na falsa armadilha do engajamento, que de certa forma o aproxima da concepção de intelectual de Sirinelli, que defende que a concepção errônea do intelectual como ator político exclusivamente de esquerda se deve exatamente ao modelo imposto pelos anos Sartre na França e a questão do engajamento como função primeira do fazer intelectual, impossibilitando ideologicamente a interpretação dos intelectuais à direita no espectro político do século XX, mais especificadamente na França. Segundo Bobbio,

Prefiro falar mais de responsabilidade a falar de engajamento porque importa não que o homem de cultura se engaje ou não se engaje, mas por que coisa ele se engaja ou não se engaja e de que modo ele se engaja, assumindo todas as responsabilidades da sua escolha e das consequências que dela derivam. É apenas com base nessas responsabilidades da sua escolha, e apenas nelas, que ele deve ser julgado, e não com base no fato de que tenha se engajado por essa ou aquela parte, ou tenha preferido não se engajar por nenhuma das partes, pondo-se acima do combate ou retirando-se para o deserto para rezar (BOBBIO, 1997, p. 100).

Nesse sentido, o princípio que norteia a concepção de Bobbio está ancorada na convivência dos cidadãos no interior das democracias contemporâneas. Para Bobbio, “na democracia ninguém é – ou deveria ser – irresponsável. Nesse sentido, falar de responsabilidade dos intelectuais significa que também eles, como todos os demais, devem responder a alguém” (BOBBIO, 1997, p. 103). O pensador não deixa claro, a quem os intelectuais devem responder, não obstante, acreditamos que a sociedade civil de maneira geral deposita fé e estima no papel de tais figuras e também se sentem habilitados a fazerem cobranças; outro grupo que possivelmente se proclama é a dos pares por meio do exercício da crítica, ou seja, dentro das próprias comunidades intelectuais existem pessoas habilitadas para avaliar a conduta de seus colegas, cobrando posturas e tecendo críticas caso assim queiram ou achem necessário.

A partir daí pode-se notar que o mundo da cultura também é ditado por normas, condutas, relações de poder e influência, ou seja, existe uma política própria que organiza esse campo da cultura. Segundo Bobbio, o princípio que guia o trabalho do intelectual é a política da cultura, que define como: “a cultura não deve ser apolítica, mas a sua política não é a política *tout court*, aquela que nós chamamos habitualmente de política ordinária, mas é uma política própria da cultura, que não coincide, não deve coincidir, com a política dos políticos” (BOBBIO, 1997, p. 103). O objetivo da “política da cultura”, segundo Bobbio, é tornar possível a realização da síntese política, ou, encontrar um meio termo entre a política ordinária e a cultura. Os valores morais podem livrar o homem de cultura das paixões partidárias. Para Bobbio, a militância político-partidária é um mal que aflige o intelectual quando esse “se torna escravo delas” e que somente os valores morais são capazes de proteger o “homem de cultura”. A resolução para a dialética exposta se dá no campo filosófico, particularmente, no plano ético-moral. Desta forma Bobbio declara sua solidariedade para com os oprimidos do mundo ameaçados pelo progresso técnico-científico que, em determinadas situações, levou o ser humano a situações de extrema ameaça, como por exemplo, à utilização da bomba atômica e somente a “força moral” ou a ausência dela, defende Bobbio, é capaz de poder destruir ou salvar a humanidade de uma catástrofe planetária, ou seja, o papel primeiro do intelectual para Bobbio é a defesa da democracia assentada no princípio do pacifismo e da

diplomacia entre as nações do mundo por meio de uma política da cultura que articule diferentes mediações culturais. Bobbio coloca uma série de problemas importantes ao estudo dos intelectuais em nossa sociedade, tais: como os intelectuais influenciam os acontecimentos políticos? Como as ideias vêm aos intelectuais? Por que uma ideologia torna-se dominante no meio intelectual num determinado momento, não obstante “o desenvolvimento das pesquisas da sociologia do conhecimento”? Afirma o autor:

[...] Ainda sabemos bem pouco sobre o modo como certas ideias nascem numa certa sociedade: as hipóteses sobre as quais trabalhamos (e certamente uma das hipóteses mais ousadas e fecundas foi à teoria marxiana das ideologias, segundo a qual as ideias dominantes são as ideias da classe dominante) são ainda muito grosseiras. Sabemos ainda menos sobre o problema inverso, isto é, sobre o modo como as ideias influenciam, condicionam ou determinam a ação social. (BOBBIO, 1997. P.98)

Edward W. Said, pensador palestino elaborou importantes textos sobre o papel dos intelectuais nas sociedades contemporâneas, em sua já clássica obra, **Representações do Intelectual: as conferências de Reith de 1993**, produto de um ciclo de palestras proferidas pelo autor na emissora BBC da Inglaterra. No início do primeiro capítulo, dos seis que compõem o livro, Said coloca a seguinte questão: “os intelectuais formam um grupo de pessoas grande ou extremamente pequeno e altamente selecionado?” (SAID, 2005, p. 19). Com intuito de responder a tal questão lança mão de duas descrições sobre intelectuais feitas no século XX, a de Antonio Gramsci e Julian Benda que são apresentadas rapidamente pelo autor, que após conclui que “a análise social que Gramsci faz do intelectual como uma pessoa que preenche um conjunto particular de funções na sociedade está muito mais próxima da realidade do que tudo o que Benda escreveu” (SAID, 2005, p. 23). Edward Said, então, aproximando-se de Gramsci, e afirma que “profissões novas” – como locutores de rádio e apresentadores de programas de TV, profissionais acadêmicos, analistas de informática, advogados de áreas como esporte e meios de comunicação, consultores de administração, especialistas em política, conselheiros do governo, autores de análises especializadas de mercado e mesmo o jornalismo moderno de massa – sustentam a visão do filósofo italiano (SAID, 2005, pp. 23-24). Receoso que a figura e a função dos intelectuais desaparecessem em um amontoado de detalhes onde possa se tornar apenas mais um profissional ou uma figura numa tendência social do final do século XX, Said quer,

[...] insistir no fato de o intelectual ser um indivíduo com um papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses. A questão central [...] é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, uma filosofia ou opinião para (e também por) um público. E esse papel encerra uma certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de se ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do

que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete. Assim, o intelectual age com base em princípios universais: que todos os seres humanos têm direito de contar com padrões de comportamento decentes quanto à liberdade e à justiça da parte dos poderes ou nações do mundo, e que as violações deliberadas ou inadvertidas desses padrões têm de ser corajosamente denunciadas ou combatidas (SAID, 2005, p. 25-26).

Para Said “no fim das contas, o que interessa é o intelectual enquanto figura representativa – alguém que visivelmente representa um certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras” (SAID, 2005, p. 27). O intelectual “é o indivíduo que possui capacidade de pensamento e discernimento suficientemente adequada para representar a cultura – “o melhor pensamento” – e, por que não dizer, a política, fazendo os prevalecer” (SAID, 2005, p. 41). Com isso, as representações intelectuais, são a *atividade em si*, dependentes de um estado de consciência que é cética, comprometida e incansavelmente devotada à investigação racional e ao juízo moral; e isso expõe o indivíduo e coloca-o em risco. Saber usar bem a língua e saber quando intervir por meio dela são duas características essenciais da ação intelectual. (SAID, 2005, p. 33, grifo do autor). Para Said “os intelectuais *pertencem* ao seu tempo” (SAID, 2005, p. 34, grifo do autor), e seguindo,

No fundo, o intelectual, no sentido que dou à palavra, não é nem um pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. Não apenas relutando de modo passivo, mas desejando ativamente dizer isso em público (SAID, 2005, pp. 35-36).

Pertencendo ao seu tempo, o intelectual está atrelado à nação de origem e a sua cultura endógena. Nos dias atuais, uma questão de grande importância para o intelectual é saber como lidar com esse problema. “Será que a nacionalidade deve comprometê-lo enquanto indivíduo – que para os meus objetivos é o centro das atenções – em face do sentimento popular, por razões de solidariedade, lealdade primordial ou patriotismo? Ou podemos fazer uma melhor defesa do intelectual como um dissidente do conjunto corporativo? (SAID, 2005, p. 43)”. A resposta imediata é: nunca a solidariedade antes da crítica. O intelectual tem sempre a escolha de situar-se do lado dos mais fracos, dos menos bem representados, dos esquecidos ou ignorados, ou então do lado dos mais poderosos (SAID, 2005, p. 44). Entretanto, o intelectual é sempre envolto e reiteradamente desafiado pela questão da lealdade. Todos nós, sem exceção, pertencemos a algum tipo de comunidade nacional imaginada ou inventada, religiosa ou étnica; ninguém, por maior que seja o volume de resistência, está acima dos laços orgânicos que vinculam o indivíduo à sua família, à comunidade e, obviamente, à nacionalidade (SAID, 2005, pp. 49-50). Todavia, “embora haja valor

inestimável no que o intelectual faz para assegurar a sobrevivência da sua comunidade durante períodos de extrema emergência nacional, a lealdade à luta do grupo pela sobrevivência não pode envolvê-lo a ponto de anestesiar seu senso crítico ou de reduzir seus imperativos” (SAID, 2005, p. 50). Mesmo que em tempos difíceis, o intelectual é muitas vezes considerado pelos membros de sua nacionalidade alguém que representa, fala e testemunha em nome do sofrimento daquela nacionalidade (SAID, 2005, p. 52). Dito isso, um alerta deve ser dado, “muitos intelectuais, são levados por uma tentação fácil e de apelo popular, sucumbem a uma retórica de justificativas e hipocrisia que os torna cegos diante de um mal ou barbaridade perpetrado em nome da sua própria comunidade étnica ou nacional” (SAID, pp. 53-54).

A perspectiva desenvolvida por Edward Said e Norberto Bobbio acerca do papel do intelectual será articulada pelos intelectuais que publicaram na revista *Cuadernos Americanos* nos anos 1990, especialmente na figura do seu diretor Leopoldo Zea que compreenderá a função, ou melhor, dizendo, o papel social do intelectual na esteira proposta por Bobbio desde os anos 1950, e também através de Walter Mignolo e Eduardo Castro-Gómez que de certa forma tomam para si a preposição realizada por Said acerca dos intelectuais, como poderemos analisar mais adiante.

2.2 Perscrutando o início da Cuadernos Americanos – Revista del Nuevo Mundo (1942-1986).

Seguiremos por algumas páginas as reflexões de Liliana Weinberg, grande intelectual da teoria literária, e especialista na questão do ensaísmo latinoamericano, radicada no México e professora da Universidade Nacional Autônoma do México – UNAM, que participou como editora-chefe (1987 – 1997) desse empreendimento cultural a convite do então diretor-geral da revista Leopoldo Zea. A autora vai defender que a revista *Cuadernos Americanos* representou a articulação de um projeto político de reorganização do Estado no México pós-revolucionário que vivenciava a conjuntura internacional decorrente da Segunda Guerra Mundial, levando a reacomodação da política exterior mexicana na América e no mundo, repensando o campo das letras e seus atores e o âmbito do livro e da educação no México - revindicando uma herança, mas também uma ruptura com o modelo Vasconceliano – um modo ‘culturalista’ de repensar a literatura e a economia política e um modo de reconfigurar a tradição a partir da seleção de novos recortes e a incorporação de novos temas, tais como: o liberalismo social e o evolucionismo, sendo sintomático que a revista se gestará no momento de surgimento da antropologia e da história das ideias como disciplinas autônomas que levaram a difusão de um novo conceito de cultura (WEINBERG, 2010, pp. 235-236).

A motivação primeira para efetivação da publicação foi à necessidade que a inteligência crítica do México, da América e dos Exilados Espanhóis sentiam de tomar um partido frente aos caminhos da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial, levando a consolidação de uma rede de solidariedade intelectual que advogava em defesa do pacifismo e do antitotalitarismo. O próprio formato da revista *Cuadernos Americanos*, que corresponde ao de uma *revista cultural* integrada por um tipo de artigo e notas em uma prosa de ideias assimiláveis ao *ensaio de interpretação*, resultou na solução editorial, estrutural e estratégica para esse novo projeto, que tinha como objetivo primeiro a conciliação hispano-americana por meio de uma política integracionista da cultura (WEINBERG, 2010, p. 236, grifos da autora). Esse clima de sociabilidade intelectual se traduz na possibilidade de retomar redes prévias e voltar a trazer os circuitos e as modalidades de circulação de uma revista. Segundo Liliana Weinberg,

Cuadernos Americanos retomará viejos y nuevos canales de circulación de publicaciones (las revistas modernistas por ejemplo), a la vez que recuperará aquellos vínculos más o menos formalizados trazados por la política de propaganda de la Revolución Mexicana y los circuitos ligados al arielismo, el juvenilismo, el reformismo universitario, el unionismo, el aprismo, el anticolonialismo y el temprano antiimperialismo, muchos de ellos a su vez traducidos en publicaciones, como las corrientes republicanas, a la vez que apelaría a los

nuevos contactos intelectuales y editoriales de la hora, como es el caso de la revista *Sur* (WEINBERG, 2010, p. 236-237, *grifo da autora*).

Com isso a revista se tornou uma publicação cultural de corte sociológico com uma alta proporção de artigos oriundos do âmbito da história, da história das ideias, das artes e da crítica literária. A participação do atual diretor da revista, Leopoldo Zea, através da publicação de artigos na revista *Cuadernos Americanos* data dos anos 1940, e tinham como principal temática a história das ideias na América Latina. A revista almeja articular um projeto intelectual e editorial de enormes proporções e se constitui assim em um ponto chave para colocar em relevo essa etapa constituída pelo desenvolvimento cultural e editorial modernizador da década de 1940, ligado ao fortalecimento do Estado nacional. Representa no mais, um ponto de vista privilegiado para observar um momento de normalização da revista cultural. *Cuadernos* pensa o mundo ao mesmo tempo em que tematiza com alta frequência o papel que a inteligência americana terá que cumprir para pensar-ló, traduz seu programa por meio de uma intervenção editorial na vida cultural, que por sua vez terá que validar a inserção de seus animadores na vida mexicana (WEINBERG, 2010, p. 238).

Cuadernos também serviu de cenário para as tensões entre as representações do ‘homem de letras’, que foi chave na autodefinição das elites tradicionais, e da do intelectual moderno, e nos permite traçar em particular o itinerário dessa figura de singular importância para o modelo de consolidação do Estado no México pós-revolucionário: a do servidor público dedicado a uma empresa cultural (WEINBERG, 2010, p. 239). Referente aos caminhos ideológicos e representacionais que a revista tomou muito se deve a seus principais colaboradores, que sem dúvida deram diferentes tons a publicação, que por vezes acarretou discordâncias acentuadas no interior do grupo de intelectuais que estavam envolvidos no projeto da revista. Segundo Liliana weinberg,

En la solapa se anuncia que se trata de una publicación bimestral y se añade entre paréntesis “La revista del Nuevo Mundo”, un dato de la mayor importancia en tanto esta expresión recubre sentidos dispares que a la larga entrarán en colisión: el mundonovismo mesiánico de Larrea, el sentido utópico racionalista y laico de Reyes y el sentido más fuertemente ideológico y enfáticamente político que le atribuirá Silva Herzog. Tras el fin de la Segunda Guerra Mundial, el alejamiento de Larrea y la temprana muerte de Reyes, se difuminarán los alcances de la expresión “Nuevo Mundo” y la mirada hasta cierto punto estetizante de las relaciones sociales y la historia, y será creciente la preocupación por dotar a la revista de un tinte latinoamericanista mucho más fuerte y de un mayor vuelco hacia la discusión de cuestiones políticas propias de América Latina, con especial énfasis en las ciencias sociales y en el problema del imperialismo (WEINBERG, 2010, pp. 248-249)

Com isso a dimensão latinoamericanista da revista se acentuará a partir do fim da Segunda Guerra Mundial e com a aproximação da revista com a luta anti-imperialista na América Latina e no

Caribe. A partir do divisor de águas que representou a Revolução Cubana se acentuaram as diferenças ideológicas de *Cuadernos Americanos* com a revista *Sur* e as afinidades com a tomada de posição de outras revistas, como *Marcha*, conforme se evidenciava através da aproximação dessas revistas em direção a defesa do latinoamericanismo, o anti-imperialismo e a crítica às ditaduras. A relação com a revista *Amauta*, em virtude da presença mais acentuada dos escritos de Haya de La Torre nos primeiros anos de *Cuadernos Americanos* é evidente, no entanto a recuperação do legado de Mariátegui será mais tardia. Com isso a revista articulou uma crítica cada vez mais direcionada a política norte-americana, também buscando tomar distância da política exterior soviética, ímpeto esse catalisado pelos sucessos econômicos, políticos e culturais da região latino-americana pela via do terceiro-mundismo e do não alinhamento (WEINBERG, 2010, p. 255).

Para explicar a criação da revista, é fundamental situá-la no contexto histórico de sua criação, com quais intenções ela fora criada, os agentes que pensaram seu projeto editorial e deram forma a ele, bem como as perspectivas e posições político/ideológicas que os motivaram a realizar tal empreendimento. O período histórico do qual faz parte a *Revista Cuadernos Americanos* pode ser considerado como um dos mais conturbados e convulsionados do século XX. A revista iniciou suas atividades no ano de 1942, ano em que o conflito da II Guerra Mundial não tinha ainda se encerrado mantém-se sendo publicada até o presente. Seu surgimento pode ser relacionado ao processo da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), devido ao contato de intelectuais espanhóis republicanos exilados e intelectuais mexicanos que receberam e acolheram seus companheiros no México. Todavia além do contexto internacional da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial, a cultura nacional mexicana a partir do século XX está altamente atrelada e de certa forma condicionada pelo advento de um evento impar na história do país e da América Latina, intitulada de Revolução Mexicana.

Uma leitura sociológica e histórica recorrente sobre a Revolução Mexicana sugere que tal processo histórico não levou a uma ‘verdadeira’ ruptura com o passado oligárquico de Benito Juárez, e mesmo de Porfirio Díaz. Ao fim do período revolucionário foram os valores modernizadores e capitalistas que se perpetuaram em detrimento das demandas e anseios populares. No entanto a revolução trouxe contribuições positivas à sociedade, como a valorização do nacionalismo e da cultura mexicana, sendo que cultura, a educação e a vida intelectual após a revolução se alteraram profundamente. Para Héctor Bruit tal revolução mudou profundamente a dimensão cultural e do sistema de valores da nação mexicana, sendo assim, a Revolução Mexicana – como todas as revoluções – mesmo que não tenha provocado grandes mudanças, processou

fundamentalmente uma crise, uma agitação e ebulição nacional em diversas esferas da sociedade mexicana, não só em níveis políticos, econômicos e sociais, como também e, sobretudo, na própria estrutura cultural mexicana (BRUIT, 1988, pp. 7-8).

Neste contexto emergem as condições necessárias para a formação do grupo intelectual mexicano chamado de: Ateneo de la Juventud em 1909, composto por: José Vasconcelos, Alfonso Reyes, Pedro Henríquez Ureña, Antonio Caso, Julio Torri, Martín Luis Guzmán. Tais personalidades vão influenciar diretamente na vida cultural do país, como, por exemplo, José Vasconcelos que chegará a ser Secretário Nacional de Educação e implantará um grande projeto de alfabetização popular dos camponeses e indígenas. Vasconcelos trabalhou em outras frentes, fomentando o muralismo e a aparição de uma nova expressão literária chamada de “novela da Revolução Mexicana”, com tudo o nacionalismo cultural de Vasconcelos não deve ser exagerado, pois também insistiu na urgência de conhecer os clássicos da literatura mundial, desde os gregos até Tolstoi (GARCIADIEGO, 2010, p. 37). Segundo Lidia Girola, “el clima intelectual, sobre todo después de 1920, era de exaltación patriótica y toma de conciencia de lo propiamente mexicano, los artistas pintaron, escribieron y musicalizaron temas populares, y la plana mayor de la joven generación de universitarios fue convocada y promovida en diversos puestos importantes del gobierno (GIROLA, 2016, p. 12).

No contexto de deflagração da Guerra Civil Espanhola, o México era governado pelo então presidente Lázaro Cárdenas (1934 a 1940), que desde o início da beligerância demonstrou apoio à República Espanhola através de representações diplomáticas junto a Sociedade das Nações (posteriormente denominada ONU). Tal órgão internacional se posicionou contrário a uma intervenção já que tal contenta estava circunscrita a nação espanhola, posição majoritária essa, defendida principalmente pela Inglaterra e a França. Todavia os representantes do governo de Cárdenas defendiam que a própria Guerra Civil Espanhola já era uma beligerância de perspectivas internacionais e transnacionais, já que a Espanha nacionalista de Francisco Franco recebia apoio direto de nações agressoras tais como: a Alemanha e a Itália. Segundo esse argumento lutar contra Franco na Espanha, ao lado da Espanha republicana, era lutar contra a expansão e hegemonia do nazi-fascismo na própria Europa. Tal argumento e posição foram defendidos pelo governo do México perante a Sociedade das Nações nos anos 1930 e ganharam força durante a Segunda Guerra Mundial (1940 – 1945).

O período de governo do general Cárdenas Lázaro Cárdenas se caracterizou por um grande impulso na direção das reformas sociais básicas como a reforma agrária, diminuição da

desigualdade social e empoderamento dos setores operários e camponeses. Muitos autores estão de acordo que o governo Cárdenas foi o último que sustentou os objetivos originais da Revolução, e sua política educativa e cultural constituiu um momento de auge para muitos intelectuais mexicanos e intelectuais espanhóis exilados no México. Para Lidia Girola, “uno puede considerar el acto como uno de extrema solidaridad y generosidad ante la crisis de la madre patria por parte de México, pero también como la oportunidad de integrar al débil panorama cultural mexicano, la experiencia y los conocimientos de los españoles, que después de 40 años de bonanza, se habían constituido en una fuerza importante de la cultura en Europa” (GIROLA, 2016, p. 14).

Esse processo está presente na consolidação da *revista España Peregrina*, que era formada por apenas intelectuais espanhóis no exílio, que não conseguiu manter-se em decorrência de problemas financeiros e o que levou a um pedido de financiamento por parte destes intelectuais para alguns intelectuais mexicanos e acabam recebendo uma contraproposta para que abandonassem o antigo projeto e se vinculassem a uma revista que integrasse intelectuais mexicanos e os exilados espanhóis. O foco da revista seria ainda a crítica ao franquismo, a unidade cultural dos intelectuais no exílio, e a integração hispano-americana. Como veremos posteriormente esse foco começa a alterar-se a partir dos anos 1949 por causa da hegemonia mexicana no interior do periódico e a mudança das preocupações políticas que estavam voltadas ao regime totalitário, que já tinha se consolidado e aceito pela comunidade ocidental internacional, e se direcionarão ao problema do imperialismo norte-americano no continente americano por meio da política de boa vizinhança e o projeto Pan-americanista. O patrocínio de uma revista que tratasse das perspectivas e discussões intelectuais espanholas acerca da cultura e do exílio era fundamental para as ações políticas de intervenção e crítica social destes intelectuais. Segundo o secretário da Junta, Juan Larrea,

En sesión extraordinaria presidida en la Legación por el Lic. Bassols, se decidió de común acuerdo la víspera de la partida, arrendar en la capital mexicana un local adecuado para el mejor desenvolvimiento de la empresa cultural emigrante – reuniones, conferencias, exposiciones artísticas, etcétera – a la vez que editar dos revistas: una con destino a un público extenso, y otra de nivel cultural superior, mas estrictamente española y, por ello, restringida. Todo lo cual se registró en un acta firmada por el Presidente de la Junta, José Bergamín, que recibió de manos del Lic. Bassols un cheque de diez mil dólares, documento de compromiso que como no es de creer que desapareciera ha de obrar con seguridad en los archivos diplomáticos (LARREA, 1992, p. 24).

A revista tinha como missão principal a crítica ao regime franquista através do debate intelectual e da circulação das ideias dos republicanos exilados espanhóis, em sua grande maioria católicos. Essa orientação religiosa imprimiu um forte teor à revista *España Peregrina*. Quase noventa por cento da inteligência hispânica se encontrava no exílio e *España Peregrina* foi o nome

da revista que começaram a editar os intelectuais refugiados no México, em fevereiro de 1940. Esta revista pode ser considerada contígua a revista *Cruz y Raya*, que na Espanha representou a resposta do catolicismo progressista ao programa político republicano, e se sua edição durou apenas um ano, sua importância reside em ser a primeira expressão intelectual no exílio (TÍSSERA, 1997/1998, p. 220). A revista *España Peregrina* esteve em exercício sob a direção de José Bergamin, José Carner, Juan Larrea e Eugenio Ímaz, que eram membros fundadores da Junta de Cultura Espanhola (JCE), eram responsáveis por essa publicação. Ela circulou, principalmente, entre os exilados e abordava temáticas relacionadas à tragédia vivida pelo povo espanhol em decorrência da vitória do regime franquista, a importância da unidade dos intelectuais exilados para que a identidade cultural republicana espanhola não subsumisse em consequência da diáspora republicana, também tinha como prerrogativa a defesa do ideal Republicano e da sensibilização dos povos de língua espanhola, voltada a solidariedade destes, para com a salvação da moral e dos valores que representavam a parcela da Espanha no exílio (TÍSSERA, 1997/1998, p. 221). Sua periodicidade era mensal e seu primeiro número surgiu em janeiro de 1940, porém, em decorrência de problemas econômicos e de financiamento por parte dos órgãos espanhóis, tais como a SERE, de apoio aos refugiados¹³, teve dez números publicados e encerrou suas atividades em 1941, após passar por grandes dificuldades para editar o número duplo: oito – nove, sendo que seu último volume, o dez, já preparado para publicação em 1941, teria que esperar até 1977 para ser publicado pela mão de outro exilado espanhol, Alejandro Finisterre que dava continuidade ao legado de Juan Larrea.

Como responsável pela revista *España Peregrina*, Juan Larrea tentou encontrar alternativas para o financiamento do periódico e a continuidade do projeto, com isso, sugeriu a cúpula diretiva que se buscassem anunciantes e/ou financiadores mexicanos e dos países hispano-americanos. A través de uma consulta ao poeta mexicano Bernardo Ortiz de Montellano, sobre quem poderia dar tal auxílio financeiro à revista, chegou ao nome de Jesús Silva Herzog, que no período atuava na Comissão de Estudos Financeiros, vinculada a Secretária da Fazenda do México. Em fevereiro de

¹³ “Sólo hacia cuatro meses que se había inaugurado el local de la institución, el 11 de febrero, y se habían realizado en oportunidades sucesivas, exposiciones de pintura y actos conmemorativos, como el mencionado en honor de Machado. Pero a partir de ese mes de junio y sobre todo del siguiente, la Junta se vio obligada a soportar un asedio de penurias. Se tropezó con dificultades para abonar los sueldos de los empleados de la casa. El SERE o Servicio para la Evacuación de Republicanos Españoles, tuvo que venir, aunque muy módicamente, un poco en nuestro auxilio, Las actividades se restringieron. La revista se vio entornar los portones de los Talleres Gráficos. Por indicación del Dr. Puche, director del SERE, solicitamos en carta colectiva, algún apoyo del Dr. Negrín, a la sazón en Londres, y gestor responsable de los bienes de la República. No debió éste juzgar oportuno otorgárnosla, puesto que a pesar de las firmas muy prestigiosas que la calzaban, y entre ellas las de algunos amigos personales suyos, ni siquiera nos acusó recibo (LARREA, 1992, p. 35)”.

1941, Juan Larrea, León Felipe e Bernardo Ortiz de Montellano visitaram Jesús Silva Herzog com a missão de pedir sua ajuda financeira. De acordo com Juan Larrea, não alcançaram o primeiro objetivo de manter a revista dos intelectuais exilados em funcionamento, no entanto saíram da tal reunião com uma proposta de um novo projeto intelectual que reunisse exilados e mexicanos na produção de uma revista de cultura.

A revista *España Peregrina* havia sido gestada por intelectuais espanhóis em situação de exílio que imaginavam que tal situação seria passageira e transitória, acabam por se convencer, por meio de um sentimento de derrota e desesperança de retorno à terra natal, que o cotidiano impelia ao enraizamento definitivo desses pensadores ao solo mexicano, e sua integração a ambiência sociocultural mexicana. O fim da revista e a realização de um novo projeto editorial como *Cuadernos Americanos – Revista del Nuevo Mundo* no México se dão em meio ao fortalecimento do nacionalismo. A transição de um periódico a outro levou diferentes autores a perceber uma linha de continuidade entre ambas as revistas. Para Adalberto Santana não se pode falar da origem de *Cuadernos Americanos* “sin mencionar otra revista que la inspiro y a cuyo espíritu daría continuidad: *España Peregrina*, órgano de difusión de la Junta de Cultura Española en el exilio (SANTANA, 2008, p. 18)”. Já Ascensión Hernández de León Portilla defende que o vínculo entre ambas as revistas é tal que “en realidad, la revista nunca murió; más bien se transformó en una publicación que de ser conciencia de los valores universales de España, pasó a ser la conciencia de los valores universales de todo un continente (1995, p. 250)”.

Para a socióloga mexicana Lidia Girola não seria possível pensar a cultura no México sem considerar a contribuição substancial da migração espanhola. Os transterrados espanhóis, como eram chamados, contribuíram de maneira muito importante para o surgimento e consolidação de alguns dos empreendimentos culturais mais importantes da época e sua marca se estende ao longo do século XX. A articulação e entrelaçamento da produção entre intelectuais mexicanos e espanhóis, foram a origem e sustentação de publicações, instituições culturais e de ensino que marcaram a história da cultura no México (GIROLA, 2016, p.24).

Nas palavras pronunciadas por Alfonso Reyes frente um seletivo grupo de personalidades mexicanas e espanholas no ato de apresentação do primeiro número da revista *Cuadernos Americanos*, em 30 de dezembro de 1941, ressaltou a solidariedade entre espanhóis e mexicanos que deram diversos frutos através do diálogo entre iguais e a cooperação conjunta levou a construção da revista conjunta. Nas palavras de Reyes, “así, penetrados de este sentimiento de solidaridad, penetrados del pleno sentido humano que representamos, estamos prontos a entablar el

diálogo entre iguaes. Y para este fin, y en la medida de nuestras fuerzas, salen hoy, en México, los Cuadernos Americanos, mediante la cooperación de un puñado de hombres de buena voluntad. No pretendemos llevar la voz: igual honor correspondería a cualquiera de nuestras repúblicas. (REYES, 1942, p. 10). Do ponto de vista das condições materiais para o desenvolvimento da nova empresa da Cuadernos Americanos também remetem a existência da revista *España Peregrina*. Em carta de desforra enviada por Juan Larrea, secretário da *España Peregrina* até seu fechamento e secretário da *Cuadernos Americanos* de 1942 a 1949, a Jesús Silva Herzog aponta para tal realidade. Segundo Juan Larrea,

En la habitación que ocupa usted actualmente como director de *Cuadernos*, se encuentra usted rodeado de aquellos mismos muebles de que estaba rodeado yo en *España Peregrina*, por las mismas estanterías, por los mismos libros. La secretaria de *Cuadernos* usa los muebles de *España Peregrina* y sus útiles de oficina, se sirve de la misma máquina en que escribieron algunos originales y facturas del órgano literario de la Junta de Cultura Española. Y está usted apoyando, siquiera en parte, aunque tal vez sin darse entera cuenta, el mismo ideal que reinaba allí. Porque en aquel recinto se hablaba de dos cosas principalmente: de la reanudación de *España Peregrina*, en primer lugar, y, en segundo, de su deseable e inevitable transformación en una revista mexicano-española, de carácter continental, más apta instrumentalmente para defender y propagar los conceptos humanos que nos incandescían (LARREA, 2003, p. 94).

O próprio Jesús Herzog nunca negou tal aproximação e relação entre ambos os bens simbólicos. Em uma carta de 1977, reconheceu que sempre tem dito que *Cuadernos Americanos* é em certa medida herança da revista *España Peregrina* criada por vários distintos intelectuais espanhóis exilados no México, fugindo do fascismo instaurado por Franco na Espanha com a ajuda de Hitler e Mussolini (HERZOG, 1992, p. 119). A primeira estratégia para a introdução da revista no mercado editorial mexicano e latino-americano se consistiu em buscar os fundos necessários para seu financiamento e, com esse fim, em maio de 1941, Ortiz de Montellano, León Felipe e Juan Larrea redataram três informes, um cada, nos quais expõem as motivações do nascimento da revista compartilhada por espanhóis e mexicanos e explicavam seus princípios e orientação¹⁴. Tal documento era apresentado por Jesús Silva Herzog para evidenciar os objetivos da revista aos possíveis doadores e financiadores. Devido a seus contatos e transitoriedade no interior do governo mexicano lhe permitiu reunir os primeiros 17.000 mil pesos de procedência muito diversa, através da arrecadação de pequenas quantidades de dinheiro, 500 pesos de cada investidor. Com o objetivo de reunir 30.000 mil pesos para dar início à revista, Herzog firmou em 22 de agosto de 1941 um

¹⁴MONTELLANO, Bernardo Ortiz de; FELIPE, León; LARREA, Juan. Gestación de Cuadernos Americanos. *Revista Cuadernos Americanos* – Nueva Época. Año VI, Vol. 1, n. 31, Enero-Febrero, 1992. Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). pp. 16-22. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-31.pdf>.

contrato de fideicomisso¹⁵ com a Nacional Financiera do México S.A¹⁶ de trinta anos de duração. Tal acordo levou a transmissão de responsabilidade da curadoria da revista, a pedidos de Herzog, a Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM, após a morte do mesmo em 1985. Segundo Jesús Silva Herzog,

Yo hablé con 60 amigos solicitando su ayuda pecuniaria. Así reuni la suma de \$30.000 y nos lanzamos a la magna empresa. Por esto yo he dicho que Cuadernos Americanos es un milagro de la amistad, don generoso que algún dios benévolo destiló sobre el corazón del hombre para aliviar su desamparo, su angustia, su dolor y su desesperanza. Y la amistad de muchos no ha cesado de contribuir de diversos modos a la existencia de nuestra publicación. De aquí que confieso que he puesto en la empresa mi dedicación, mi constancia, mi entusiasmo, mi pasión amorosa o mi amor apasionado. Debo también mencionar a don Rafael Loera y Chavéz y a sus hijos, eficientes colaboradores que con singular empeño tuvo el primero y lo han seguido teniendo los segundos, en cuanto al cuidado de la impresión de la revista (HERZOG, 1967, p. 58).

A estratégia de pedir financiamento de 500 pesos por investidor foi utilizada para que dessa forma se pudesse evitar a falência súbita e total e também para que se pudesse garantir a independência da revista e se evitasse o nunca desejado cerceamento cultural a interesses políticos de um único mecenas, como alguma instituição do governo federal ou investidor interessado em bens simbólicos como revistas. Segundo Octavio Barreda¹⁷, “cuando íbamos en el número 72 de *Letras de México*, correspondiente a febrero de 1942, apareció *Cuadernos Americanos*, proyectada principalmente por Juan Larrea y respaldada económicamente por un famoso funcionario hacendado de la época, don Jesús Silva Herzog (BARREDA *apud* NEIRA, 2006, p. 18)”.

¹⁵Estipulação testamentária em que o testador constitui uma pessoa como legatário ou herdeiro, mas impõe que, uma vez verificada certa condição, deverá transmitir a outra pessoa, por ele indicada, o legado ou a herança; substituição, fideicomissória.

¹⁶A Nacional Financiera S. A. (NAFIN) do México, foi criada por Decreto de 24 de abril de 1934, assinado pelo Presidente Abelardo Rodríguez e é um banco de desenvolvimento. O capital da instituição foi fixado em 50 milhões de pesos, para os quais o Governo Federal deveria contribuir com 25 milhões, sendo que 1/3 em dinheiro ou créditos e o resto em bens imóveis. Embora o decreto tenha fixado como primeiro objetivo da instituição a restauração da liquidez do sistema bancário, suas disposições não se restringiam a essa finalidade, mas já continham a base legal para a maioria das atribuições que a instituição viria a exercer, inclusive as de promoção industrial e, estabelecimento de um mercado de títulos. Pelo seu decreto constitutivo, a Nacional Financiera foi orientada no sentido de trabalhar para o estabelecimento de um "verdadeiro mercado de títulos", e com esse objetivo empreende, todos os tipos de operação a que estava autorizada por seus estatutos. Assim e que, já em 1935, comprou e vendeu 2 milhões de pesos em títulos e, rapidamente, elevou suas transações anuais para o nível de 44 milhões em 1937, e 73 milhões em 1940. Em 1937 a NAFIN realizou a primeira emissão de papéis próprios na forma de "títulos financeiros", no valor de meio milhão de pesos. A fim de estimular o mercado para tais títulos recusou a vendê-los exclusivamente a instituições de crédito, mas encontrou dificuldades em colocá-los diretamente, tendo gasto três anos para a absorção total da emissão. Mas, em 1940, já havia firmado renome como a instituição mais influente no mercado de títulos mexicanos (MOREIRA, 1964, p.299).

¹⁷BARREDA, Octavio. *apud* NEIRA, Ana González. La guerra civil y el exilio en la prensa cultural mexicana. Congreso Internacional: La Guerra Civil Española 1936-1939. 2006. pp. 1–24.

É importante ressaltar a independência econômica da publicação, que se manteve desde sua fundação até que passou a ser propriedade da UNAM. Possivelmente Herzog implementou essa condição devido a experiência pela qual passou, quando pertenceu a Junta de Governo para o editorial *Fondo de Cultura Económica – FCE* fundada em setembro de 1934, já que essa importante empresa editorial mexicana, nasceu e se manteve por meio de financiamentos governamentais, onde esses mesmos ocasionaram intervenções e limitações no seu trabalho de difusão. Essa vivência fez com que Herzog sustentasse as seguintes palavras, “una editorial oficial, dígame lo que se diga, jamás podrá gozar de completa libertad” (HERZOG, 1972, p. 162).

Já que o projeto da nova revista era uma iniciativa compartilhada por mexicanos e espanhóis seus gastos deveriam ser compartilhados. Devido à influência pessoal de Herzog, os cinquenta por cento com que abarcariam os mexicanos foram angariados. No entanto a contribuição que deveria ser aportada pelos espanhóis, dos outros cinquenta por cento, não se efetivou devido às dificuldades financeiras da República Espanhola no exílio; apenas puderam contar com mil pesos obtidos junto ao diretor da SERE. Em virtude desse desequilíbrio orçamentário, houve uma divisão dos poderes da seguinte forma: a direção da revista coube a Jesús Silva Herzog e Juan Larrea ocupou o cargo de secretário geral da revista. Segundo este,

En otras palabras, convenía a mi parecer que, tal como estaban las cosas, Don Jesús Silva Herzog fuese su Director visible y nosotros, Bernardo y yo, codirectores adjuntos, secretarios o jefes de redacción, según se prefiriese. Pero como Bernardo se negó a aceptar otro título y cargo que no fuese el de Director mexicano, yo me decidí a recomendar el cambio proponiendo a Don Jesús como Director y a asumir con sus múltiples responsabilidades y peligros, las incumbencias amplísimas de una Secretaría obligada a resolverlo absolutamente todo. Lo que resultó ser un memorable acierto. Ya en marcha la revista, Bernardo dejó de pertenecer a la Junta de Gobierno, siendo sustituido, a propuesta mía, por Don Alfonso Caso. Y como León Felipe, mediante una de sus clásicas “espantadas” de libertario contumaz, nos dio a entender al poco que prefería no hallarse presente en la organización, hubimos de cubrir su vacante con la presencia de nuestro admirable y nunca bastante llorado de Eugenio Ímaz (LARREA, 1992, p. 39).

A junta de Governo que servia como órgão administrador da revista *Cuadernos Americanos* era composta pelos seguintes integrantes:

Tabela 1: Junta de Governo diretiva da *Cuadernos Americanos – Revista del Nuevo Mundo*.

Nome:	Nacionalidade:	Cargo:	Áreas de conhecimento e atuação:
Jesús Silva Herzog (Diretor Geral da <i>Cuadernos Americanos</i>)	Mexicano	Diretor da Escola Nacional de Economia de México.	Economista, Escritor, Periodista.
Daniel Cosío Villegas	Mexicano	Diretor geral da <i>Fondo de Cultura Económica – FCE</i> .	Economista, Historiador,

			Sociólogo, Cientista Político, Ensaísta.
Máριο de la Cueva	Mexicano	Reitor da Universidad Nacional Autónoma do México – UNAM.	Jurista, Advogado, Acadêmico.
Alfonso Reyes	Mexicano	Presidente do Colégio de México – Antiga Casa de España.	Poeta, Ensaísta, Tradutor, Diplomata.
Bernardo Ortiz de Montellano	Mexicano	Ex-diretor da revista mexicana <i>Contemporáneos</i> .	Poeta, Escritor, Ensaísta, Dramaturgo, Narrador e Tradutor.
Manuel Martínez Baéz	Mexicano	Presidente da acadêmica de Medicina do México.	Médico Patológico, Escritor, Acadêmico.
Eugenio Imaz	Espanhol	Professor da Universidade do México.	Filósofo, Tradutor, Literato, Advogado.
Juan Larrea (Secretário Geral da Cuadernos Americanos)	Espanhol	Ex-secretário do Arquivo Histórico Nacional de Madrid.	Poeta, Bibliotecário, Arquivologista, Editor.
Pedro Bosch Gimpera	Espanhol	Ex-reitor da Universidade de Barcelona.	Arqueólogo, Antropólogo, Advogado, Professor.
Manuel Márquez	Espanhol	Ex-decano da Universidade de Madrid.	Acadêmico.
Agustín Millares Carlo	Espanhol	Ex-Catedrático da Universidade de Madrid.	Paleógrafo, Bibliógrafo, Acadêmico.

Fonte: *Revista Cuadernos Americanos – Nuevo Mundo*, Año I, Vol. I, Núm. 1, Enero-Febrero, 1942, p. 9. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1942.1/CA.1942.1.pdf>. Acessado em: 24 de outubro de 2017.

A Junta de Governo, que entre outras funções, tinha por atribuição a seleção dos textos para o editorial, no entanto era demasiado restrito tanto do ponto de vista da quantidade de seus integrantes quanto das suas nacionalidades. Temos onze integrantes homens, sendo seis mexicanos e cinco espanhóis. De acordo com Fernanda Beigel, “uno de los principales obstáculos a la hora de encarar el estudio de una revista cultural reside en la heterogeneidad de sus colaboraciones [...] (BEIGEL, 2003, p.113)”. Como se pode observar na composição da Junta, não temos presente à figura de nenhuma intelectual mulher, o que denota a dominação masculina da vida intelectual mexicana de meados do século XX. Outro fator que se apresenta é a composição partilhada entre mexicanos e espanhóis da junta, porém com a hegemonia dos intelectuais mexicanos. Também temos a questão desses pensadores representarem um tipo de “intelectual” aos moldes dos “Homens de Letras” do final do século XIX e começo do XX, que não se restringiam a uma especialidade ou área de atuação, transitando entre várias atividades e instituições culturais e políticas, em grande parte esses pensadores faziam parte do Estado e da estrutura governamental, assim como o eram os espanhóis exilados que estavam articulados a estrutura educacional universitária e científica na Espanha, atividade que vão exercer no México de maneira mais segregada e pormenorizada, já que

mesmo recebendo os refugiados espanhóis, o governo mexicano seguia uma perspectiva nacionalista nesse período. O papel do Secretário Geral da Junta, Juan Larrea para o funcionamento da revista foi imprescindível. Silva Herzog reconhece: “La cooperación de Juan Larrea, durante los primeros ocho años, merece mención especialísima, pues sin ella tal vez la revista hubiera fracasado (HERZOG, 1961, p. 11)”. E insiste,

Acto de justicia es recordar la participación de Juan Larrea en la dirección de la revista, desde el primer número (enero-febrero 1942) hasta el de septiembre-octubre de 1949. Él fue quien ideó la forma de presentación, las características ondas evocadoras del mar en movimiento, la división en secciones y los rubros sugerentes de las mismas. *Cuadernos Americanos* es mucho lo que debe al poeta y escritor español (HERZOG *apud* FINISTERRE, 1992, p. 120).

Para Juan Larrea, “como ya se lo escribí en otra ocasión, no faltan razones para considerarme a mí la ‘madre’ de Cuadernos, y realmente no honra a ningún hijo desconocer o menospreciar haciendo gala de chismosas pasiones, a la autora de sus días. Supongo que no tendrá usted reparo en reconocerme inter nos dicha ‘maternidad (LARREA, 2003, p. 92)’. Segundo o próprio Larrea, como secretário da revista, e por vezes assumindo a atividade de codiretor, ficava incumbido e concentrava inúmeras tarefas. Assim em uma carta enviada a Fernanda Iglesia em 1960, se qualificava como um ‘homem orquestra’. Nas palavras do poeta, “me fue dado promover, contra viento y marea, la publicación de Cuadernos Americanos, que estructuré y sobre cuyo destino vele directamente como secretario–y haciendo de hombre orquestra–mientras me fue posible [1942–1949] (LESTEIRO, 1995, p. 16)”.

A revista *Cuadernos Americanos* no período pós-guerra vai assumir uma postura crítica frente ao Pan-americanismo e a Política de Boa Vizinhança dos Estados Unidos da América. Tais posturas serão encaradas como mais um movimento do expansionismo imperialista da nação do Norte – a tomada do Texas em 1846 no período da marcha para o Oeste levou a expropriação da metade do território mexicano no século XIX– frente aos países da América Latina. Tal postura política do periódico vai irritar profundamente a seu secretário Juan Larrea, que diz que a revista *Cuadernos Americanos*,

Cada vez será más mexicana en sentido estrecho y nacional y menos hispanoamericana y mexicana-universal como se pretendía [...] De otro lado, no es una actitud ni un modo de ver universal sino regional, atacar por sistema, como Cuadernos lo viene haciendo y sin razones suficientes a los Estados Unidos, cuyas actitudes ni actividades pueden ser siempre malas. [...] Como ya en otras circunstancias no ha interpretado usted con la debida justeza mis reacciones, me creo obligado a decirle que no guardo ningún resentimiento por haber tenido que dejar esa secretaría que, según cuentan las crónicas refiriéndose a sus propia palabras, deseaba usted absorber hace tiempo, cosa que explica no pocas. (LARREA, 2003, pp. 103-105).

Tais diferenças entre Larrea e Herzog levaram o primeiro a sair da secretaria da revista em 1949, logo em seguida foi para os Estados Unidos da América, onde recebeu uma bolsa de pesquisa da Fundação Rockefeller para realizar um estudo sobre a poesia no continente americano. Em seguida foi convidado para ser docente na Universidade Nacional de Córdoba na Argentina, onde lecionou e residiu até seu falecimento em 1980. Em uma carta a Herzog, Juan Larrea vai expor mais sinteticamente qual a orientação e projeto editorial a revista seguia, durante os anos que ele foi responsável administrativo e técnico da *CA – Nuevo Mundo*. De acordo com o poeta espanhol,

Ahora bien, no creo que nadie pueda discutirme con justicia la maternidad de la criatura puesto que todos los caracteres de esa su originalidad, tanto los externos como los internos, le llegaron por mi cauce.

Esos caracteres derivan de los siguientes principios:

Comprensión de la cultura como un todo orgánico, vivo y universal, no limitado a los problemas del conocimiento y de la creación artística, ni a las especializaciones fragmentarias, sino llamado a tomar conciencia de sí mismo, e integrarse en síntesis, a entrar en operación creadora.

Inseparabilidad, por tanto, de los criterios científicos, históricos y artísticos de los problemas llamados políticos y de los sucesos históricos actuales que piden una comprensión dilucidada, objetiva y orgánica, adecuada a aquella razón de conjunto, y que exige del hombre ilustrado una inteligencia no diremos beligerante pero sí dinámica, creadora. Insuficiencia patente de los valores antiguos y urgencia de estimular la creación de otros nuevos y más evolucionados, fomentando en esta dirección el sentido de responsabilidad de los intelectuales de nuestro mundo.

Creencia de que el continente americano está llamado a realizar los aportes de conciencia necesarios para infundir caracteres de mundo nuevo y distinto a ese todo cultural naciente por ser propio de su destino dar cuerpo, al contacto con la universalidad a una entidad diferenciada, a un hombre y a una cultura nuevos.

La participación española en ese proceso es elemento esencial porque corresponde a su contenido histórico, a la tendencia innata de su destino y al sentido de los acontecimientos actuales servir de puente entre mundo y mundo. De aquí, que su participación en la empresa sea, no instrumental, sino sustantiva.

Los caracteres que derivan de estos principios son:

— La división de la revista en cuatro secciones, con cuatro nombres poéticos distintos correspondientes a los cuatro grandes horizontes creadores en cuya confluencia está situada. Estructuralmente, representa la unión de cuatro revistas complementarias, acordadas orgánicamente a la consecución de un solo fin.

— La importancia primordial dada, conforme a aquella índole viva, a los problemas del día que deben ser comprendidos, a ser posible, en función de una conciencia creadora universal.

— Una orientación americana por sobre cualquier nacionalismo y sobre el europeísmo, con miras a la universalidad.

— Estudio del pasado a instancia del presente y ambos en función del porvenir, sirviéndose de la arqueología como medio para fundamentar el aspecto continental y americano de la empresa, así como favorecer su difusión.

— Ilustración gráfica intencionadamente poética con el diseño de reforzar el texto y de estimular el ejercicio de la imaginación creadora.

— Notas bibliográficas como medio para tocar indirectamente y con miras creadoras los problemas complementarios más interesantes dentro de las posibilidades, desentendiéndose de la crítica corriente de libros.

Pues bien, todos estos caracteres, creo que sin excepción-es decir, salvo un título y medio que se deben a Imaz de los cuatro de las secciones, y el título de la revista adelantado por don Alfonso Reyes- fueron aceptados a propuesta mía cuando no puestos en práctica directamente. Recuerdo que la aceptación de alguno de ellos, como el de consagrar una

sección a los problemas y sucesos de nuestro tiempo y el de ilustración gráfica requiere despliegue, uno de tenacidad y otro de insistencia. Que la arqueología figurara en la revista y a ser posible en casi todos los números, tampoco fue cosa comprendida de inmediato. En este aspecto hasta la participación posterior de don Alfonso Caso en la Junta de Gobierno se debió a proposición y a gestiones mías ya que las relaciones entre ustedes, por razones que usted me expuso, se conjugaban a la sazón en tiempo frío.

A todo lo cual debe añadirse la publicación de libros complementarios de las secciones, a la que puso usted resistencia algún tiempo.

Y nada se diga de la constitución material, desde el dibujo y disposición de la portada y forros hasta los caracteres del papel y los detalles de impresión más nimios. Me incumbió a mi determinar todo. (LARREA, 2003, pp. 98-100).

Juan Larrea diz que muitas das decisões técnicas foram tomadas por ele mesmo sem a intervenção de outros integrantes da revista, o que é no mínimo questionável, já que tal empresa além de ser uma iniciativa conjunta, tinha a hegemonia dos mexicanos, que financiaram majoritariamente tal periódico e onde a figura de Jesús Herzog é emblemática. Quando Larrea se refere ao continente americano como Nuevo Mundo que teria como missão realizar aportes na consciência da totalidade cultural da humanidade vê traduzidos nas ideias de Larrea a perspectiva decadente em que a razão ocidental emergiu, durante e, após a Segunda Guerra Mundial. Também na conceituação de Novo Mundo, Larrea visa imputar ao continente americano a característica de infantilidade, onde a Espanha assume a atribuição de servir como ponte entre o velho e o novo mundo, ou seja, de servir como tradutor da cultura e da razão europeia na América, para que está possa criar um ente novo, mas que carregue o espírito da Europa antes das Guerras do século XX, que trás a tona também uma visão messiânica de salvação da humanidade, que na experiência espanhola, é a Europa.

Dito isto, existem relações e disputas pelo poder entre os espanhóis e os mexicanos colocados no interior da revista. Como contraponto a assertiva de Larrea, achamos importante trazer à luz as concepções de Jesús Herzog sobre a função social da revista nos anos de 1940, a saber: de resistir aos assédios das nações que poderiam vir a ser vitoriosos na 2ª GM e assim, definir uma identidade própria pautada nas analogias históricas e nas semelhanças dos problemas sociais, unidos como ibero-americanos e solidarizados com os republicanos espanhóis poderíamos efetivar o objetivo de Bolívar de integrar o continente e influenciar na trama histórica universal. Segundo Jesús Silva Herzog,

[...] en esta hora intensamente trágica de la historia [...], en esta hora en que la ruina y la desolación amenazan invadirlo todo, es preciso que se oiga un grito salvador [...] ese grito no lo puede lanzar la Europa torturada, ni quizá tampoco los Estados Unidos porque lo apagarían las voces imperativas de los financieros; tiene que brotar de gargantas americanas, de nuestra América [...]

Finalmente, es preciso que los iberoamericanos nos preparemos para el futuro inmediato en cuanto la guerra termine. Si Alemania triunfa intentará la germanización de nuestra América, y cosa semejante sucederá si obtienen la victoria otras potencias. Nosotros

debemos defendernos, debemos vaciarnos en moldes propios, sin que, por supuesto, nos neguemos a aceptar corrientes ideológicas de fuera, cuando ellas se adapten a nuestra realidad y sean ventajosas para nuestro desenvolvimiento. Tengamos conciencia de nuestras analogías históricas, de las semejanzas en varios de nuestros problemas; tengamos conciencia de nuestra personalidad como naciones que tienen características privativas, porque unidos los de Iberoamérica en un propósito común, con la eficaz cooperación intelectual de los españoles ilustres que han encontrado asilo en nuestras patrias después del desastre de la República, nos será posible actualizar el sueño de Bolívar e influir por vez primera en forma decisiva en el drama de la historia universal. (HERZOG, 1942, pp. 15-16)

Também no terceiro número da revista, na seção *Presencia del Pasado*, foi publicado um texto sem assinatura, com características de editorial, que especifica a preocupação central dos editores da revista, de estimular o conhecimento da América por meio de um humanismo continental, que teria por objetivo a resolução dos problemas postos à conjuntura social do contexto histórico mexicano, que visa desenvolver um projeto nacionalista e de defesa do republicanismo.

El verdadero propósito de CUADERNOS AMERICANOS no podría definirse mejor: favorecer el conocimiento de América. Embarcarse en tal empresa es, a juicio nuestro, el modo más eficiente, si no el único, que se halla al alcance de muchos millones de seres humanos para realizar de un modo integral y concreto aquellas ansias de superación e incluso de legítimo bienestar material y espiritual que la especie ha depositado en cada uno de sus individuos. [...] CUADERNOS AMERICANOS que nunca se propusieron realizar una obra meramente literaria o académica sino que se concibieron como un instrumento apto para responder a las exigencias creadoras de un humanismo continental, hace un llamamiento a las personas e instituciones directamente interesadas en este asunto. Antes de que se modifique o desaparezca la actual coyuntura favorable, antes de que vuelva a subir la marea histórica que impida toda construcción, deben darse aquellos pasos decisivos que hagan imposible retroceder en la resolución del problema [...]. (1942, [s.a], pp. 117-120)

Essa noção de integração dos povos ibero-americanos, e de sua “mãe” Espanha vai ver reforçada por grandes nomes da inteligência mexicana, que compunham a junta de governo responsável pelo periódico. Para corroborar com a ideia de homogeneidade do continente, era importante ressaltar os pontos de identidade. Para Alfonso Reyes, os elementos de homogeneidade e heterogeneidade dos povos ibero-americanos seriam:

[...] La primera observación se refiere a la consigna que América trajo al mundo desde el día de su aparición. Tras de haber sido presentida por mil atisbos de la sensibilidad, en la mitología y en la poesía, como se fuera una forma necesaria de la mente, América aparece como una realidad geográfica. [...] La segunda observación se refiere a algo que, a primera vista, parecía una deficiencia: el carácter colonial o subordinado de los orígenes americanos. [...] La tercera observación se relaciona muy de cerca con la anterior, y especialmente se refiere a los hábitos internacionales en un sentido más limitado y político. De un modo general y sin entrar en odiosos distinguos, los pueblos de la América, por el impulso de su formación histórica semejante, son menos extranjeros entre sí que las naciones del Viejo Mundo. Hay comunidad de bases culturales, de religión y lengua. [...] En cuanto a las diferencias o heterogeneidades americanas, se reducen a los conceptos de raza y lengua. De la raza dijimos ya lo bastante y casi da enojo insistir. [...] Es innegable que las diferencias de lengua establecen hiatos, innegable que cada lengua se funda en una metafísica o representación del mundo. Pero este hiato camina a la evanescencia práctica dentro de las comunidades culturales de la humanidad presente. En que las minorías

creadoras de normas se educan y piensan en varias lenguas. La transmisión establece puentes y vados, camino del mínimo de unidad indispensables (REYES, 1943, pp. 15-21).

Vê-se nesse texto de Alfonso Reyes notavelmente a intenção de traçar as “características comuns” dos povos para narrar e inventar a comunidade imaginada ibero-americana, trazendo assim a explicação de experiência histórica que auxiliaria no entendimento das similitudes e problemas regionais enfrentados. Essa postura é em suma essencialista, pois defende que existiria uma identidade dada *a priori* e que está se define por um único “passado histórico comum”, e que invariavelmente todas as nações estariam representadas por essa identidade metafísica “mestiça” que acolheria todos os latino-americanos e que estes teriam uma relação de “maternidade” para com a nação espanhola e de oposição a América do Norte, caindo assim na clássica assimetria que constitui a noção de identidade em detrimento da diferença.

Como ponto positivo, a invenção dessa identidade poderia articular o estabelecimento de uma nova maneira de fazer política internacional, pensada agora em termos de bloco regional latino-americano, para desta forma, fazer frente aos blocos capitalista e socialista que se estruturariam em termos de disputa pela hegemonia global e de bipolarização do mundo. Essa maneira de se organizar, posteriormente irá ganhar força com o surgimento do bloco dos países não-alinhados e o estabelecimento da via “terceiro-mundista”, pensada por Leopoldo Zea como uma integração de povos marginalizados na superação do colonialismo e da dependência mental que se tem do ocidente. Com isso se imagina utopicamente uma relação de reconhecimento das diferenças entre os povos e culturas, construindo uma relação horizontal de solidariedade e minimizando as relações verticais de exploração. O projeto de identidade de LZ está ancorado na própria noção de diferença, não como algo negativo, mas sim como um projeto humanista maior, depositando assim suas forças na construção de um diálogo intercultural e multicultural. Após vários meses de preparação, se celebrou a inauguração da revista ao meio acadêmico por meio de um jantar no dia 29 de dezembro de 1941 no prestigioso restaurante Prendes, da Cidade do México e os convidados foram mais ou menos 50 intelectuais espanhóis, mexicanos e outros latinoamericanos residentes, ou de passagem na capital, e quem recebeu a revista. Vale recordar o conteúdo do primeiro número em suas 222 páginas¹⁸:

“**Nuestro Tiempo**”: Lo humano, problema esencial, por Jesús Silva Herzog; De Monroe a Roosevelt, por Manuel J. Sierra; Notas, por J. A. Fernández de Castro,

¹⁸Tais informações estão disponíveis para consulta no sumário da revista disposto na página V do volume 1 de 1942. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1942.1/CA.1942.1.pdf>. Acessado em: 27 de outubro de 2017.

Eugenio Ímaz y José Medina Echavarría. “**Aventura del pensamiento**”: Nuestra alba de oro, por Juan Larrea; El descubrimiento del electrón positivo, por Marietta Blau; Notas, por Joaquín Xirau, Eugenio Ímaz y Juan Roura-Parella. “**Presencia del Pasado**”: Democracia y totalitarismo en la historia, por Pedro Bosch Gimpera; La evolución de las culturas indígenas en México, por Miguel Othón de Mendizábal; Humanismo español, por Joaquín Xirau; Notas, por Alfonso Caso, Joaquín Ramírez Cabañas y Arturo Arnáiz y Freg. “**Dimensión Imaginaria**”: Liberación de Prometeo, por J. Lipschitz y J. L., El rescate, por León Felipe; Significación y actualidad de “Virgin Spain”, por Alfonso Reyes; Flor y misterio de la danza, por Luis Cardoza y Aragón; Notas, por Enrique Díez-Canedo (1942, p. 5).

O contexto em que estes intelectuais estão inseridos é o do entre-guerras e da derrocada de ideia de progresso e razão numa perspectiva europeia, com isso o que é comum e perpassa todo o volume é a preocupação com o Humanismo, e o possível resgate do mesmo por meio de outras culturas ocidentalizadas. Debates sobre democracia e totalitarismo, Imperialismo e Pan-americanismo, a preocupação com a cultura indígena e sua evolução. Também utilizaram a arte como crítica política através de ideia de resgate, Prometeo e a “Espanha virgem”. Esses intelectuais eram mexicanos humanistas e espanhóis republicanos exilados que tinham como debate comum os caminhos da América Latina e do mundo, principalmente da Espanha, no contexto conturbado de meados do século XX.

O título da revista: *Cuadernos Americanos* foi sugerido pelo intelectual mexicano Alfonso Reyes e os outros integrantes da junta o aceitaram depois de três horas de conversa, o subtítulo: *Revista del Nuevo Mundo* foi sugerido pelo secretário da revista, Juan Larrea. O título completo da revista em si, já mostra as intenções de seus fundadores de fazer uma revista de âmbito continental e, também, revela uma ideia de identidade hispano-americana de integração da América Latina Espanha. A capa da revista foi sugerida por Juan Larrea e representa as ondas do mar, simbolizando as duas margens do Atlântico, unidas através do periódico. Essa representação do mar e de suas ondas se encontra estreitamente ligada às alegorias manejadas na fundação da revista. Segundo Jesús Herzog,

La humanidad del presente puede representarse por un barco que navegara en alta mar sin timonel. [...] Dicen que pueden destruir a los demás hombres, que pueden perforar las montañas, que pueden lograr que un mar apacible se torne bravío. Y la nave sigue en alta mar sin timonel, en un mar cada vez más agitado. El deber del intelectual mexicano contemporáneo, del intelectual latinoamericano, del intelectual estadounidense, del intelectual europeo, de todos los intelectuales, estriba en adueñarse del timón para conducir el barco a puerto seguro [...] (HERZOG, 1947, p. 69).

Liliana Weinberg interpreta a alegoria do mar quando diz que, sempre o mar, o mar dos conquistadores e o mar de Las Casas, o mar que levou Bolívar e San Martín a Europa e os fez revolucionários; o mar que levou Carpentier, Neruda, Paz a Europa e nos devolveu uma grande

literatura; o mar de ida e volta de Alfonso Reyes e Henríquez Ureña; o mar sem volta do exilado; O mar que nos abriu o mundo e nos formulou e selou nossa relação colonial com as sucessivas potências a vez que nos deu a chave para nossa emancipação política e intelectual (WEINBERG, 2004, p. 110). O desenho da capa se resume apenas a representação das ondas com a variação do colorido. O material da capa é feito de papel cartão fino, suave e flexível, com algumas linhas que simulam as ondas do mar, em cada número se altera a cor dessas ondas. A síntese limpa da capa é alcançada por meio da combinação do cromatismo das ondas com fundo em branco creme. A capa particulariza-se por sua sobriedade, nela se lê somente o nome da revista e o número entre as ondas coloridas.

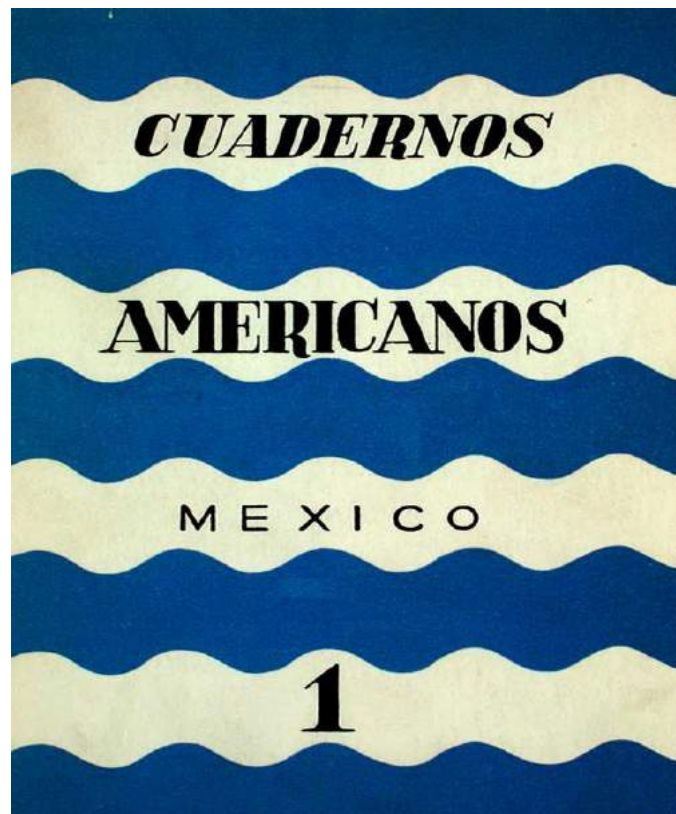


Ilustração 1: *Cuadernos Americanos* – *Revista del Nuevo Mundo*, n. 1, vol.1, enero-febrero de 1942.

Quanto ao formato, *Cuadernos Americanos*, era uma revista bimestral, com 260 números publicados (entre 1942 e 1987). Seu formato se assemelha com há de um livro, tanto em forma quanto em número de páginas, cada volume é composto em média por 15 a 20 artigos e com 240 páginas. Seu formato vai manter-se inalterado, durante as quatro décadas em que Jesús Herzog esteve à frente do projeto enquanto diretor. O tamanho da revista é de 24 cm x 16 cm e o miolo é coberto por brochura. A disposição interior da revista salienta o equilíbrio entre o branco do papel e

a parte escrita, colocando em evidência e centralidade o texto. É muito cuidada a eleição da fotografia e, também, as fotomontagens são de grande qualidade artística, sendo que tais fotografias já eram impressas em papel fotográfico naquele período, o que aponta para um projeto editorial com poder aquisitivo como podem observar no acervo da revista disponibilizado em formato digital no site supracitado. Importante também foi a continuidade editorial da revista que ficou foi impressa desde sua fundação em 1942 até o último volume impresso em 2008 pela mesma família de editores, na oficina gráfica do editorial Cvltvra, empresa mexicana fundada em 1916 por Agustín Loera e Chávez e um dos editoriais privados mais importantes do século, que contava com sua própria oficina gráfica, essa independência nos meios de produção permitiu que anos depois, com a chegada dos exilados espanhóis, se imprimisse em sua gráfica as obras de distintos editoriais, como o espanhol Séneca. Tal sucesso da *Cuadernos Americanos* também se deu pelo cuidado na edição e pela boa qualidade da impressão em papel cultural de alta gramatura, assim como a diagramação e o tipo de cabeçalhos e margens que fazem de seu formato muito parecido ao de um livro. Dentro da política editorial a divisão dos artigos em seções fixas, a classificação da revista por ano, volume e número.

Não foi possível encontrar informações sobre tiragem, difusão e circulação, mas sabe-se que no período dos regimes autoritários de Perón na Argentina, de Pérez Jiménez na Venezuela, de Odría no Peru e na Espanha de Franco, os volumes foram proibidos de serem vendidos em livrarias, sofrendo dessa forma censura e a revista acabava sendo devolvida por muitos livreiros que tinham medo de serem presos e perseguidos (MARTINS, 2012, pp.48-49). Uma maneira de difusão se dava pelo sistema de assinaturas por caixa postal e postagem pelos correios do volume pelo responsável que, neste período, ficava sob-responsabilidade de Juan Larrea e foi inaugurado em 1942, somado ao intercambio de exemplares e aos anúncios, permite que a revista chegue regularmente a distintos pontos de leitura na América Latina e incrementa sua presença nos meios acadêmicos norteamericanos, como ocorre na atualidade. O preço¹⁹ da revista sofreu um processo de deflação, pois ao longo dos anos teve seu preço desvalorizado; entre 1942 e 1950 custavam 90.00 pesos, já 1951 a 1960 custavam 75.00 pesos, e por fim, entre 1961 e 1972 tinha o preço de 45.00 pesos, o que equivaleria atualmente, a R\$15,72; R\$13,11; R\$7,86 respectivamente. É de salientar que desde a

¹⁹Tive acesso a uma tabela que dispunha os preços para assinatura no volume 6 de 1973 na página XIII da mesma. Tal tabela de preços pode ser consultada no link: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1973.6/CuadernosAmericanos.1973.6.pdf>.

sua primeira época, *Cuadernos Americanos* também funcionava como editorial com nome homônimo que publicou inúmeras obras, entre elas a primeira edição de *El laberinto de la soledad* (1950) de Octavio Paz, e *América como conciencia* (1953) de Leopoldo Zea. A criação de editoriais sempre foi uma estratégia para que o mesmo servisse de suporte para a publicação das revistas culturais e literárias na América Latina.

Na primeira ilustração²⁰ do número inicial da *Cuadernos Americanos – Nuevo Mundo*, se coloca em realce o ideário da empresa editorial, quando sobre uma imagem do mapa da América (assinado pelo exilado Josep Renau), figura a frase do presidente Francisco Pi y Margall: “América, tu eres mi esperanza, tu estás llamada a salvar al mundo” e a de Rubén Darío: “América es el porvenir del mundo”. Um catalão e um nicaraguense conscientes e apontando a importância do novo continente para o destino da humanidade. Outra ilustração que chama atenção é a do deus asteca Oaxaca na primeira página do volume supracitado, seguido logo em seguida de um anúncio da Nacional Financeira S.A.

Em vários outros volumes temos a disposição de ilustrações que trazem traços da cultura tradicional e indígena mexicana e, posteriormente, anúncios da coca-cola, pepsi, cigarros, automóveis e bens de consumo. Vê-se traduzido nessas ilustrações e anúncios a contradição da nação mexicana no século XX, entre aspectos nacionais da cultura mexicana e traços da sociedade de consumo e da modernização tecnológico-científica. O corpo editorial responsável pela editoração da revista, formado por funcionários públicos e intelectuais urbanos, também vivem em meio ao paradoxo da relação entre o local, ou seja, uma nação mexicana constituída por uma grande parcela de etnias indígenas e de suas tradições e um mundo moderno que se expande e torna-se hegemônico por vias de uma sociedade de consumo capitalista. Do ponto de vista dos anúncios, com o objetivo de reunir fundos econômicos, ocupam algumas páginas de publicidade, sobre tudo de produtos e empresas nacionais: cerveja, livros, Petróleos Mexicanos, Nacional Financeira, Loteria Nacional, Compañía Fundidora de Fierro y Acero de Monterrey S.A, etc.

É significativa a publicação de propaganda de revistas culturais hispano-americanas de outros países no painel cultural de *CA – Mundo Nuevo*, em média de nove anúncios por volume. Nesse sentido, vale mencionar algumas das revistas e as editoras que eram divulgadas em *CA*: as revistas argentinas *Sur* e *Realidad* e o editorial *Losada*; a revista *Repertorio Americano*; a editora porto-riquenha *Centro de Investigaciones Sociales* e a revista norte-americana *Revista Hispánica*

²⁰A ilustração supracitada está disposta na página III do primeiro número da *Cuadernos Americanos* de 1942. No link a seguir podem consultar a ilustração: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1942.1/CA.1942.1.pdf>.

Moderna, as *Ediciones Cuadernos Americanos* Além dessas publicações mencionadas, apareciam nas páginas destinadas à publicidade, anúncios da *Revista de História de América*, uma publicação da Comissão de História do Instituto Pan- americano de Geografia e História, com sede no México D.F., e da *Revista de Filología Hispánica*, edição conjunta dos Estados Unidos da América e México.

As sessões eram quatro e fixas e possuíam um caráter complementar e aberto a todas as áreas do conhecimento. Segundo Juan Larrea, “la unión de cuatro revistas complementarias acordadas orgánicamente a la consecución de un solo fin (LARREA, 2003, p. 99)”. Jesús Herzog insiste que, “sus cuatro secciones han estado a la disposición de todos aquellos que han tenido algo que decir y han sabido decirlo (HERZOG, 1958, p. 10)”. A pluralidade dos temas que se tratam na revista é enorme, e se referem majoritariamente a os países da América de língua espanhola, nesse sentido, Liliana Weinberg diz que, o primeiro deles é sua variedade e complexidade temática, longe de tratar-se de uma publicação que se dedica exclusivamente a literatura, arte, história, política, filosofia, crítica ou criação, Cuadernos tem sido desde suas origens, plural, ou, omnívora. Qualificar como omnívora a revista não implica de nenhum modo outorgar a ela um caráter de acumulação de textos sem signo definido, senão muito pelo contrário, enfatizam uma de suas características fundamentais: a busca apaixonada e plural do conhecimento e o debate sobre a América Latina (WEINBERG, 1995, p.16). Segundo Adalberto Santana, desde suas origens, *Cuadernos Americanos* se ergueu como uma revista multidisciplinaria que não estava dedicada exclusivamente a determinadas matérias, nem tampouco se esgotava em análises de conjuntura. O horizonte da revista tem sido sempre mais amplo, pensando e estudando a América Latina como um todo, refletindo sobre os variados temas que compõem o amplo espectro da cultura latinoamericana (SANTANA, 2008, p.19).

A primeira secção “**Nuestro Tiempo**” se dedicaria, principalmente, as reflexões sobre os grandes problemas da atualidade, com perfil latinoamericano e relacionada à política e a sociedade; “**Aventura del Pensamiento**”, propunha textos com uma orientação filosófica; a terceira “**Presencia del Pasado**”, recompilaria escritos e artigos referentes a aspectos históricos, incorporando uma visão inovadora desde a Arqueologia; a última secção “**Dimensión Imaginaria**”, seria o espaço dedicado a reunir a parte de criação literária e, também, ensaios críticos sobre obras de literatura. Em algumas ocasiões aparecia um apêndice dedicado a dar informações sobre livros, e, sobretudo, de revistas culturais tanto da Espanha como da América latina com o título de

“Notas”. Também se incluiria um apêndice intitulado, “**Hombres de nuestra estirpe**”, que recolhia as análises da vida e obra de alguma personalidade daquele período.

O empreendimento cultural em que essa formação intelectual, aos moldes de Williams, está ancorada e tem suporte material, econômico, simbólico e cultural. Nesse sentido, a revista *Cuadernos Americanos* deve ser compreendida na sua articulação com o complexo cultural formado pelo Fondo de Cultura Económica (FCE), Casa de España (posteriormente Colégio de México) e pela Escola de Economia da UNAM. Essas três instituições tinham como pilares de apoio três intelectuais que atuaram na respectiva criação de cada uma delas: Alfonso Reyes (Colégio de México), Daniel Cosío Villegas (Diretor do Fondo de Cultura Económica) e Jesús Silva Herzog (Diretor de Cuadernos Americanos). Os nomes desses intelectuais, junto com o de Juan Larrea, vinculados à criação do periódico, *CA - Nuevo Mundo* revelam a rede intelectual e indicam a utilização do poder por tais intelectuais, na sua grande maioria funcionários estatais, que estão por trás da constituição dessa revista. Supondo que a revista *CA - Nuevo Mundo*, esta inserida numa arena cultural em tensão, e disputou espaço com outras revistas que divergiam de seu projeto editorial, político ou estético. A revista *Hijo Pródigo*, que nasceu a partir de um grupo de intelectuais mexicanos (Octavio Barreda, Xavier Villaurrutia, Samuel Ramos e Octavio Paz), incomodados por não terem sido convidados a compor e colaborar na *CA - Nuevo Mundo* manifestou seu descontentamento pelo discurso de Octavio Barreda sobre a revista, quando dizia que era:

Una estupenda revista, en verdad, pero al principio – seguramente por falta de espacio – un poco cerrada a determinados valores mexicanos de promociones jóvenes. Recuerdo que en nuestras tertulias comenzó por tal motivo a despertarse y manifestarse cierto malestar lo resentimiento entre aquellos que no habían sido aún invitados a colaborar, como por ejemplo - ¿por qué no decirlo? – Samuel Ramos, Xavier Villaurrutia y más ostensiblemente Octavio Paz, los que, además se sentían inconformes por no tener a su disposición un órgano publicitario de mejo calidad o más formal que Letras de México. Octavio Paz, un día, me habló francamente y me pidió, con la vehemencia que le caracteriza, el hacer una revista de categoría (BARREDA *apud* NEIRA, 2006, p. 18).

Para Guillermo Sheridan, quando se refere ao contexto literário e cultural mexicano nos anos 1940, diz que a cultura oficial do país se adormece junto de um nacionalismo de Estado cada vez mais artificial. Junto dele, se respira o patriotismo exaltado dos viris mexicanistas da década anterior que levantam a cabeça o latinoamericanismo que atíça o cônsul chileno, Pablo Neruda, e Juan Larrea e Jesús Herzog nos seus *Cuadernos Americanos*. A revista *Hijo Pródigo* buscava exatamente uma saída cosmopolita aos nacionalismos de esquerda dominantes no campo cultural mexicano naquele período, dito isso, o nome da revista reafirmava sutilmente seu distanciamento do

latinoamericanismo de *Cuadernos Americanos* e denunciava uma filiação estilística que remetia ao relato homônimo de André Gide (que Villaurrutia havia traduzido nos anos 30) e que, seguramente, logo após o seu retorno da URSS, o levava a rechaçar completamente o stalinismo (SHERIDAN, 1999, pp. 312-313). Mesmo tomando distância entre os projetos editoriais e políticos de *Hijo Pródigo* e *Cuadernos Americanos* alguns de seus aspectos às conectam tais como o: a participação de intelectuais exilados espanhóis e intelectuais mexicanos na produção das revistas e a força da dimensão imaginária e utópica do futuro de redenção da humanidade na América Latina. Para Sofía Tierno Tejera o campo intelectual da época no qual as duas revistas estavam inseridas entendia a, “América como continente de la esperanza para la salvaguarda de los valores humanísticos” (TEJERA, 2010, p. 2).

Nesse subcapítulo buscamos apresentar o surgimento da revista e o projeto político-editorial na sua primeira época, descortinando uma concepção de identidade que estava voltada ao nacionalismo e a defesa do republicanismo, a crítica ao franquismo e a defesa de uma imaginada integração latino-americana.

3 A REVISTA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO (1987 – 2008)

3.1 Nueva Época: Constituição histórica e sua materialidade (1987 – 2008)

A nova etapa da revista estava inserida em um contexto internacional de aprofundamento da globalização econômica, da derrocada do socialismo real e da hegemonia do capitalismo e do neoliberalismo no mundo. Segundo Eric Hobsbawm, “[...] a globalização e a redistribuição da produção continuariam a trazer para a economia global o resto dos 6 bilhões de pessoas do mundo. Mesmo pessimistas congênitos tinham de admitir que era uma perspectiva encorajadora para os negócios. A grande exceção era o aparentemente irreversível alargamento do abismo entre ricos e pobres do mundo, processo um tanto acelerado pelo desastroso impacto da década de 1980 sobre grande parte do Terceiro Mundo, e a pauperização de muitos países ex-socialistas (HOBSBAWM, 1995, p. 549)”.

No México não foi diferente, em 1994 o país passou por uma forte crise financeira que ficou conhecida como *Efeito Tequila*, que teve repercussões mundiais principalmente no cone sul e no Brasil. Foi provocado pela falta de reservas internacionais, causando uma forte desvalorização do peso mexicano, durante os primeiros dias do presidente eleito Ernesto Zedillo. Tratou-se de uma crise na balança de pagamentos associada à especulação financeira e a fuga de capitais, atreladas a uma crise política interna no México que levou a uma supervalorização do peso e a entrada de mercadorias e investimento externo, quebrando desta maneira o parque industrial nacional mexicano, com exceção dos produtores de cerveja e cimento. Para manter o peso forte nos anos 1990, o estado mexicano abriu cada vez mais a sua economia ao investimento exterior, implementando uma série de medidas econômicas neoliberais para desta forma, receber empréstimos do Fundo Monetário Internacional – FMI, para tentar “tampar os rombos” orçamentários do México, que levou a uma inflação que permaneceu sem controle por muitos anos.

Só uma generalização era bastante segura: desde 1970, quase todos os países dessa região haviam mergulhado profundamente em dívida. Em 1990, iam dos três gigantes da dívida internacional (60 bilhões a 110 bilhões de dólares – Brasil, México e Argentina –, passando pelos outros 28 que deviam mais de 10 bilhões cada, até as arraias-miúdas que deviam 1 ou 2 bilhões. Das 42 “economias de baixa renda” em 1970, dezenove tinham zero investimento estrangeiro líquido. Em 1990, os investidores estrangeiros diretos tinham perdido todo o interesse em 26. Na verdade, havia substancial investimento (mais de 500 milhões de dólares) em apenas catorze de quase cem

países de baixa e média renda fora da Europa, e investimento maciço (de cerca de 1 bilhão para cima) em apenas oito, dos quais quatro estavam no leste e sudeste da Ásia - China, Tailândia, Malásia, Indonésia' e três na América Latina - Argentina, México, Brasil. O outro atrairor de investimentos era, um tanto surpreendentemente, o Egito (HOBBSAWM, 1995, pp. 411-412). Muitos dos países latinoamericanos seguiram políticas neoliberais nos anos 1990, com a privatização das empresas estatais e a abertura do mercado nacional ao maciço investimento exterior sem uma política estatal rígida de controle econômico e financeiro. Esse discurso neoliberal teve grande difusão e aderência no continente.

Se for observada a experiência dos países “reformados” segundo os preceitos do Consenso de Washington – América Latina, Europa Oriental e Rússia –, percebe-se que o triunfo do neoliberalismo foi mais ideológico e cultural do que econômico. Esta vitória assenta-se sobre uma derrota epocal das forças populares e das tendências mais profundas da reestruturação capitalista e se manifesta em quatro dimensões. a) A avassaladora tendência à mercantilização de direitos e prerrogativas conquistadas pelas classes populares ao longo de mais de um século de luta, convertidos agora em “bens” ou “serviços” adquiríveis no mercado [...] b) O deslocamento do equilíbrio entre mercados e estado, um fenômeno objetivo que foi reforçado por uma impressionante ofensiva no terreno ideológico que “satanizou” o estado ao passo que as virtudes dos mercados eram exaltadas [...] c) A criação de um “senso comum” neoliberal, de uma nova sensibilidade e de uma nova mentalidade que penetraram muito profundamente no chão das crenças populares [...] d) Finalmente, o neoliberalismo colheu uma importantíssima vitória no terreno da cultura e da ideologia ao convencer amplíssimos setores das sociedades capitalistas – e a quase totalidade de suas elites políticas – de que não existe alternativa [...] (BORON, 1991, pp. 9-11).

Como bem apontou Atilio Boron, o neoliberalismo do ponto de vista econômico não trouxe nenhuma vantagem ou mínimo desenvolvimento dos Estados latinoamericanos, o que fez, foi terminar por afundar tais nações em dívidas e espólios frente aos órgãos financeiros ocidentais, no México essa lógica também não foi diferente. O fracasso econômico do neoliberalismo, nos mais diversos países da América Latina, é tão evidente como foi seu êxito no plano das ideias. Quem se atreveria, hoje em dia, a cantar loas ao projeto modernizador de Salinas de Gortari no México? Se no começo dos anos 1990 tanto este como seu ministro da fazenda, Pedro Azpe, eram os heróis cujas fotos ilustravam as primeiras páginas de jornal e capas de revistas da comunidade financeira internacional, hoje em dia – depois de Chiapas, do assassinato de Colosio, das escandalosas revelações sobre a extensão da corrupção no governo e a queda do peso mexicano – o ex-presidente

tornou-se um fugitivo da justiça e seu colaborador refugiou-se prudentemente no refúgio seguro da vida privada. Os “êxitos” da reestruturação ortodoxa do México se desvaneceram como por encanto (MOFFET, 1996 *apud* BORON, 1991, p. 12).

A revista *CA – Nueva Época*, aqui estudada vai buscar formas alternativas a todos esses tristes processos históricos, advogando em prol de uma saída para crise latino-americana através da construção de outro modelo econômico, político e social, que desviasse do proposto pela globalização ocidental no final do século XX. Com isso vai buscar repensar a democracia, a economia mundial, a própria globalização será resignificada apostando no seu valor de integração cultural de povos antes marginalizados em detrimento de uma perspectiva de globalização meramente instrumental, que servia como meio para o desenvolvimento e hegemonia do projeto do liberalismo econômico capitalista. A *Nueva Época de Cuadernos Americanos* iniciou-se em 1987, e publicou 123 números até 2008, depois do falecimento do seu fundador Jesús Silva Herzog em 1985. Após um período de transição e conforme a vontade de Herzog, firmado em fideicomisso quando este assinou um empréstimo junto a Financeira Nacional S.A em 1941 que tinha como cláusula a doação da empresa cultural à tutela da Universidade Nacional Autônoma do México – UNAM após 30 anos de desenvolvimento. Em 1987 o então reitor Jorge Carpizo nomeou o filósofo Leopoldo Zea²¹ como seu diretor, até sua morte em 2004. Atualmente, el Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe – CIALC (anteriormente, Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos – CCyDEL) é responsável pela sua publicação. Como se pode notar o novo período da revista se inseriu em um projeto já consolidado, revindicando desta maneira a inserção numa certa “tradição” e a adaptação desta, aos novos tempos. Essa “tradição” seria, segundo Zea, “plural, democrática, libertaria e Independiente que tuvo desde su aparición. Espíritu abierto a todos los vientos, abierto a la multiplicidad y diversidad de las ideas e ideologías, abierto a la pluralidad que es características de la región (ZEA, 1987, p. 9)”. De acordo com Leopoldo Zea, “se trataba de continuar la obra realizada a lo largo de varios años por el maestro Jesús Silva Herzog. Coordinarla adaptándola a los nuevos tiempos de la historia que se vive en estos últimos años. Años de posguerra caliente y fría. Había que asumir la responsabilidad en este ineludible

²¹Leopoldo Zea nasceu em 1912 na Cidade do México e morreu em 2004 na mesma cidade. Foi professor de filosofia da Universidad Nacional Autonomo del México, Secretário de Relações Internacionais do México, Diretor do Centro de Estudos latino-americanos, fundou e dirigiu diversas organizações (Comité de Historia das Ideas; SOLAR; FIEALC e CCyDEL), publicou mais de 50 livros e 180 artigos e ensaios, recebeu inúmeros prêmios e vários títulos de Doutor Honoris Causa em diversas universidades do mundo (Grécia, França, Espanha, Rússia, Cuba, Venezuela, Argentina, Uruguai).

nuevo enfoque expresado como Nueva Época (ZEA, 1995, p. 11)”. As mudanças no conteúdo e nas temáticas da revista foi “fructífera vida Cuadernos Americanos sólo tenía de continuidad el nombre. El contenido iba cambiando con el tiempo mismo, con la historia del mundo y está región del mismo en América (ZEA, 1992, p. 14)”. Os temas e o sumário da revista com isso vão se ampliar,

el sumario será múltiple y se irá enriqueciendo de conformidad con las sugerencias del Comité Técnico, los Consejos de apoyo y los colaboradores de la revista. Entre otros temas se proyectan algunos como el reto de la democracia en la América Latina de nuestros días, el Quinto Centenario como expresión del encuentro de dos mundos, las culturas indígenas y su sentido dentro de la realidad cultural contemporánea de la América Latina, los problemas de la identidad de la región, de la integración latinoamericana y la cultura como instrumento de integración (ZEA, 1987, p. 10).

Já do ponto de vista da materialidade da revista se alteram poucas coisas segundo o próprio diretor da revista no período, que diz que “en su Nueva Época Cuadernos Americanos ha mantenido el espíritu que le dio origen; sólo se hicieron cambios de carátula y de la distribución de material publicado. La problemática la han seguido señalando los tiempos, las circunstancias a nivel global y regional (ZEA, 1992, p.14)”. O ideário latinoamericanista que se encontrava na origem da CA – *Nueva Época*, e na própria UNAM como apontado por Leopoldo Zea, o desenho da capa se remodelou, conservando as ondas do mar e “la nueva portada de la revista incluía un mar con olas encrespadas, tal como lo había propuesto Zea para esta nueva etapa de la publicación, en la que contrastaba con el mar en calma de la primera época (WEINBERG, 2004, p.109)”. E segue, “[...] las olas encrespadas de *Cuadernos* son también, si se las ve de manera inversa, una espiral abierta hacia la conquista de nuestro autoconocimiento. Lo que importa, lo que atrae, lo que fascina, como nuestra aspiración por alcanzar Ítaca, es el viaje, el camino el desafío. No temía, creyó yo, Leopoldo Zea, al momento, de alcanzar tarde o temprano su puerto de llegadas, enamorado, como lo estaba, del infinito viaje (WEINBERG, 2004, p. 114)”. A referida capa pode ser vista a baixo:

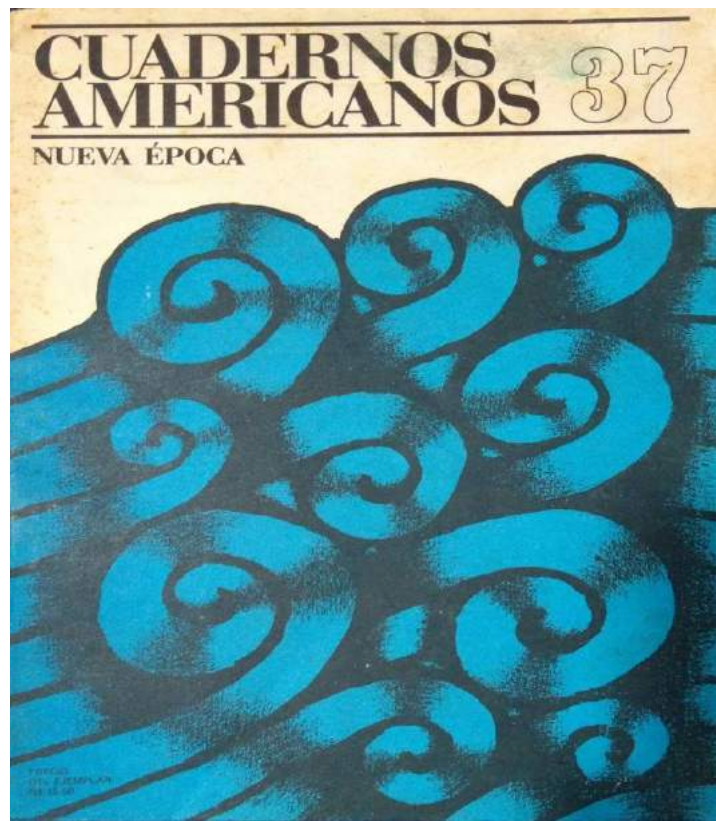


Ilustração 2: *Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año VII, vol.1, n. 37, enero-febrero de 1993.
 Fonte: volume faz parte do acervo pessoal do pesquisador.

Outras mudanças se avolumaram, tais como a dissolução das secções fixas propostas por Juan Larrea, quando da fundação de *CA – Nuevo Mundo* em 1942. Essa iniciativa tinha por objetivo dar maior dinamismo para revista através da organização de secções temáticas variáveis. Segundo Leopoldo Zea, “se mantendrá el sentido de las secciones *Nuestro Tiempo, Aventura del Pensamiento, Presencia del Pasado y Dimensión Imaginaria*, pero sin especificarlas, para hacer más flexibles sus puntos de vista y la calificada presencia de los mismos (ZEA, 1987, p. 10)”. Para “a través de estos cincuenta números se ha procurado poner en práctica estas ideas, como lo muestra la preparación de secciones monográficas en las cuales múltiples voces discuten múltiples acercamientos a diversos núcleos temáticos (WEINBERG, 1995, p.14)”.

A Junta de Governo que organizava as atividades da revista durante sua primeira época também se dissolveu, e se construiu diversos conselhos: técnico, científico, internacional, de difusão e administração, que integrou pesquisadores de diversas partes do mundo, reorganizando seus conteúdos, adequando-os as circunstâncias do momento. A direção geral da revista ficou a cargo de Leopoldo Zea, e a redação da revista ficou a encargo de Liliane Weinberg, “esto ha sido posible contando con la ayuda del equipo encabezado por la doctora Liliana Weinberg de Magis con su trabajo cotidiano. Pero también con el enorme apoyo que a nivel internacional le ha venido

ofreciendo el Consejo Internacional creado con esta intención y que ha sido una extraordinaria fuente de colaboración sobre nuestra América y su relación con otras regiones de la Tierra (ZEA, 1995, pp. 11-12)”. Para atender “a la globalización de los problemas, se creó, además del Consejo Técnico y el Consejo Editorial, un Consejo Internacional que cuenta con la colaboración de personalidades de la cultura de nuestro tiempo procedentes de diversas regiones de la tierra: América Latina, Estados Unidos, Europa, incluyendo la Unión Soviética, Asia, centralmente Japón (ZEA, 1992, p. 14)”.

Interessante notar que, a partir da orientação metodológica realizada por Tânia de Luca em diversos trabalhos sobre a dimensão diacrônica e sincrônica da pesquisa sobre revistas culturais e literárias, outras revistas mexicanas estavam trilhando o mesmo rumo de internacionalização a partir da região. A revista *Plural*, por exemplo, foi um suplemento cultural mensal do *jornal Excelsior*²², que editou seu primeiro número em outubro de 1971. O diretor do diário, Julio Scherer Garcia, convidou Octavio Paz para dirigir um suplemento cultural semanal de Excelsior, que aceitou a proposta desde que a revista tivesse periodicidade mensal. Segundo Silvia Miskulin,

Desde o início, o objetivo de *Plural* era ser uma publicação crítica, dedicada à literatura, mas também à história e à política (PAZ, 2001, p.16). Escolhido por Octavio Paz e Julio Scherer Garcia, o nome da revista era uma referência à necessidade de o México abrir-se naquele momento para a pluralidade (SCHERER GARCÍA, 2001, p.3). Em uma entrevista publicada no jornal Excelsior, 1972, Paz definiu bem precisamente o perfil da revista: “Eu diria que Plural é uma revista latino-americana a partir de México e aberta ao mundo (PAZ, 2001b, p.8)”. (MISKULIN, 2011, p. 127).

Com isso se formaram diversos conselhos na revista *CA – Nueva Época* visando à internacionalização e a pluralidade de ideias, da mesma forma que ocorreu em outras revistas mexicanas, como *Plural*, por exemplo. Um dois indícios desse objetivo é a constituição de comitês que articulassem pessoas e redes de diferentes países e regiões, como se pode analisar a baixo,

Tabela 2: Comitê Técnico da Revista *Cuadernos Americanos – Nueva Época*.

Nome:	Nacionalidade:	Cargo:	Áreas de conhecimento e atuação:
Arturo Azuela	Mexicano	Catedrático da faculdade de filosofia e letras – UNAM	Historiador (graduação e mestrado), Filósofo (doutorado), Escritor e

²²Marcante notar também a semelhança nas trajetórias dos intelectuais mexicanos nos anos 1970 e 1980, pois como poderemos ver o diretor da revista *Plural*, Octávio Paz era crítico do Partido Revolucionário Institucional (PRI) da mesma forma que Leopoldo Zea sempre tentou se manter à distância do partido. Da mesma forma que Paz, Zea via no periodismo uma arma e estratégia de crítica muito importante, tanto é que publicou ensaios semanais no jornal *Excelsior* por muitos anos, e posteriormente até seu falecimento em 2004, também publicou em outros jornais de grande circulação no México.

			Acadêmico.
Fernando Benítez	Mexicano	Jornalista	Jornalista, Editor, Escritor e Historiador.
Héctor Fix Zamudio	Mexicano	Diretor do Instituto de Investigações Jurídicas da UNAM; Professor da faculdade de direito da – UNAM.	Jurista, Escritor.
Pablo González Casanova	Mexicano	Diretor da Escola Nacional de Ciências Políticas e Sociais – UNAM; Reitor da UNAM; Diretor do Instituto de Investigações Sociais da UNAM.	Bacharel em Direito (UNAM), Mestre em Ciências Históricas (Colégio do México), Doutor em Sociologia (Sorbonne – Paris).
Marcos Kaplan	Argentino (radicado no México desde 1967)	Já foi professor de diversas universidades; Coordenador de Humanidades – UNAM; Investigador do Instituto de Investigações Jurídicas da UNAM.	Doutor em Ciências Sociais e Direito (UBA – Argentina).
Miguel León-Portilla	Mexicano	Professor e Investigador Emérito da UNAM; Membro de O Colégio Nacional – México.	Filósofo, Antropólogo, Historiador.
Jesús Silva-Herzog Flores	Mexicano	Professor de economia – UNAM; Investigador do Colégio do México.	Bacharel em Economia (UNAM), Mestre em Economia (Yale University).
Diego Valadés Ríos	Mexicano	Ocupou vários cargos públicos; Professor da UNAM desde 1968; Foi subdiretor da Rádio UNAM; Diretor de Difusão Cultural da UNAM; Advogado Geral da UNAM; Coordenador de Humanidades e Diretor do Instituto de Investigações Jurídicas – UNAM.	Bacharel em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa e pela Universidade Autônoma Nacional do México – UNAM; Doutor em Direito pela Universidade Complutense de Madrid.
Ramón Xirau	Dupla nacionalidade: Espanhol e Mexicano. (Natural da Espanha, exilado no México com a família desde 1939, obteve sua nacionalidade mexicana em 1955).	Professor da Faculdade de Filosofia e Letras – UNAM; Investigador do Instituto de Investigações Filosóficas – UNAM; Membro do O Colégio Nacional – México.	Bacharel, Mestre e Doutor em Filosofia (UNAM).
Leopoldo Zea Aguilar (Diretor de CA-Nuevo Mundo)	Mexicano	Fundou a faculdade de Filosofia da UNAM e foi seu Diretor em 1966; Professor da Faculdade de Filosofia e Letras – UNAM; Secretário de Relações exteriores do México; Ocupou cargos	Bacharel, Mestre e Doutor em Filosofia (UNAM); Ensaísta, Difusor Cultural.

		públicos estatais e acadêmicos na UNAM.	
--	--	---	--

Fonte: *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año 1, vol. 1, num. 1, enero-febrero, 1987, Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-01.pdf> Acessado em: 30 de outubro de 2017.

A partir da interpretação da tabulação disposta acima se vê primeiramente a nacionalização do conselho técnico da revista, que não é mais dirigida por intelectuais espanhóis no exílio e por mexicanos, mas sim na sua grande maioria por intelectuais mexicanos ligados a estrutura administrativa da Universidad Autónoma Nacional de México – UNAM, com a exceção de um intelectual argentino e outro espanhol, no entanto averiguando a biografia destes percebe-se que ambos traçaram sua trajetória acadêmica no campo intelectual mexicano. Desta forma tais intelectuais podem ser encarados enquanto “intelectuais orgânicos”. A vida intelectual também segue regras, procedimentos e constrangimentos que extrapolam o próprio âmbito cultural, o que reforça a concepção relativa da autonomia do campo intelectual.

Em relação à autonomia, Antonio Gramsci distingue dois tipos de intelectuais: os chamados “intelectuais tradicionais” e os “tradicionais orgânicos”. Sendo que os intelectuais tradicionais consideram a si mesmos como sendo autônomos e independentes do grupo social dominante. Toda a filosofia idealista pode ser facilmente identificada com essa posição, à utopia social segundo a qual os intelectuais acreditam serem “independentes”, autônomos, revestidos de características próprias, etc. Já os intelectuais orgânicos, seriam nessa perspectiva, oriundos da classe social que os formou enquanto especialistas e dirigentes. Sujeitos que ocupam posições estratégicas para buscar hegemonia ao grupo social as quais pertencem (GRAMSCI, 1982, p.7). Percebe-se uma mudança do conceito de intelectual vinculado a nova etapa da revista CA. Enquanto o primeiro corpo diretivo que constituía o grupo de intelectuais encarados como homens de letras e livres-pensadores, o grupo de intelectuais que vão formar o conselho técnico da revista na sua segunda etapa são na sua grande maioria, acadêmicos profissionais. Ou seja, é o tipo de intelectual que vai surgir com maior força à medida que as estruturas universitárias na América Latina iram estar mais bem constituídas e consolidadas, a partir do século XX. Serão intelectuais cada vez mais especializados, através da continuidade dos estudos em nível de pós-graduação, aprofundando pesquisas em determinadas áreas do conhecimento, produzindo nessas especialidades e segmentando cada vez mais a pesquisa. Com isso vão buscar representar através de políticas culturais articuladas pelos diferentes grupos políticos que disputam a hegemonia de poder no interior da estrutura universitária.

Tabela 3: Conselho Editorial da Revista *Cuadernos Americanos – Nueva Época*.

Nome:	Nacionalidade:	Cargo:	Áreas de conhecimento e atuação:
Sergio Bagú	Argentino (Se exilou no México em 1974 fugindo da perseguição em decorrência da ditadura na Argentina)	Professor de Sociologia da UNAM; Membro do Centro de Estudos Latinoamericanos da UNAM.	Sociólogo, Periodista, Historiador e Advogado.
Horacio Cerutti	Argentino, naturalizado Mexicano (Chega ao México em 1980 e adquiri nacionalidade mexicana em 1993).	Professor de Filosofia da UNAM; Pesquisador em tempo integral do Centro de Investigações sobre América Latina e o Caribe (CIALC).	Licenciado em Filosofia (Universidad Nacional de Cuyo – Argentina); Doutor em Filosofia (Universidad de Cuenca – Equador); Pós-Doutor em Filosofia (Bolsa Alexander Von Humboldt – Universidade de Nuremberg, Alemanha).
Ignacio Díaz Ruiz (Não encontramos maiores informações)			Literatura e Teoria Literária. Escritor.
Elsa Cecilia Frost	Mexicana.	Grande tradutora de textos filosóficos, religiosos e históricos. Dominava e traduzia: espanhol, alemão, inglês, francês, italiano, catalão e latim. Trabalhou durante boa parte da vida no editorial Fondo de Cultura Económica – FCE; Foi investigadora titular em tempo integral do Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos – CCyDEL (atual CIALC).	Licenciada em Alemão; Mestre em Filosofia (UNAM); Doutora em Filosofia (UNAM); Escritora; Tradutora.
Francesca Gargallo	Italiana (Radicada no México desde 1979).	Professora da Universidade Autónoma da Cidade do México – UACM. Seu principal foco de pesquisas é a História das Ideias Feministas na América Latina.	Licenciada em Filosofia (Universidad de Roma “La Sapienza”); Mestre e Doutora em Estudos Latinoamericanos (Universidad Nacional Autónoma do México – UNAM). Docente, Escritora; Integrante de Movimentos Sociais Feministas.
Miguel González Compeán	Mexicano	Ocupou diversos cargos na esfera pública; Assessor do Procurador Geral da Procuradoria Geral da República do México, Docente de Ciência Política e Teoria do Estado – UNAM (2004	Bacharel em Direito (UNAM); Diplomado em Finanças Públicas (Universidad de Harvard); Mestre em Planejamento e Desenvolvimento (Universidad de Londres); Mestre em

		– 2006).	Macroeconomia (London School of Economics e Instituto de Investigações Latino-americanas – Londres).
Jorge Alberto Manrique	Mexicano	Docente de História da Arte Moderna da UNAM. Teve como professor na Itália Giulio Carlo Argan.	Licenciado em História (UNAM); Mestre em História (Bolsista da Fundação Rockefeller na Universidade de Sorbonne – Paris e na Universidade de Roma – Itália); Doutor em História (UNAM).
Edgar Montiel	Mexicano	Chefe da sessão de Políticas Culturais da UNESCO – Paris.	Economista e Filósofo.

Fonte: *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año 1, vol. 1, num. 1, enero-febrero, 1987, Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-01.pdf> Acessado em: 30 de outubro de 2017.

Temos um grupo heterogêneo, composto por mulheres e homens, intelectuais ligados a Universidade Nacional Autônoma do México e a outras universidades da América Latina e instituições de pesquisa mexicanas. Diferentemente da primeira época da revista, a segunda época tem a participação de intelectuais mulheres, de grande espectro e reconhecidas nacionalmente e internacionalmente pelos seus trabalhos de pesquisas, que participaram do projeto da revista no seu corpo organizativo, a começar pela própria editora-chefe Liliana Weinberg, grande teórica literária do ensaísmo latinoamericano. Temos também a presença de uma filósofa e tradutora mexicana de textos filosóficos e de uma pesquisadora importante na discussão sobre o feminismo na América Latina. A questão de ter presente exilados latino-americanos das ditaduras do Cone-Sul nos anos 1970, é importante pois aponta para uma tradição de acolhida de exilados em território mexicano e que esse imperativo da cultura mexicana não se desfez com o passar dos anos. Também estavam presentes burocratas tanto do estado mexicano, quanto de instituições internacionais de incentivo a cultura, como por exemplo, a UNESCO que vai ser importante para o projeto editorial, pois este além do apoio da UNAM, pode contar com verbas internacionais para difundir a revista e o projeto editorial de integração latino-americana e desta com as regiões periféricas do mundo.

Outra estratégia importante para alcançar tal objetivo foi à criação de um conselho internacional que vinculava a revista e a UNAM a demais intelectuais, políticos, instituições universitárias e centros de pesquisas de outras regiões. Compunham esse conselho, na *América Latina*: **Antônio Cândido**, Professor da Universidade de São Paulo – USP, Brasil; **Rodrigo Carazo Odio**, Presidente da Costa Rica, fundador da Universidad para la Paz (UPAZ), que é

dependente da ONU, e tem sede em Ciudad Colón na Costa Rica. Também foi fundador da filial dos Colégios do Mundo Unido (UWC – sigla em inglês) na Costa Rica e que tem sua sede matriz na cidade de Londres – Inglaterra; **Federico Ehlers**, Secretário Geral da Comunidade Andina das Nações, Equador; **Roberto Fernández Retamar**, Professor da Universidad de La Habana, Cuba; **Enrique Fierro**, Diretor da Biblioteca Nacional do Uruguai e Professor da Universidade do Texas – Austin, Estados Unidos da América; **Domingo Miliani**, Professor da Universidad Simón Bolívar e da Universidad de los Andes, Fundador e primeiro diretor do Centro de Estudos Latinoamericanos Rómulo Gallegos, Venezuela; **Francisco Miró Quesada**, Professor da Universidad de Lima e Universidad Ricardo Palma, Perú; **Otto Morales Benítez**, Professor da Universidad Pontificia Bolivariana, Colômbia; **Germánico Salgado**, Diretor da Junta Nacional de Planificação e Coordenação Econômica e Professor Universitário, Equador; **Samuel Silva-Gotay**, Professor da Universidad de Puerto Rico, Porto Rico; **Gregorio Weinberg**, Professor da Universidad de Buenos Aires – UBA, Argentina;

Em instituições internacionais: **Giuseppe Bellini**, Professora da Universidade de Milão, Itália; **Tzvi Medin**, Professor da Universidade de Tel Aviv, Israel; **Hiroshi Matsushita** – Professora da Universidade de Kobe, Japão; **Sergo Mikoyan**, Universidade de Moscou, Rússia; **Charles Minguet**, Presidente Honorário dos Arquivos de Literatura Latino-americana, França; **Magnus Mörner**, Diretor da Biblioteca e do Instituto de Estudos Ibero-americanos da Escola de Ciências Econômicas de Estocolmo, Suécia; **Richard Morse**, Diretor de Estudos Latino-americanos da Universidade de Yale e Professor da Universidade de Stanford, Estados Unidos da América; **Guadalupe Ruiz-Giménez**, Secretária Geral da Associação de Investigação e Especialização sobre Temas Ibero-Americanos (AIETI), Espanha; **Hanns-Albert Steger**, Professor da Universidade de Erlangen-Nuremberg, Alemanha. Tais contatos e relações conformaram uma rede de intelectuais interessados nos rumos que a América Latina tomaria no novo milênio, e como tal região iria se relacionar com a globalização e a “modernização” das economias políticas nacionais de países do antigo “terceiro-mundo”.

As dimensões da revista na atualidade são de: 23 cm x 15,5 cm. O tipo de papel em que era publicado foi alterado para um modelo mais moderno, menos áspero, mais fino, aparentemente mais resistente ao tempo e a umidade por possuir um tipo de celulose na composição que torna o papel mais durável. A periodicidade se manteve bimestral até o número 114 de 2005, posteriormente, a revista se tornou trimestral. A edição está desde 1987 aos cuidados do editor Porfírio Loera y Chavéz, que imprimiam nos Talleres Gráficos de Cultura S.A. de C.V. Av. Coyoacán, n. 1031,

México, D.F. Até o quarto número de 1987 a tiragem era de 2.000 exemplares por bimestre, a partir do quinto número de 1987 a tiragem se ampliou para 2.500 exemplares e se manteve assim até o número trinta e sete de 1993; do número trinta e oito de 1993 até o número cinquenta de 1995 a tiragem era de 2.000 exemplares bimestrais, do número cinquenta e um de 1995 até o número cento e oito de 2004 foram 1.200 cópias e do número cento e nove ao cento e vinte e três foram 1.000 exemplares por tiragem bimestral. Posteriormente, como citado anteriormente, a revista não foi mais impressa e alterou seu formato para digital em pdf.

O formato da revista ainda se aproximava de um livro nas suas dimensões, números de páginas, editoração, no entanto livros e revistas guardam suas devidas especificidades, “es preciso recordar que, a pesar de su densidad y de aquellos rasgos que acercan cada entrega a las dimensiones de un libro, *Cuadernos Americanos* es, de manera inconfundible, una revista. Al afirmar esto estamos pensando en que toda revista es un complejo significativo con particularidades en cuanto a su selección temática, su relación más o menos directa con el público y con el contexto político-cultural en el que se inserta y al que pretende dar respuesta (WEINBERG, 1995, p. 150)”.

Outra iniciativa da revista, durante a direção de Leopoldo Zea e sobre sua vocação editorial e de difusor dos estudos latinoamericanos, foi o surgimento de uma coleção intitulada: *Cuadernos de Cuadernos*, voltada a temas e estudos da realidade econômica, política e cultural latinoamericana, e, todavia de criação e ensaio artístico, ou seja, uma coleção multidisciplinar assim como a própria revista. Para Weinberg, “he allí el secreto de la fuerza expansiva de las diversas empresas editoriales, entre las cuales se cuentan *Cuadernos Americanos* y la nueva colección *Cuadernos de Cuadernos*: una apuesta no estrictamente monetaria sino cultural, la empresa vista como cultura y no la cultura vista como empresa (WEINBERG, 1995, p. 18)”. Quanto ao perfil dos leitores da revista CA, um bom número dos assinantes são bibliotecas e centros universitários mexicanos e estrangeiros, o que é uma vantagem, pois multiplica o número de destinatários: estudantes, professores universitários, investigadores, etc, sem descartar o público em geral não acadêmico, interessando em diversas áreas da cultura latinoamericana. Desta maneira a revista chega por assinatura ao Canadá, EUA, Europa, América Latina, Japão, China, Taiwan, Índia e África do Sul. Os problemas de distribuição são os mesmos de todas as revistas culturais, as livrarias somente aceitam os números mais recentes para colocarem a venda.

O preço da CA – *Nueva Época* variou muito durante o período estudado: do número 1 a 6 de 1987 - \$2.500, do número 7 a 12 de 1988 - \$4.000, do número 13 a 18 de 1989 - \$5.000, do número 19 a 24 de 1990 - \$6.500, do número 25 a 30 de 1991 - \$9.000, do número 31 a 36 de 1992 -

\$12.000, do número 37 a 42 de 1993 – N\$15.00, do número 43 a 48 de 1994 – N\$18.00 do número 49 a 54 de 1995 – N\$20.00, do número 55 a 60 de 1996 – N\$23.00, do número 61 a 66 de 1997 - \$25.00, do número 67 a 72 de 1998 - \$27.00, do número 73 a 78 de 1999 - \$29.00, do número 79 de 2000 - \$29.00, do número 80 a 84 de 2000 - \$31.00, do número 85 a 90 de 2001 - \$33.00, do número 91 a 96 de 2002 - \$33.00, do número 97 a 102 de 2003 - \$35.00, do número 103 a 108 de 2004 - \$35.00. Essa variação de preço da revista acompanhou a inflação mexicana dos anos 1980 que era astronômica, encarecendo todo tipo de produto.

Tal inflação levou a cunhagem de valores de notas cada vez maiores para correção de reajuste, acarretando na criação do novo peso mexicano ou “segundo peso” em 1º de janeiro de 1993, que era equivalente a mil pesos antigos. O que vemos então é a influência da inflação e do novo peso mexicano sobre o preço da revista, já que o aumento é exponencial e a criação de uma nova moeda mascara a súbita dos preços, já que em valores antigos um volume da revista em 2004 equivalia a 35.000 mil pesos antigos mexicanos. Vendo essa escalada de preços alguns podem ser levados a crer na cobiça dos editores e no desejo de lucro, porém como sabemos empresas culturais não são lucrativas, e na maioria das vezes não pagam os custos totais de sua operação, ficando para quem edita a prerrogativa da crítica sociocultural. Pensar em livros e revistas como mercadorias sujeitas a oscilação da moeda e dos gostos – como o fazem alguns setores da sociedade moderna – nos leva a um beco sem saída.

O ritmo do livro e da revista, o ritmo da cultura, é, como o da natureza, um ritmo que não pode nem acelerar-se nem postergar-se sem infligir um forte dano ao processo que está dando frutos. Insisto no enfoque histórico porque acredito que uma empresa cultural não pode ficar reduzida ao eterno presente da livre empresa. Um livro ou uma revista não são uma mercadoria como qualquer outra, mesmo que em determinadas etapas de sua produção e de sua venda devem ingressar o circuito comercial, e someter-se a ritmos de demanda, cotações, preços de venda e etc. Parti daí os diversos desafios que enfrenta hoje a *Cuadernos Americanos* se podem traduzir como verdadeiros paradoxos, paradoxos que não podem ser resolvidas com uma redução de horizonte ou troca no conteúdo, nem com um dar de ombros ao problema da circulação e venda, senão pela própria história e pela evolução das ideias (WEINBERG, 1995, p. 18-19).

A herança que a revista *Cuadernos Americanos* vai requerer para si está atrelada ao debate sobre identidades e a crítica social realizada por intelectuais e ”así, por ejemplo, si en una primera lectura lo que puede definir a nuestra revista es su latinoamericanismo, su anticolonialismo, su preocupación por la identidad de los pueblos de nuestro continente y su postura antidictatorial,

lecturas posteriores permiten descubrir otros rasgos, como su recuperación del concepto de cultura e historia latinoamericanas y sus consiguientes esfuerzos por contextualizar y periodizar los múltiples signos y procesos de nuestro continente (WEINBERG, 1995, p. 15)”. Desta forma o tema da identidade cultural ira novamente ganhar espaço no interior da publicação, assim particularmente certas preocupações como o tema da identidade cultural, ganham nova vida no marco de uma nova época. Problemas como o das relações interétnicas, integração, identidade, pobreza e marginalidade, encontros e desencontros da cultura, alteridade e igualdade na diferença, dos que muitos consideram peculiares do nosso continente, começaram a adquirir dimensões planetárias. Assim, *Cuadernos* é – e não poderia deixar de ser ló – uma revista obstinadamente preocupada por resgatar e repensar a tradição cultural latinoamericana nos tempos de globalização. É ao mesmo tempo, uma revista de conteúdo francamente latinoamericanista como *Cuadernos* no se esgotaria no provincianismo senão que procurará opinar sobre os processos que já tem escalas planetárias desde a singular posição da América Latina (WEINBERG, 1995, p. 17-19).

Com tudo o que já foi exposto até o momento chega-se a conclusão mesmo que provisória, que a revista *Cuadernos Americanos* na sua longa trajetória enquanto bem simbólico e cultural vai ser um espaço de concentração da inteligência crítica latino-americana, e que na revista vai ganhar corpo os debates culturais, sociais e políticos dos diferentes contextos históricos vivenciados na América Latina do século XX. No primeiro momento estará voltada e respondendo a circunstância do exílio espanhol e da denúncia dos diferentes regimes fascistas pelo mundo. No momento em que focamos nossa pesquisa, final dos anos 1980 e os anos 1990 estiveram vinculados à preocupação da discussão das identidades e a intensificação da globalização instrumental pelo mundo e sua possível resignificação ou abertura a outras globalizações possíveis, através do fortalecimento de uma parcela da humanidade subalternizada e silenciada, os marginalizados do antigo “terceiro-mundo”.

3.2 A trajetória do diretor da revista Leopoldo Zea (1912 - 2004).

Uma primeira questão metodológica substancial na escrita de si é a crítica que deve ser feita a noção de sentido continuísta da narrativa de vida da (auto) biografia. Para Bourdieu (1996), essa postura criaria uma “ilusão biográfica” por meio da institucionalização de rituais sociais (*habitus*) como o registro do nome próprio e a utilização da assinatura pessoal, visando representar e produzir uma identidade de si totalizante, que unificaria o “eu” ao mundo social. Segundo Bourdieu, “sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis” (1996, p.184). Seguimos a orientação metodológica de Fernanda Beigel, quando aponta para a importância do estudo da trajetória dos diretores das revistas culturais na América Latina. Segundo a pesquisadora,

Los directores de revistas tuvieron, en esta dinámica, un papel de indiscutible valor. Por lo general constituyeron exponentes de alto calibre en el campo intelectual de cada país y actuaron como catalizadores de nuevos proyectos político-culturales, algunas veces fueron orientadores, otras veces contribuyeron como colaboradores, pero esencialmente fueron agentes de difusión por excelencia. Los directores de revistas fueron, por lo general, editorialistas, dirigentes políticos, ensayistas, conferencistas, ideólogos, librereros, distribuidores, tipógrafos e imprenteros (BEIGEL, 2003, p. 109).

Beigel segue afirmando que, “[...] la trayectoria de los editorialistas y directores de revista asumieron siempre un carácter significativo, por cuanto cristalizaron – desde el ensayo teórico y en el nivel de la praxis periodística – de las principales categorías histórico-sociales que organizaban el universo discursivo de su época” (BEIGEL, 2003, p. 110). E ainda diz que, “en el caso de las revistas de vanguardia, el seguimiento de la trayectoria del director del emprendimiento se vuelve fundamental, en tanto encarna el proyecto y por lo general ocupa un lugar social importante, como portavoz del grupo y agente cultural” (BEIGEL, 2003, p. 113).

Analisamos a autobiografia escrita por Leopoldo Zea em que o mesmo apresenta a sua trajetória acadêmica e pessoal. A autobiografia intelectual escrita em terceira pessoa intitulada: “Autopercepción intelectual de un proceso histórico”, que foi publicada na *Anthropos* - revista de documentación Científica de la Cultura em 1988. A autobiografia em questão tinha como intenção a intersecção da dimensão da vida privada e pessoal, e da dimensão pública e social do professor e intelectual Leopoldo Zea. O título e o local de publicação da autobiografia corrobora para afirmar

que Leopoldo Zea tem a pretensão de escrever uma biografia dotada de “distanciamento” e objetividade (escrita em 3ª pessoa do singular) e de uma escrita de si como um processo histórico, ou seja, o indivíduo está atrelado a uma dimensão socio-histórica mais ampla e linear da vida. A revista onde foi publicada a autobiografia serve para divulgação do conhecimento científico acadêmico, ou seja, os adestramentos do ser e da escrita de si passam pelo constrangimento que a leitura dos pares (intelectuais) fazem desta obra em específico.

Vê-se na própria estrutura do texto o esforço e o objetivo do intelectual de construir uma narrativa de si que seja dotada de sentido e que esteja atrelada ao contexto histórico mexicano e mundial no período da sua vida. A primeira crítica que tecemos é no sentido de interpretar a narrativa e a representação que Leopoldo Zea constrói de si como ser autocentrado, possuidor de uma identidade homogênea que é comum à visão de mundo do indivíduo moderno. Tal visão nas (auto) biografias produz uma narrativa retrospectiva (passado) e prospectiva (futuro) da vida, visando o enquadrando existencial na perspectiva teleológica da modernidade. O aporte teórico de Pierre Bourdieu é importante, quando faz a leitura crítica do conceito de biografia, sugerindo a noção de trajetória que busca dar conta das discontinuidades, deslocamentos, redes e posições do ser no tecido social da vida moderna.

Ela conduz à construção da noção de *trajetória* como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (BOURDIEU, 1996, pgs. 189-190).

Tento em vista essa problemática passaremos a análise da autobiografia de Leopoldo Zea visando à contextualização²³ da sua trajetória de vida e intelectual a partir do seu meio socio-histórico, cultural e político. A infância de Zea é composta por memórias acerca da crise política, agitação social e violência deflagrada em decorrência da Revolução Mexicana. O autor visa construir uma narrativa que vincule o passado da sua família e o seu aos (des)caminhos que o cotidiano da revolução seguiu, para tanto lança mão ele próprio de uma noção híbrida de biografia,

²³ A importância do contexto do autor na produção do texto já é sabida desde os apontamentos teóricos da história social das ideias, da história dos intelectuais, do contextualismo linguístico inglês, da história conceitual alemã, etc.

que articula ficção e realidade, ancorada na memória de uma criança nascida em 1912 e que segundo afirma presenciou diferentes etapas na disputa entre as diferentes facções revolucionárias e também as antirrevolucionárias de tomar o poder ou manter-se nele. Assim inicia sua autobiografia,

Leopoldo Zea nace en un barrio de la Ciudad de México el 30 de junio de 1912. La revolución iniciada en 1910 sigue con violencia. El niño va tomando conciencia de la realidad que se vive. Es testigo de los sufrimientos de una ciudad, tomada una y otra vez por las diversas facciones revolucionarias. Vive con la abuela; a los cuatro años, está acostumbrado a los cotidianos tiroteos. Recoge los casquillos en las calles con los que juega a los soldados. Testigo de balaceras, fusilamientos e inclusive de un hombre quemado vivo en el llano atrás de la casa donde vive. [...] Así, esta historia, realidad y fantasía, se mezcla con la historia viva de la Revolución que seguía cobrando vidas. Un día, en las calles de Plateros, es exhibida en un escaparate la ensangrentada ropa de Emiliano Zapata, asesinado un día antes. Después, el asesinato de Villa; Venustiano Carranza con su blanca barba y más adelante su muerte cerca de Veracruz. Después, el triunfo final de los más fuertes generales de la Revolución, Álvaro Obregón. (ZEA, 1988, p.11).

A narrativa da infância de Leopoldo Zea também é composta pela prerrogativa da desigualdade social e educacional vigente no México no período conturbado pós-revolucionário. A figura de sua avó Micaela como aquela, que mesmo com todas as limitações, fez de tudo para que Leopoldo Zea tivesse educação primária (privilegio das elites mexicanas) e de José Vasconcelos como o político e intelectual mexicano que combateu a desigualdade educacional através de uma política educacional popular e nacionalista, está muito presente no imaginário de Leopoldo Zea. “La abuela logra, dentro de sus limitaciones, conseguir una beca para que el nieto haga la primaria con los hermanos La Salle. Termina la primaria en 1924. A sus fantasías se unen ahora las de sus lecturas extraescolares: Emilio Salgari, Julio Verne, Alejandro Dumas. El encuentro con el primer clásico, la *Ilíada* de Homero en las publicaciones populares de José Vasconcelos, Secretario de Educación de Álvaro Obregón” (1988, p.12). Após a derrota na corrida presidencial de José Vasconcelos em 1929, por meio de uma fraude eleitoral armada por Plutarco Elias Calles, os jovens mexicanos que desejavam mudanças sociais vêm seus sonhos frustrados. Entre eles está Leopoldo Zea que com 17 anos apoiou através da juventude Vasconcelina, a candidatura do mesmo. Para o autor “Vasconcelos fracasa y, con Vasconcelos, los sueños del joven que ha terminado la primaria y tiene que trabajar para ayudar a la abuela. Tiene 17 años y otro mundo se va abriendo a sus experiencias. La experiencia del fracaso del maestro que le había hecho conocer los clásicos” (ZEA, 1988, p.13).

Entre 1929 e 1933 o México viveu sobre o regime do *Maximato*. Durante esse período Zea combate o regime através de seus escritos críticos no jornal: o homem livre, onde foi colaborador. Segundo, “Zea se atreve a enviarle un artículo de crítica al gobierno. Es publicado y se le llama a

colaborar; escribe como Leopoldo Zea Jr., pues sabe que su padre está perdido en la revolución en algún lado (ZEA, 1988, p.14)”. O filósofo ingressa durante esse período como funcionário de uma repartição pública que vai permitir que auxiliasse com as despesas domiciliares e possibilitará o seu retorno aos estudos de nível superior.

En 1933 obtiene una plaza de mensajero en los Telégrafos Nacionales, un trabajo más entre otros muchos que ha tenido que realizar. Decide algo más, reanudar sus estudios, que la pobreza de la abuela le impidió continuar. Así entra en la Secundaria Nocturna para luego pasar a la Escuela Nacional Preparatoria de la Universidad Nacional Autónoma de México. Para estudiar debe hacer su trabajo como mensajero en horarios fijos por las mañanas. Una y otra vez debe solicitar que no se le cambie de turno. Es la oportunidad para seguir estudiando. Pide el puesto de despachador nocturno. Un día entra al trabajo a las ocho de la noche para salir a las doce; otro de las ocho de la noche hasta el amanecer y otro de descanso absoluto. (ZEA, 1988, p.15).

Pelos menos os primeiros vinte anos da vida de Leopoldo Zea tiveram como condicionantes, as novas experiências sociais e culturais desenvolvidas a partir da Revolução Mexicana. Ao mesmo tempo originou um período de crise, violência e agitação social, possibilitou também grandes transformações na sociedade mexicana como a luta pela justiça social, a formação de um estado de bem estar social, a invenção e difusão de um nacionalismo político e cultural, a inclusão das camadas populares na política através do sufrágio universal, as políticas públicas de acesso à educação pública e universalizada, o surgimento de um novo tipo de intelectual oriundo das classes populares que foram incluídos no espaço da cultura por meio dessa dimensão popular da revolução, e o próprio Zea é exemplo e resultado dessa prerrogativa de inclusão.

A partir de 1934 com a eleição do Lázaro Cardenas para presidência do México, vê-se o surgimento de novas possibilidades e trajetórias na existência de Leopoldo Zea. Digo que a partir dessa ruptura política entre o regime de Calles e o a política de Cárdenas vemos surgir à figura de Zea como intelectual que a partir de meados dos anos 1950 vai organizar e participar de redes acadêmicas e políticas, ocupar posições de destaque no tecido social, se deslocar estrategicamente dentro do campo intelectual a qual pertence. Entre 1939 e 1950 ganham forma o pensamento e a postura intelectual do latino-americanismo em Zea, por meio de seu contato sócio-intelectual nas instituições de ensino e pesquisa mexicana, no qual o papel da Universidade Autônoma do México – UNAM e da Casa da Espanha (posteriormente batizado de Colégio do México) são fundamentais. Segundo Zea, “Esto le permite inscribirse en 1936 en la Facultad de Derecho por las mañanas y en la Facultad de Filosofía y Letras por las tardes. Lo primero garantizaría su subsistencia, lo segundo para seguir su vocación que apunta a las Letras” (1988, p.13).

Um acontecimento histórico da primeira metade do século XX, como a Guerra Civil Espanhola marcará a vida do filósofo no que diz respeito à concepção de pertencimento cultural e também na influência que os intelectuais espanhóis exilados terão na formação acadêmica de Zea, quando diz que, “la Guerra Civil Española había causado un fuerte impacto en Leopoldo Zea que ya tiene 24 años. Está presente en todos los actos que se realizan en México en apoyo a la República, y estuvo a punto de embarcarse en uno de los barcos mexicanos que envía Cárdenas con armamento a España. En México, en la Facultad de Filosofía y Letras, recibe la enseñanza de los filósofos españoles en el transtierro. José Gaos lo recibe en su curso de Introducción a la Filosofía” (ZEA, 1988, p. 12-13). O contato com o mestre José Gaos, professor espanhol de filosofia (Zea utilizava “maestro” de forma afetiva e respeitosa quando escrevia sobre José Gaos) será de suma importância, pois é daí que surge a oportunidade de seguir a carreira acadêmica para Zea, através de uma bolsa de estudos de mestrado oferecida pelo colégio da Espanha, com intermediação de seu futuro orientador José Gaos, que havia ficado impressionado com a capacidade reflexiva de seu aluno em uma disciplina, realizada pelo mesmo, que estava sendo ofertada na Casa da Espanha sobre os filósofos pré-socráticos. Segundo Leopoldo Zea,

“¿Qué hace usted Zea?”, preguntó Gaos. Este le explica que trabaja por la noche y descansando un día de cada tres. “¡Pero eso no podrá durar mucho! ¡Hay que hacer algo por usted antes de que sea tarde!” Pocos días después, Alfonso Reyes y Daniel Cosío Villegas, presidente y secretario de La Casa de España en México, llaman a Zea y le indican que ha sido recomendado por Gaos para una beca que en calidad de prueba hará en esa institución. Pero debe renunciar a Telégrafos y dejar Derecho para dedicarse en exclusiva a la filosofía bajo la tutoría de José Gaos. Zea acepta de inmediato, Cosío Villegas le pide que lo piense mejor. “Si fracasa usted se va a morir de hambre.” Zea insiste. Y así se convierte en el primer becario de La Casa de España en México, después El Colegio de México (ZEA, 1988, 13).

José Gaos, do ponto de vista do campo intelectual e da reflexão teórica apontara caminhos, através da sua rede de sociabilidades e de indicações de uma possível temática de pesquisa, no âmbito da história das ideias, do positivismo no México que acabou se tornando a tese de doutorado de Leopoldo Zea defendida na UNAM em 1943. Zea firma vínculos políticos e de amizade, através das redes de sociabilidades de seu orientador Gaos, com os professores Samuel Ramos e Antonio Caso que o ajudou a ingressar na UNAM como professor.

En 1944 una reforma total cambia el orden universitario. Alfonso Caso, arqueólogo y antropólogo, hermano de Antonio Caso, es el rector interino que se encarga de la reforma universitaria. Terminada, llama a Zea y le dice: “Mi hermano Antonio me ha pedido que le ofrezca a usted la cátedra de filosofía de la historia que él dictó y a la cual ha renunciado. Si acepta entrará por la puerta grande a la Facultad a la que una maquinación le impidió ingresar antes”. “Déjeme hablar con el maestro Caso, es para mí una responsabilidad que me a terra . ” Antonio Caso insiste ante el propio Zea. “Usted aprenderá como yo aprendí: en la cátedra.” Zea acepta y se hace cargo en 1944 de la cátedra de filosofía de la historia de

la Facultad de Filosofía y Letras. El Consejo Universitario le exime de la oposición (ZEA, 1988, p.13-14)

As micro-relações de poder intelectuais sustentadas durante o contexto mexicano dos anos 1950/1960 não são apresentadas e discutidas por Leopoldo Zea. Na narrativa autobiográfica não está posta alguma problematização sobre o peso de José Gaos e das redes de sociabilidades a quais pertencia, e como tais auxiliaram na formação de estratégias políticas e burocráticas para que Leopoldo Zea ganhasse a posição intelectual e política de destaque na sociedade mexicana a partir dos anos 1950. Foi por intermédio de Gaos, que Leopoldo Zea ganhou uma bolsa da fundação Rockefeller, está de pesquisa, que possibilitou sua viagem de um ano e meio por todo o continente americano e que tem como produto a publicação de um livro chamado: “*Dos etapas del pensamiento en Hispanoamérica*”. Segundo Leopoldo Zea,

La beca iniciada en 1945, con medio año en Estados Unidos y un año en la América Latina, le permitía visitar país por país de esta región y acumular material que no había encontrado en las bibliotecas estadounidenses. [...] Con el apoyo de la Fundación Rockefeller y con el pie de imprenta del Fondo de Cultura Económica. Zea publica en 1949 el libro, fruto de este viaje, *Dos etapas del pensamiento en Hispanoamérica*, que luego ampliará (la última edición se publicará en España en 1976 con el título de *El pensamiento latinoamericano*). El viaje le permite conocer de cerca aspectos de la vida social y política de la región. Llega a la Argentina en junio de 1945, donde es testigo del nacimiento del peronismo, de las protestas universitarias y de gritos como "Alpargatas sí, libros no", "Si quiere hacer patria mate un estudiante". Se solidariza y acompaña a sus amigos argentinos en las manifestaciones de protesta. Corre, junto con Jesús Reyes Heróles, becario también, ante las cargas de la policía montada por las calles de Florida. En Brasil es testigo de la primera caída de Getulio Vargas. Perú, Colombia, toda la región sacudida por protestas sociales y políticas (ZEA, 1988, p.15).

Na narrativa de Zea a intenção de se colocar como “testemunha ocular” de grandes eventos do século XX, tanto da história mundial (2ª Guerra Mundial), quanto da história regional da América Latina (o peronismo, a queda de Getúlio Vargas, os movimentos sociais) o que reforça a concepção sobre a narratividade da vida e da linearidade histórica. Para Luciano dos Santos,

Assim, por mais que, mesmo depois do governo populista de Lázaro Cárdenas, grande parcela da população rural ainda se encontrasse desapropriada da terra, o operário ainda fosse fortemente explorado, a democracia não houvesse se consolidado, algo havia mudado: em certa medida, a cultura, a educação e a vida intelectual mexicana, em seus aspectos gerais, não eram mais as mesmas após a Revolução. Zea, estando inserido nesse contexto, não ficou à parte de tal processo. A Revolução Mexicana não só contribuiu para a formação de sua personalidade, mas também, e, sobretudo, preparou o terreno para a sua formação intelectual. Portanto, é interessante perceber como ele vivenciou ou viu o processo em causa (SANTOS, 2016, p. 29).

Para além das ideias e textos, Zea vai valer-se das relações institucionais e políticas para fomentar determinadas ações como a criação de instituições de pesquisa, congressos e sociedades

acadêmicas, direção e publicação de revistas científicas que tinham a América latina como foco. Segundo Zea,

Otra preocupación será organizar una política de la cultura que haga de estas ideas motores al servicio de la región. Así organiza en el Instituto Panamericano de Geografía e Historia el Comité de Historia de las Ideas en donde coordina los trabajos que sobre este tema se inician en la América Latina. En 1966, siendo Director de la Facultad de Filosofía y Letras, hace del Seminario de Historia de las Ideas en América, creado a su regreso de la América Latina en 1947, el meollo del Centro de Estudios Latinoamericanos, donde se inicia una carrera que comprende licenciatura, maestría y doctorado en Estudios Latinoamericanos, núcleo a su vez, de la Sociedad Latinoamericana de Estudios sobre América Latina y el Caribe (SOLAR) y que coordinará a todas las instituciones que en esta región trabajan sobre América Latina. Igualmente, la Federación Internacional de Estudios sobre América Latina y el Caribe (FIEALC). Ambas surgen de una reunión convocada por la Universidad Nacional Autónoma de México, en 1978, por recomendación de la UNESCO. Como órgano ejecutor de estas sociedades surge el Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos (CCyDEL), cuya sede permanente queda en la UNAM y es encargada al propio Leopoldo Zea. (1988, p.15-16).

A partir dos anos 1950, vemos a inserção de Leopoldo Zea, enquanto ser político, em partidos governamentais como: Partido Revolucionário Institucional (PRI). Leopoldo Zea defende a perspectiva do intelectual orgânico e distanciado, que participa do partido justamente para fazer à crítica e promover os debates que sirvam de estímulo a democracia. No entanto, não problematiza sua participação, intencionalidade e os ganhos materiais e simbólicos que o PRI proporcionou a ele enquanto intelectual engajado na unidade latino-americana e no seguimento das proposições feitas pelos líderes da Revolução Mexicana.

En 1956 será invitado como editorialista al diario *Novedades* en donde mantiene la misma actitud y crítica. En 1958 fue electo Presidente de la República el licenciado Adolfo López Mateos a quien trató en el PRI. Semanas después se crea dentro del Partido el Instituto de Estudios Políticos, Económicos y Sociales (IEPES) del Partido, ofreciéndose a Zea la dirección del mismo. ¿Qué puede hacer dentro de este organismo de análisis y de estudios? El presidente López Mateos le indicó que es allí donde se podrá iniciar la democratización del partido. Se intentó de inmediato, contando con la colaboración de Rodolfo González Guevara. Intento que fracasa a pesar de la decisión del propio presidente de la República. Se considera que el pueblo mexicano no es todavía apto para participar directamente en la política nacional. Tendrá aún que delegar esta acción en sus representantes en el PRI. Zea presentó la renuncia, que no fue aceptada. Zea se negó también a aceptar una diputación o cualquier otro puesto en que no pudiese actuar como intelectual (ZEA, 1988, p. 16)

A participação na vida política mexicana e o reconhecimento internacional estarão presentes na narrativa autorreferencial de Zea nos anos de 1960/70. Posteriormente a sua participação no IEPES, Zea é convidado pelo então presidente do México, Adolfo López Mateos, a ser o diretor geral de relações culturais da Secretária de Relações Exteriores do país. Tal posto vai proporcionar para Zea a possibilidade de conhecer outros continentes do globo fará com que sua perspectiva

terceiro-mundista, com as bases fixas no latino-americanismo, tome forma e se expanda. Surgem os dialógicos com África, Ásia e Europa e com intelectuais como Fanon, Cesáire, Krumah, Senghor. Segundo Zea,

En 1947 el Director de la Facultad de Filosofía y Letras, el filósofo mexicano Samuel Ramos, había designado a Leopoldo Zea Secretario de la Facultad. En 1952 fue designado Director de Cooperación Intelectual de la Secretaría de Educación Pública. En 1953 el filósofo británico Arnold Toynbee, que mantenía correspondencia con Leopoldo Zea, viaja a México, y su recepción estuvo a cargo de Zea. En 1953 la UNESCO invita a Zea a visitar sus oficinas en París. A ello se agregó la invitación de Toynbee para visitar Inglaterra. Las preocupaciones de Zea para situar a la América Latina en el contexto universal encuentran mayores horizontes. En 1960, después del fallido intento democratizador dentro del PRI, Zea había sido designado por el presidente Adolfo López Mateos, Director General de Relaciones Culturales de la Secretaría de Relaciones Exteriores. Como tal visitaría varias veces Europa, llevando la Exposición de Arte Mexicano a París, Roma y Copenhague. En 1961 participa en una misión de acercamiento con los pueblos recién liberados del África. Una hermosa y larga experiencia en países del África árabe y África negra. En 1964 otra Misión de Amistad por el Asia. La visión de América Latina quedaba así inserta en la visión del mundo en su casi totalidad. (ZEA, 1988, p.17)

Em 1966 Zea decide abandonar o cargo de diretor geral da secretária e dedicar-se exclusivamente a UNAM, as pesquisas, orientações e a gestão de aparatos institucionais que havia criado para dar suporte aos estudos sobre América Latina como a Revista Latinoamérica, o Centro de Investigações sobre América Latina e o Caribe (CIALC), o programa de pós-graduação em Estudos Latinoamericanos, a SOLAR e a FIEALC.

En 1966, a instancias del Rector de la UNAM, el doctor Ignacio Chávez, renuncia a Relaciones para aceptar la Dirección de la Facultad de Filosofía y Letras, poniendo en marcha varios proyectos que simplemente habían sido enunciados. Se resistiría a nuevos puestos políticos, incluyendo embajadas. Cumplía así lo expuesto al ingresar al PRI. Una mañana de junio de 1969, día en que muere José Gaos, éste le visitó en el cubículo que tenía en El Colegio de México, alejado del traqueteo de la Dirección de Filosofía. "Usted conoce casi todo el mundo Zea —le dijo Gaos—. ¿Conoce España?" "No"—le contesta—. "¿Por qué?" "Por usted. Yo no podré ir mientras usted no pueda hacerlo." Con palabras cortantes dice Gaos, "Eso es asunto mío, no suyo. Prométame que en la primera oportunidad que tenga visitará España. España es la otra parte de la identidad que anhelosamente viene usted buscando y analizando". Zea lo promete, cumpliendo la promesa al visitar España en 1972. Después volvería varias veces, siendo testigo, en cada ocasión, de la transformación de la España a la que el maestro hubiera querido regresar (ZEA, 1988, p.17).

A dedicação aos projetos acadêmicos e universitários na UNAM, e seu engajamento político-intelectual em prol da integração cultural e de uma suposta identidade comum latino-americana, fizeram com que Leopoldo Zea fosse mundialmente conhecido através de honrarias diplomáticas, homenagens universitárias, polêmicas com outros intelectuais, consultorias na criação

de instituições sobre o pensamento e história da América latina, assim como por meio do recebimento de *honoris causa* em diversas universidades.

Leopoldo Zea permanecerá definitivamente en la Universidad, en donde pondrá en marcha instituciones que afirmen la posibilidad del conocimiento de la América Latina, estimulando y coordinando actividades encaminadas en este sentido. Lo hace como Director de la Facultad de Filosofía y Letras, 1966-1970, como Director de Difusión Cultural, 1970, de la misma Universidad, a través del Centro coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos, a partir de 1979. Siempre en permanente contacto con la América Latina, pero también con otras regiones de la tierra como los Estados Unidos, Europa, Asia, África en cuyo horizonte se hace consciente la identidad de la región. (ZEA, 1988, p.17).

Ao longo de sua carreira, a preocupação latino-americanista de Zea se constituiu como foco central de suas inquietações intelectuais. Os acontecimentos socioculturais do seu tempo, tais como: revolução mexicana, guerra-civil espanhola, as duas guerras mundiais, as ditaduras e os populismos na América Latina, a guerra fria, tiveram uma forte influência sobre seu direcionamento intelectual. As relações intelectuais, políticas e de amizade com Antonio Caso, Samuel Ramos, Alfonso Reyes, José Vasconcelos, e principalmente com José Gaos, foram determinantes na trajetória de Leopoldo Zea. Foram às ações sociais e culturais de tais intelectuais que abriram caminho para que o pensador tivesse acesso à escola primária e as leituras de clássicos da literatura mundial (José Vasconcelos como ministro da educação), o contato com o circunstancialismo de Ortega y Gasset que serviu de base filosófica para seu projeto intelectual (Samuel Ramos em um curso sobre filosofia espanhola), o incentivo e a abertura de oportunidades na vida acadêmica por meio de bolsa de estudos para o mestrado e o doutorado, bolsa de pesquisa da fundação Rockefeller e posteriormente a ascensão ao cargo de professor na UNAM (Antonio Caso que é irmão do reitor da UNAM e Alfonso Reyes como presidente do Colégio da Espanha no México).

Por fim a influência de José Gaos, exilado no México desde 1938 em decorrência da Guerra Civil Espanhola, foi a mais emblemática, pois foi ele quem contribuiu para o desenvolvimento da perspectiva latino-americanista de Leopoldo Zea, fornecendo os instrumentos de fundamentação teórica necessária para seu orientando, e também inserindo seu aluno no interior de redes de sociabilidades que transversalizam a política cultural mexicana dos anos de 1940, 1950 e 1960, e que serão fundamentais para construção da figura de Leopoldo Zea enquanto o intelectual da integração latino-americana. Leopoldo Zea não deixa em evidência tais relações e acordos do poder, naturalizando tais relações que estão por de trás de seu lugar social que ocupa enquanto intelectual no tecido social e isso se traduz na sua narrativa autobiográfica, que deve ser tomada como fonte à

luz dessa problemática do não dito das relações de poder e da descontinuidade da experiência que o discurso (auto)biográfico pretende ocultar ou naturalizar.

3.3 Debates intelectuais latino-americanos: entre as raízes e opções.

O estudo de periódicos impressos ou digitalizados, em forma de revista nesse caso, trás consigo como especificidade característica da fonte de pesquisa que são as miríades de debates intelectuais, embates teóricos, temáticas difundidas e análises críticas. Apresentada tal especificidade do material pesquisado, decidimos recortar os artigos analisados por eixos temáticos transversais que conseguem demonstrar sua longa persistência enquanto temas importantes para a inteligência latino-americana que publicava na revista nos anos 1990. Tal característica da revista de organizar os debates em torno de grandes temas da cultura latino-americana se faz presente desde sua criação, como pode ser evidenciado na própria distribuição das sessões da revista e nos anos posteriores. A pesquisadora Heloisa Jochims Reichel sugeriu em um artigo sobre “a identidade latino-americana na visão dos intelectuais da década de 1960”, que os artigos publicados na *Cuadernos Americanos* nesse período estavam voltados a duas grandes temáticas, “a primeira era resultado de um comparativo com os países industrializados da Europa e os EUA e, nela, a América Latina aparecia como unidade subdesenvolvida e objeto de interferência externa do imperialismo. A segunda delineava a unidade existente entre a América Latina, a Ásia e África, ao mesmo tempo em que tinham suas possibilidades de desenvolvimento inviabilizadas” (REICHEL, 2007, p. 125). Com isso tentamos defender à hipótese que os debates na revista sempre estavam circunscritos a grandes temas da contemporaneidade e contexto latino-americano e que no período em que está pesquisa esta centrada, os debates giravam em torno de temas como: o papel dos intelectuais, modernidade, identidade e globalização.

Os conceitos e noções acerca da identidade e globalização contidas nos ensaios dos intelectuais latino-americanos presentes na revista CA durante os anos 1990 serão analisados para conseguirmos entender como dentro da arena cultural em disputa (a revista) construíram seus argumentos e articulavam seus debates acerca das temáticas de maior envergadura na revista durante os anos 1990, e quiçá de interesse principal de boa parte da intelectualidade latino-americana, que de certa forma através de seus diversos artigos sobre identidade e globalização encaminhava os interesses de debates realizados no periódico.

3.3.1 A função social dos intelectuais

Neste subtema acerca dos intelectuais latino-americanos acreditamos que as posturas e decisões que os intelectuais devem tomar frente às suas realidades socioculturais são expressas e apresentadas pelo diretor da revista Leopoldo Zea em um artigo intitulado: “La participación del intelectual en la política” publicado na CA no ano de 1999 no volume 75 da *Nueva Época*. Para Leopoldo Zea a política exercida pelos ditos “políticos profissionais” se diferenciam e muito da política realizada pelos intelectuais, que seria uma política em nome da cultural, ou seja, políticas culturais, com isso o filósofo mexicano defendia que os intelectuais nunca deixassem tornar-se massa de manobra e nem pensadores meramente técnicos alinhados e voltados à atender os interesses dos estados nacionais. Desta forma dizia que,

El intelectual siempre ha participado en política, aun cuando a veces haya aceptado la forma de la abstención; que abstenerse es también una forma de participar políticamente, cuando las formas activas de participación han perdido su eficacia al transformarse en un simple aparato mecánico de designaciones y dentro del cual no hay más voluntad que la de los técnicos que se encargan de su manejo (ZEA, 1999, p.237).

E reforçava a importância que os intelectuais possuíam em representar os interesses do seu povo, “es en este sentido que nuestra historia, la historia de nuestro México, puede ofrecer destacados ejemplos de participación del intelectual al lado de su pueblo, asumiendo y exponiendo sus más caros ideales como parte que es del mismo(ZEA, 1999, p.237)”. Com isso, Zea tenta construir um argumento do intelectual mexicano e latino-americano que parta da cultura popular e dos interesses do povo e não da defesa de governos e partidos específicos, já que conhecendo um pouco da biografia do filósofo mexicano, sabe-se que o referido autor era – ao menos no campo discursivo – um crítico do Partido Revolucionário Institucional Mexicano (PRI). O autor acredita que, “el intelectual, digámoslo com toda franqueza, no es ni puede ser un adorno para vestir a un determinado partido en unas determinadas circunstancias, manteniendo su calidad de intelectual (ZEA, 1999, p.238)”. E continua, “nada tiene, entonces, de extraño que el intelectual vea con desconfianza cualquier invitación a participar en el campo político a sabiendas que toda su función puede resumirse en trabajos técnicos. [...] aceptar tales funciones sin llenar los requisitos señalados sería también renunciar a la responsabilidad que implica llamarse intelectual (ZEA, 1999, pgs. 238-239)”. Não obstante, outro modelo de política deveria ser construído segundo o pensador, um modelo que integrasse o povo mexicano em sua totalidade na vida política,

Es menester, digámoslo con toda claridad, un nuevo estilo de política revolucionaria. Los cambios de nombres o de dirigentes saldrían sobrando si no se cambian los sistemas de organización política para que en adelante se basen en la participación activa, crítica y constructiva, de todos sus miembros. Dando a todos la oportunidad para hacer algo más que política oficial: política simple y pura. Un nuevo estilo de política que haga honor a la confianza que debe merecer el pueblo de México (ZEA, 1999, p. 241).

Pode-se perceber que o projeto de política que Zea defende é popular e segundo o próprio autor revolucionário em sentido estrito, já que o projeto seria em torno de uma participação ativa em torno de um modelo democrático participativo ocidental que em muitos casos ainda deixa sujeitos históricos à margem da nação e dos projetos nacionais. O povo mexicano e latino-americano para o autor é aquele oriundo da mestiçagem e da hibridez cultural pelo qual passou a cultura e a história latino-americana, onde as etnias indígenas foram assimiladas e fazem parte das nações imaginadas latino-americanas que estão em vias de alcançar à “tão esperada” modernização, no entanto no trabalho do filósofo mexicano as populações indígenas latino-americanas não são trabalhadas a partir da sua exterioridade ao modelo de civilização eurocêntrico que a nação quer impor a seu povo.

Un reto central para la inteligencia del mundo, un reto para la cultura y los hombres que la hacen. Reto para la política de la cultura, para que prevalezca la razón del hombre sobre la razón del Estado. Sobre la razón excluyente, la razón conciliadora al servicio de todos los hombres, en todas sus expresiones. Pero de un hombre que vea en otros a semejantes, por lo que tienen de distinto, como él lo es de ellos. Y por ser distinto respetarlo para ser reciprocamente respetado. A partir de este mutuo respeto podrá emprenderse una acción común en beneficio de la humanidad como totalidad (ZEA, 1995, p. 163).

Ou seja, o trabalho intelectual do filósofo das ideias mexicano infelizmente ainda está com as raízes fincadas nos parâmetros modernos de nação mexicana e latino-americana integrada, do povo mestiço e da sociedade burocrática em vias de modernização, onde o papel que deve ser assumido pelos intelectuais é o de mediador cultural entre o popular e o erudito, entre as etnias indígenas e as nações que habitam objetivando ‘assimilá-los’ à cultura nacional, entre o tradicional e a modernização e assim por diante, objetivando construir uma identidade latino-americana integradora, reforçando o nacionalismo e o populismo como práticas políticas corriqueiras. Segundo Santiago Castro-Gómez,

El nacionalismo y el populismo vinieron animados en Latinoamérica por una lógica disciplinaria que ‘subalternizó’ a una serie de sujetos sociales: mujeres, locos, indios, negros, homosexuales, campesinos, etc. La literatura y todos los demás saberes humanísticos aparecían inscritos estructuralmente en sistemas hegemónicos de carácter excluyente, generando una ‘política de la representación’. Las humanidades se convierten así en el espacio desde el cual se produce discursivamente al subalterno, se representan sus

interesses, se le asigna un lugar en el devenir temporal de la historia y se le ilustra respecto al sendero ‘correcto’ por el que deben encaminarse sus reivindicaciones políticas. (CASTRO-GOMÉZ, 1998, p. 195).

Zea diz que esse problema de identidade não é algo que está presente somente na cultura latino-americana, mas também em sociedades como a europeia, “Norberto Bobbio, en la revista Forum nos disse que los problemas de identidad, son ahora problemas del Primer Mundo que ya no siente seguro de su identidad. Bobbio habla de la identidad perdida de la izquierda que es también de la derecha (ZEA, 1996, p. 160). Na América Latina essa identidade remete, nos trabalhos de Zea, ao pensamento latino-americano que gerou ao longo dos anos a condição subalterna dos marginalizados da sociedade latino-americana. Para Santiago Castro-Goméz, “de hecho toda la tradición de lo que Leopoldo Zea llamó el ‘pensamiento latinoamericano’ se constituye desde y a partir de la modernidad, reproduciendo por ello los mecanismos generadores de alteridades que critican los estudios subalternos (CASTRO-GOMÉZ, 1998, pgs. 210-211).

Já outro autor latino-americano importante, Walter Mignolo no artigo intitulado “Posoccidentalismo: el argumento desde América Latina”, publicado na CA em 1998 no volume 67 da *Nueva Época* tem uma perspectiva diferente em relação a função e papel dos intelectuais. Segundo o teórico literário argentino,

Finalmente, si los intelectuales de hoy pueden desaparecer, pueden hacerlo por dos razones: porque, por un lado, los intelectuales mismos nos vamos convirtiendo en un movimiento social más, y, por el otro, porque podemos pertenecer a otros movimientos sociales (de carácter étnico, sexual, ambiental, etc.) en donde, o bien nuestro papel de intelectual desaparece, o bien se minimiza. [...] La rearticulación de las relaciones entre prácticas sociales y prácticas teóricas es un aspecto fundamental del posoccidentalismo como condición histórica y horizonte intelectual (MIGNOLO, 1997, p. 149).

Walter Mignolo defende a necessária vinculação dos aspectos teóricos e práticos no fazer intelectual, ou seja, a participação dos intelectuais nos movimentos sociais que buscam defender e a cima de tudo, representar intelectualmente. A partir dessa perspectiva da função do intelectual enquanto alguém que representa e defende interesses de grupos específicos frente às impunidades perpetradas por outros grupos sociais tais como empresários, agricultores, o próprio estado nacional a afirmação das demandas sociais desses grupos consegue alcançar maior ressonância e espectro. Nesse sentido o intelectual não ocupa um lugar na nação, mas sim nas fronteiras da mesma, naquela brecha que gera encontros culturais riquíssimos. Mignolo diz que “la creciente emigración de intelectuales desde América Latina a Estados Unidos, que inaugura una epistemología fronteriza

entre las exigencias epistemológicas de las ciencias sociales y las expectativas políticas de la reflexión intelectual (MIGNOLO, 1997, p.154)”. Ou seja, o trabalho do intelectual latino-americano construí assim uma “epistemologia fronteriza que va más allá de las construcciones binarias del Occidentalismo; es decir, la germinación del posoccidentalismo (MIGNOLO, 1997, p. 163)”.

No entanto as políticas de representação devem ser subvertidas, passando da representação à representatividade ecoando vocês que são capazes de representar-se a si mesmas, como é o caso de Rigoberta Menchú na Guatemala, o Exército Zapatista de Libertação Nacional no México e os Guarani-Kaiowás no Brasil. Desta forma o intelectual não objetiva representar os anseios e demandas dos sujeitos históricos marginalizados e subalternizados, mas visa construir espaços onde esses próprios sujeitos possam expressar suas demandas. Segundo Gómez, “por ello, em lugar de asumir un papel hegemónico, autorizado por la ciencia, que le permite mapear la sociedad y la cultura del ‘otro’, el letrado toma posición política al interior de los aparatos productores del saber. Lejos de querer representar la voz del otro, lucha por una transformación de las políticas académicas de representación (CASTRO-GOMÉZ, 1998, p. 202)”.

Assim temos demarcadas duas perspectivas da função social do intelectual latino-americano. De um lado temos um grupo intelectual filiado ainda a uma história das ideias latino-americanas, preocupados em construir e disseminar uma consciência ontológica hiperreal do ser latino-americano como ser/estar mestiço no mundo, objetivando uma autoafirmação identitária positiva, seja no nível nacional quanto continental, esse processo foi definido por Leopoldo Zea (1991) como o descobrimento latino-americano de sua própria personalidade cultural e espiritual. Esse projeto intelectual articulava a história das ideias na América latina em uma dupla dimensão: disciplinar e extradisciplinar, como apresentado de maneira brilhante por Eugênio Rezende de Carvalho (2009).

Segundo ele, o projeto extradisciplinar do movimento latino-americano de história das ideias, era a construção, através de uma reflexão filosófica da história latino-americana eminentemente especulativa e teleológica, de uma consciência compreendida dentro dos marcos de um nacionalismo e de um (latino)americanismo cultural e filosófico forjados como reação às recorrentes imagens negativas da realidade e dos povos americanos elaboradas externamente, em outras partes do mundo, e difundidas por séculos desde o período colonial. Para o autor, essas representações negativas, elaboradas externamente, contribuíram para a internalização de um sentimento de inferioridade existencial que colocava em dúvida a possibilidades de uma cultura e de um pensamento próprio e original latino-americano (2009, p.106). Com isso, o movimento intelectual emerge em meio a um contexto de crise da identidade latino-americana, no qual as

representações eurocêntricas acerca da realidade da América Latina passaram a ser consideradas estranhas a essa mesma realidade, mas também legitimadoras das formas de alienação e dependência cultural, levando a produção de um colonialismo interno, como apontado por Pablo González Casanova. Dito isso, “a tomada de consciência desse complexo de inferioridade e a busca de meios para a sua superação se convertiam, naquele momento, nos grandes desafios do movimento” (CARVALHO, 2009, p. 106).

Sabemos que o surgimento da história das ideias no continente americano a partir dos anos 1950, seu desenvolvimento e consolidação nas décadas de 1960 e 1970 está atrelado a um contexto nacionalista e desenvolvimentista em voga na região, que visava a modernização da América latina, impulsionada pela Organização das Nações Unidas – ONU através da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – Cepal , e que tinha como objetivo final a superação do subdesenvolvimento terceiro-mundista. No plano geopolítico internacional a Descolonização da África e da Ásia, produziu do ponto de vista político e intelectual, a luta e o pensamento anti-colonial em regiões do mundo vistas até então como dependentes, subdesenvolvidas e destituídas de cultura.

Diferentes pensadores e teorias foram produzidas nesse contexto histórico, desde o pensamento e escritos de Frantz Fanon até a reflexão produzida pelo movimento latino-americano de história das ideias. Em nome de uma modernização nacionalista do México e de uma integração econômica e cultural da América Latina, os pensadores desse movimento, inclusive o filósofo Leopoldo Zea, desenvolveram uma teoria que objetivava a construção de uma consciência ontológica latino-americana que buscava legitimar a mestiçagem como uma tipologia social que caracterizaria todos os povos da América Latina e o ser mestiço, como exemplo, dessa identidade majoritária do sub-continente. Essa teoria da mestiçagem, reflexo de uma assimilação e entrecruzamentos das mais diferentes culturas e etnias oriundas da própria América, de África e Europa, fincou raízes profundas na tradição intelectual latino-americana, desde o século XIX e por todo o século XX.

Infelizmente essa percepção da assimilação modernizante produziu o silenciamento e invisibilidade dessas diferentes etnias e povos que eram tidos como tradicionais, obsoletos e fadados ao desaparecimento no interior dessas nações que se modernizavam. Tais agentes modernizadores na América Latina, sejam os intelectuais, as políticas públicas ou o a força do Estado só não contavam com a resistência dessas etnias para não ser assimiladas, e com isso submergidas nos estados nacionais que compõem a América Latina. Tais etnias vão lutar e resistir para não serem assimiladas e incorporadas unilateralmente pelos Estados Nacionais, produzindo

dessa forma, com mais força – desde meados dos anos 1980, no contexto do fim dos regimes ditatoriais e da redemocratização das nações latino-americanas e se intensificando nos anos 1990, com o processo de aprofundamento do neoliberalismo e da globalização – os movimentos sociais étnicos que buscavam seu reconhecimento identitário e social, além do atendimento de suas reivindicações políticas e culturais, evidenciando que esses povos também eram produtores de conhecimentos e cultura, até então marginalizados pelos estados nacionais da América Latina.

É nesse contexto em que os trabalhos do Grupo Modernidade/Colonialidade abrem espaço para uma outra percepção da função social do intelectual na América Latina, que seria construir espaços de reflexão que garantissem a articulação e disseminação dos discursos e teorias construídas por essas etnias e povos originários que são, para a perspectiva decolonial, importantes produtores de conhecimentos e saberes. Luciana Ballestrin (2013) apresenta algumas contribuições consistentes do grupo:

(a) a narrativa original que resgata e insere a América Latina como o continente fundacional do colonialismo, e, portanto, da modernidade; (b) a importância da América Latina como primeiro laboratório de teste para o racismo a serviço do colonialismo; (c) o reconhecimento da diferença colonial, uma diferença mais difícil de identificação empírica na atualidade, mas que fundamenta algumas origens de outras diferenças; (d) a verificação da estrutura opressora do tripé colonialidade do poder, saber e ser como forma de denunciar e atualizar a continuidade da colonização e do imperialismo, mesmo findados os marcos históricos de ambos os processos; (e) a perspectiva decolonial, que fornece novos horizontes utópicos e radicais para o pensamento da libertação humana, em diálogo com a produção de conhecimento. (BALLESTRIN, 2013, p. 110)

Através dessa postura intelectual e política que reconhece a importância do conhecimento tradicional, não ocidental e eurocêntrico, vê-se um deslocamento importante do ponto de vista ontológico e epistemológico, onde o intelectual assume que a diferença identitária existencial e seu entendimento cultural produz uma sociedade mais igualitária e menos injusta, também aquele(a) pesquisador(a) que assume o giro decolonial como postura intelectual deve passar a entender seu fazer epistemológico como ato ético e político, evidenciando dessa maneira, o compromisso social que os intelectuais tem com os povos com quem travam diálogos e trocas que reverberam a representatividade dessas etnias e culturas, desenvolvendo assim espaços para articulação de novas reflexões acerca da identidade mestiça na América Latina, por exemplo.

A antropóloga Chryslen Barbosa Gonçalves (2019) apresentou em seu estudo sobre um modelo de mestiçagem não homogeneizante e que se constrói no embate e conflito na Bolívia andina, intitulada *Ch'ixi* e formulada pela intelectual aymara Silvia Rivera Cusicanqui, que busca compreender a mestiçagem a partir de uma perspectiva antropológica, que fez com que os trabalhos

se distanciassem de uma leitura *melting pot*, de um processo de mestiçagem harmônico que apaga os processos conflituosos de constituição da mestiçagem boliviana, decaindo em uma lógica identitária de homogeneidade.

O *ch'ixi* enquanto proposta de mestiçagem, deve ser diferenciado do processo de mestiçagem colonial. A “*mestizaje colonial andino*” é uma hipótese de trabalho de Cusicanqui (2010), na qual a autora parte da perspectiva de que as identidades índia, mestiça e *q'ara* são forjadas pelo feito colonial, construídas na essência da antinomia entre as culturas marginalizadas e a cultura ocidental que, desde 1532 até nossos dias, continuam moldando as estruturas de “*habitus*” vigentes (RIVERA CUSICANQUI, 2010.p.66). A partir daí a figura do *mestizo* torna-se um complexo necessário a ser compreendido para a formação dessa proposta de descolonização. Cusicanqui critica a leitura do *mestizo* como um amálgama, dialogando com os escritos de Frantz Fanon como uma formulação colonial de mescla entre as duas sociedades, uma fusão de raças, um híbrido que celebra o ocidental e nega seu traço indígena, desaparecendo o conflito do qual é gestado, confirmando uma leitura histórica harmoniosa de construção da modernidade (GONÇALVES, 2019, p.71).

3.3.2 Modernidade

Outro subtema recorrente nas discussões dos intelectuais na revista era o processo histórico e espacial pelo qual a América Latina passou desde a chegada dos primeiros colonizadores europeus e da imposição de um modo de vida moderno e cristão aos povos originários. Na revista surgem diferentes modos de entender a modernidade na América Latina, por um lado uma perspectiva que entende que a modernidade no continente não se desenvolveu completamente ou está inacabada graças ao percurso histórico tortuoso pelo qual o continente se desenvolve desde o século XVI e por outro lado à perspectiva que não entende a modernidade sem o seu complementar simétrico, a colonialidade, ou seja, a violência epistemológica, física, psicológica imposta pela modernidade eurocêntrica. Sejam como essas duas noções de modernidade são apresentadas pelos intelectuais na revista.

Para Jorge Larrain, a América ‘nasce’ enquanto continente já dentro daquilo que se compreende por época moderna, no entanto os desígnios externos não permitiu que se fizéssemos parte por completo dessa lógica, posteriormente quando o continente já era moderno, seus habitantes começaram a se questionar sobre como a modernidade atentava contra a identidade

latino-americana. Larrain vai defender o entendimento de que a construção da modernidade é compartilhada e não exclusivamente criação dos europeus, sendo que,

América Latina tiene una manera específica de estar en la modernidad. Por eso nuestra modernidad no es exactamente la misma modernidad europea, es una mezcla, es híbrida, es fruto de un proceso de mediación que tiene su propia trayectoria; no es ni puramente endógena ni puramente impuesta, algunos la han llamado subordinada o periférica (LARRAÍN, 1997, p. 102).

Jorge Larraín vai desenvolver uma tipologia para entender a trajetória da América Latina desde a modernidade. Na primeira fase de seu desenvolvimento moderno a América Latina estaria voltada à adoção das ideias de cunho liberal no século XIX, porém restringindo a ampla participação do povo na vida política, já que os mesmos tinham que passar por um processo civilizatório e educacional para fazer parte do estado-nacional como cidadãos. A América Latina nesse momento ainda possui segundo o autor uma industrialização atrasada devido a sua natureza de região agroexportadora e de matéria-prima. Já a segunda fase se caracterizaria pela crise final do sistema oligárquico e a implantação da industrialização substitutiva, todavia os trabalhadores não são incorporados à esfera política, incorporando dessa maneira somente as classes médias letradas à estrutura governamental e do poder.

A terceira fase do desenvolvimento moderno é posterior a Segunda Guerra Mundial e aos projetos de modernização nacional, os estados nacional-popular tem como característica principal o intervencionismo e o protecionismo, visando desenvolver um estado de bem-estar-social que, no entanto ainda mantém as massas excluídas. O quarto momento se desenvolveu nos anos 1960, com ascensão dos regimes militares na América Latina, que vai tomar medidas antidemocráticas, contra os direitos humanos e vai subsistir assim uma exclusão de amplos setores sociais. A quinta fase desse longo processo na América Latina se desenvolverá no final dos anos 1980 e durante os anos 1990, surgem assim novos indigenismos, concepções religiosas da identidade e inclusive formas de pós-modernismo, sendo todos os quais profundamente críticos da modernidade. Com isso é próprio da trajetória latino-americana à modernidade ter que remodelar e assentar nos anos 1990 as estruturas políticas de convivência que haviam se rompido, como, por exemplo, a revalorização dos direitos humanos e da democracia política (LARRAÍN, 1997, pgs. 106-111). Larraín defende que a modernidade foi vista por muito tempo como um processo externo a América Latina que negaria as identidades tradicionais no continente, mas que na verdade é um processo histórico compartilhado e construído por todos os povos que formam a humanidade.

Outro intelectual que tratou de expor sua concepção de modernidade na revista foi Leopoldo Zea, que via tal processo como algo inevitável e inalienável as culturas e povos do mundo que estão em vias de construir um mundo melhor dentro dos parâmetros da modernidade ocidental. O que seria a modernidade para Leopoldo Zea?

Modernidad es esa etapa de la historia de Europa en la que el hombre deja de acomodarse a la naturaleza para enfrentar y dominarla, haciendo de ella instrumento para su propia felicidad. La naturaleza, en todas sus expresiones, debe estar al servicio del hombre. Pero el problema está en que dentro de la naturaleza se incluye a los otros, a la otra gente, aquélla con la que se tropiezan los europeos y occidentales em su expansión sobre el planeta. Aceptar que esos otros puedan ser considerados como semejantes resulta difícil para quienes han hecho de su propia y concreta identidad lo humano por excelencia. Y esto sigue sucediendo pese a las dificultades con las que tropieza un mismo desarrollo originado en su misma ambición. ¿Como tratar – preguntan – con gente que no há superado la miseria y la barbarie? ¡Sólo se debe tratar con iguales como los europeos y, por desgracia, también con algunos asiáticos! ¡Nunca com gente que vive en la miseria, con la que se encontraron los iberos hace 500 años! Nada dicen de su contribución a esta miseria y su resistencia a rebasarla. (ZEA, 1997, pgs.13-14).

Para Leopoldo Zea a modernidade é uma construção iminentemente europeia, que tiveram a capacidade de racionalizar o mundo e dominar a natureza para serem felizes. A superação da diferença global para Zea está na aceitação e respeito por parte dos países desenvolvidos da condição de atraso em que América, África e Ásia vivem e o respeito a identidade cultural desses continentes. Em nenhum momento de sua análise o autor expõe o aspecto violento e o projeto assimétrico entre povos ocidentais e povos ocidentalizados. Para Zea a modernidade não trás em sua própria constituição essa diferença global que é fruto da colonialidade global, já que o autor defende e acredita na modernização dos países e culturas tidas atrasadas como maneira de superar a desigualdade entre os povos, aspecto que autores como Castro-Gómez e Mignolo descrevem como sendo fundamental ao projeto moderno.

Uma forma de fugir dessa armadilha moderna da modernização seria pensar a partir do conceito de ‘pós-ocidentalismo’ desenvolvido por Mignolo,

“Posoccidentalismo” puede designar la reflexión crítica sobre la situación histórica de América Latina que emerge durante el siglo XIX, cuando se van redefiniendo las relaciones con europa y gestando el discurso de la “identidad latino-americana”, pasando por el ingreso de Estados Unidos, hasta la situación actual en que el término adquiere una nueva dimensión debido a la inserción del capitalismo en “Oriente” (este y sureste de Asia”). (MIGNOLO, 1998, p. 145).

Para Mignolo, “posoccidentalismo, repitamos, concebido como proyecto crítico y superador del occidentalismo, que fue el proyecto pragmático de las empresas colonizadoras en las Américas desde el siglo XVI, desde el siglo XVI, desde el colonialismo hispánico al norteamericano y al soviético (MIGNOLO, 1998, p. 152)”.

Para Walter Mignolo a modernidade está eivada por violência de três genocídios na América Latina, “los tres grandes genocidios de la modernidad, en los cuales las Américas están implicadas: el genocidio indígena con la llegada de los españoles, el genocidio de la diáspora africana y el genocidio que comienza con la gestación misma de la modernidad (e.g., la expulsión de los judíos de España) y que marca la crisis del proyecto de la modernidad (MIGNOLO, 1998, p. 152)”.

Pode-se dizer que a modernidade nas Américas continua sendo um parâmetro de controle, pois seu projeto, todavia inconcluso no território leva sempre à emergência de estratégias por parte do estado de colocar os parâmetros modernos de capitalismo, tecnologia, trabalho e disciplina em prática no cotidiano social. Segundo Eduardo Mendieta,

La modernidad trabaja como un mecanismo que separa el cronometrar (temporalizar) y el cronometrado (ser temporalizado). Es por esta razón que mientras cada uno debe escribir su historia en términos de su interacción con Occidente, Occidente a su vez puede escribir la historia del mundo como la historia de sí mismo, como historia universal. Ligados a la estructura panóptica de la modernidad, descubrimos que la modernidad es también la situación epocal en la que la sociedad llega al frente como una estructura conceptual para la organización y constitución de agentes. La sociedad nació con la modernidad, porque la modernidad constituye a los individuos como sujetos; esto es, los yo son individualizados a través de la sujeción, su constituirse en sujetos, mientras sus asociaciones económicas y políticas, que colaboran en su sujeción, son incorporadas en las totalidades del Estado y la nación. Ser un sujeto es ser un individuo político, económico y social, que posee ciertos derechos, deberes y exigencias económicas. La modernidad, a su vez, es la constitución de la sociedad de acuerdo con la reglamentación de coordenadas espacio-temporales que permiten o impiden a los sujetos actuar: dominios privado y público, nación, ley, etcétera. (MENDIETA, 1998, pgs. 248-249).

A história e a cultura local, regional nessa perspectiva de modernidade criticada por Mendieta sempre deve estar sujeitada, submetida aos projetos globais do capitalismo e da racionalidade instrumental, que através do controle e de disciplina (estado, leis, nacionalismos), orientam e ditam as regras de funcionamento dessas localidades, ou seja, não existe regramento geo-histórico sem a perspectiva de conhecimento e de ciência moderna que orienta a vida política dos sujeitos. Conhecimento, disciplina e ordenamento é um tripé que se retroalimentam. Segundo Walter Mignolo,

El proyecto inconcluso de la modernidad es el proyecto inconcluso de los sucesivos colonialismos y de los legados coloniales activos en la etapa actual de un capitalismo sin fronteras. Entiendo, entonces, los tres “pos” (moderno, colonial y occidentalismo) como proyectos críticos de superación del proyecto de la modernidad y de una democracia global apoyada en un capitalismo sin fronteras. Estos proyectos actualizan y activan, al mismo tiempo, la descentralización y la ruptura de la relación entre áreas culturales y producción de conocimientos. Es decir, contribuyen a la restitución de las historias locales como productoras de conocimientos que desafían, sustituyen y desplazan las historias y epistemologías globales, en un momento en que el sujeto desencarnado del conocimiento postulado por Descartes y articulado por la modernidad, es cada vez más difícil de sostener. (MIGNOLO, 1998, 153).

Os processos que constroem a modernidade no interior da racionalidade ocidental sempre partem da Europa e tomam a história da Europa e de seu contato com os povos colonizados como história universal, o que produz mais uma violência, o do apagamento da história e da memória dos povos colonizados. Um deslocamento epistemológico importante na narrativa histórica é a de expor o protagonismo dessas culturas e etnias na construção das narrativas históricas acerca dos contatos e da construção da modernidade ch’ixi na Bolívia colonial, como exposto por Silvia Rivera Cusicanqui no livro *Ch’ixinakax utxiwa* (2010). Segundo Chryslen Gonçalves,

A autora estrutura sua análise tomando como referência a luta de Tupak Katari e Bartolina Sisa em 1781, uma vez que estes sujeitos históricos criticavam os tributos indígenas que mantinham a colônia economicamente, questionando a elite criolla da época, denominada arcaica pela autora, porque ela percebe o ócio como um elemento essencial na constituição desta classe. No diálogo realizado com Silvia Rivera, ela me comunicou que o contato dos grupos aymaras com o dinheiro e com o mercado não foi necessariamente um processo de subalternização, uma vez que já estavam vinculados em um longo processo econômico em seus próprios termos de um mercado a longa distância, como transportadores de llamas ou vendedores de coca. [...] Assim sendo, a partir da instituição da República a elite que estava em formação exige que os indígenas se limitem ao território dos Ayllus possibilitando a sua conversão nestas comunidades aparentemente “tradicionais”, no sentido pejorativo do termo como fixas. (GONÇALVES, 2019, p. 140).

3.3.3 Identidades e globalização

Outros dois temas recorrentes na revista *Cuadernos Americanos* durante os anos de 1990 eram a asserção e valorização da identidade latino-americana no interior do processo de intensificação do projeto de globalização hegemônica. São conceitos que nas discussões dos intelectuais estavam apresentados de maneira paralela. Na leitura que realizamos dos volumes parece mesmo que existia uma ânsia, uma euforia no meio intelectual latino-americano em debater tais questões. Leopoldo Zea, diretor da revista, vê nos anos 1990 a possibilidade da emergência dos marginalizados e da aceitação no plano internacional do multiculturalismo e da difusão de

identidades multiculturais no ocidente, para o autor os Estados Unidos da América, presidido à época por Willian Bill Clinton era indício da valorização do imigrante, do latino, do afro-americano em uma sociedade tão desigual quanto à norte-americana,

En este fin de siglo y de milenio la globalización imperial, que impusieron los intereses del colonialismo europeo y occidental, se há transformado ante la emergencia de los colonizados y marginados, los cuales exigen el lugar que les corresponde en una nueva globalización. Exigencias que niegan la existencia de razas y culturas superiores, por la diversidad de las mismas. Por el color de piel, cultura, hábitos y costumbres. Exigencias que ahora obligan a los pueblos colonizadores a plantearse problemas de identidad que parecían propios de marginados. Y con ello el conocer su verdadero lugar en un mundo multirracial y multicultural. (ZEA, 2000, p. 16).

Com o início dos anos 1990 e a decadência do socialismo real, novas realidades sociais emergem de conflitos e tensões de um mundo cada vez mais globalizado. Segundo Zea,

Los nacionalismos, los racismos y los fundamentalismos ponen en crisis el orden impuesto por el socialismo real. Este orden estaba integrado por la fuerza pero ahora parece desintegrarse en la libertad. El mundo liberal nada quiere saber de esto, no quiere saber de esto, no quiere que esse desorden se extienda a sua naciones, algo que puede suceder dentro de sus fronteras. Habrá que levantar muros para no dejar entrar, como antes hubo muros para no dejar salir. Sin embargo, el mundo del que se trata de defender lo lleva en sus propias entrañas. Así sucede en las grandes naciones de la Europa Occidental y em los Estados Unidos de Norteamérica (ZEA, 2000, p. 17).

Esse processo de suposta festa multicultural das identidades nacionais faz com que o filosofo mexicano acredite que está em voga nos anos 1990 uma nova forma de integração humana, pautada na solidariedade e no respeito mutuo entre as distintas culturas. Para Zea “se va perfilando una nueva forma de integración o globalización, ya no imperial, la vertical, que hizo crisis al término de la guerra fría. Una globalización horizontal, necessariamente solidaria para el logro de algo común. Ya no más ínsulas, sino un planeta enterro, libre y próspero (ZEA, 1997, p. 17)”. Isso vai levar a crença e a possibilidade da integração de fato da América Latina a partir de uma comunidade ibero-americana. Segundo José Cordón,

Puede la comunidad ibero-americana, en primer lugar, luchar por la solidaridad interna, con una democracia de la más amplia participación. [...] en segundo lugar, luchar por la solidaridad internacional, por la disminución de las desigualdades entre países, edificando una solidaridad – de justicia, y no de beneficencia – con los pueblos peor situados que los nuestros. [...] Y en tercer lugar, luchar por la solidaridad com las poblaciones futuras. (CORDÓN, 1997, p. 41-42).

Outros intelectuais tem uma perspectiva menos otimista e mais realista em relação aos processos globalizantes em voga nos anos 1990. Tais intelectuais veem que dentro do regime global a alteridade perde força, já que tais práticas globais são homogeneizadoras em sua grande maioria, mas que também servem à multiplicação de movimentos sociais que tendem a afirmar o seu direito à alteridade. Para Walter Mignolo,

La subordinación de la geografía a la historia, en la construcción misma de la modernidad, apagó la importancia de las historias locales y las subordinó a la historia universal de Occidente. La etapa actual de globalización, no sólo por la creciente magnitud de las corporaciones transnacionales sino también por sus objetivos, restituye la importancia del espacio y hace cada vez más difícil pensar en términos de historias universales. O, lo que es lo mismo, al restituir locales disminuyen la idea de una dupla constante entre Occidente y el resto del planeta. Las transnacionales van creando un mundo global que opera de arriba hacia abajo, más que desde el centro a la periferia. En esta rearticulación, la cuestión de la 'otredad' pierde relevancia y comienza a ser desplazada por estructuras económicas globales y políticas transestatales que hacen más visible la 'subalternidad' que la otredad; subalternidad, claro está, que sobrepasa el marco de las clases sociales y crea las condiciones para la multiplicación de movimientos sociales y para la rearticulación de la sociedad civil (MIGNOLO, 1988, pgs. 158-159).

A globalização é um processo ambíguo e complexo já que combina ao mesmo tempo homogeneização e a liberação da diferença como defendido por Castro-Goméz,

La globalización 'des-loca', en el sentido de que la experiencia cotidiana se hace cada vez más dependiente de los sistemas abstractos. El capitalismo, por ejemplo, es un mecanismo que coordina las transacciones entre agentes separados en espacio y tiempo a través de una señal deslinguizada: el dinero. Otro de los sistemas abstractos generados por la globalización, el Estado nacional, opera también como un mecanismo que coordina las acciones de agentes distanciados a través de una señal igualmente deslinguizada: el poder. (CASTRO-GOMÉZ, 1998, pgs. 207-208).

A globalização enquanto processo social, cultural e econômico vai produzir desafios para a sociedade contemporânea, entre outros o processo deslocamento de um grande número de refugiados no mundo, o êxodo e o exílio em decorrência de perseguição religiosa e de guerras civis criando assim uma verdadeira cultura diaspórica. Como re-negociar as múltiplas identidades dentro desse espectro atual? Segundo Fernando Ainsa,

Para hacer frente a este desafío, hay que inventar una mirada sobre nosotros mismos que sea múltiple, polifónica y pluralista, capaz de evacuar los significados aceptados del signo identitario. Lo importante es elaborar estrategias para sobrevivir en la inmersión de símbolos y referentes variados y reconstituir la noción de identidad sobre nuevas bases, superando el rechazo y el miedo monolítico a la cultura 'multinacional'. (AINSA, 1997, p. 70).

No mundo contemporâneo conviver na multiculturalidade é extremamente importante para Fernando Ainsa, já que “en esta perspectiva, la identidad cultural aparece como el resultado de posiciones variables y no fundadas en forma definitiva, una noción formada y deformada en varios frentes simultâneos, que se forja en el enfrentamiento y la coincidencia. Tampoco es algo homogéneo o fijo, sino una condición múltiple y transitória que acontece en la conjunción del siempre cambiante cruce cultural (AINSA, 1997, p. 72)”. Com isso a construção, desconstrução e reconstrução de identidades se torna algo permanente nas sociedades contemporâneas, exemplo disso é a própria história das ideias na América Latina que tiveram entre seus expoentes: Simón Bolívar, Sarmiento, José Martí, Rodó e que tinham como preocupação central a questão da identidade latino-americana, seus discursos foram construídos durante o século XIX. Segundo Yamandú Acosta,

A lo sumo podría pensarse en identidades múltiples y heterogéneas explicables por la mezcla de diversos factores. Plantearse la cuestión de la identidad cultural latino-americana como una tarea de búsqueda de carácter ontológico y esencialista será una intención destinada al fracaso o a la construcción de una ilusión. [...] La cuestión de la identidad de América Latina en su conjunto, tiene basicamente un estatuto discursivo (ACOSTA, 1997, p. 81).

Dito isto, teceremos algumas considerações acerca dos conceitos de globalização e identidades, em diálogo com o trabalho da antropóloga Rita Laura Segato (1997). A globalização como fenômeno social e cultural que se intensificou nas últimas duas décadas, e pode ser apresentada por meio de duas perspectivas: a) a globalização criaria a unificação planetária e a homogeneização dos modos de vida e culturas; b) a globalização produziria novas formas de heterogeneidade e o pluralismo de identidades transnacionais, levando a um processo de etnogêneses e emergência de novas identidades étnicas ou o ressurgimento de etnias já reconhecidas. As mais variadas regiões/localidades do mundo passam a ser determinadas pelos interesses econômicos e políticos globais, ou seja, pelo sistema econômico mundial globalizado, ao mesmo tempo surgem resistências locais que reafirmam identidades negadas no interior do estado nacional moderno, que é opressor.

Essas identidades étnicas se tornam visíveis à ordem mundial e buscam se associar a outros grupos que estão além das fronteiras nacionais. Segundo Rita Segato (1997, p. 162), “la inoculación de diversidad lo constituye la transnacionalización de identidades étnicas y sus luchas [...] solamente gracias a la internacionalización de ideas modernas de ciudadanía y derechos humanos se hizo posible la emergencia de pueblos antes invisibles, que hoy reclaman derechos en nombre de su

identidad”. A etnicidade das nações indígenas reforçou por muito tempo a marginalização desses grupos por parte do estado nacional, ou seja, ficava evidente a alteridade desses grupos e sua exterioridade perante o projeto de estado-nação moderno colonial, no entanto, nos últimos tempos os estados nacionais passaram a administrar a etnicidade interna em vez de querer fazer com que ela suma de seus horizontes, deixando assim, as etnias atreladas à voluntariedade interesseira de um estado que busca explorar o prestígio das minorias na lógica neoliberal do multiculturalismo, como signo de modernidade.

Cuando la fuerza de las minorías pasa a ser uno de los signos asociados al caracter avanzado de los países hegemónicos, las minorías se contaminan del prestigio de la modernidad a nuestros ojos y, dentro de este envoltorio, y no con el aspecto tradicional con que las conocemos en nuestras sociedades, son adoptadas por nosotros. Un negro, un indio, una mujer "hiperreales", enlatados, pasan a substituir a los sujetos históricos auténticos (Ramos 1994a). Además, el espejo global devuelve a las categorías históricas su imagen ahora transformada en la de consumidores marcados. Esta marca de consumidor con gusto previsible es, en buena medida, la marca étnica (SEGATO, 1997, p.170).

A etnicidade deve ser articulada por seus povos através das suas reivindicações políticas e socioculturais, dentro de seus termos e lógicas, dissociadas do interesse neoliberal pela marca étnica e da dominação do poder estatal. As relações interétnicas no Brasil são um bom exemplo de como colocar essas perspectiva em prática. Goldman apresenta a relação afroindígena como um meio para construir esas relações no Brasil.

Trata-se, básicamente, de pensar a relação afroindígena de um modo que não a reduza a simples reação à dominação branca, nem à mera oposição entre duas identidades – não importa se tidas como “primordiais” ou como constituídas por “contraste”. Ao contrário, trata-se de pensar essa relação a partir das alteridades imanentes que cada coletivo comporta e que devem ser relacionadas com as alteridades imanentes de outros coletivos, traçando espaços de interseção em que as chamadas relações interétnicas não são redutíveis nem à ignorancia recíproca, nem à violencia aberta, e nem à fusão homogeneizadora (GOLDMAN, 2015, p. 642).

Goldman abre espaço na reflexão sobre as relações interétnicas no Brasil e América Latina, a partir de um deslocamento epistemológico onde vamos operar a minoração do elemento cultural dominante racial branco da relação.

É claro que a estatização, ou o branqueamento, da relação afroindígena não marcou apenas as investigações acadêmicas. Como bem se sabe, no caso brasileiro, assim como em muitos outros, o encontro, e a relação afroindígena foram devidamente submetidos à “sociedade dos brancos” e pensados na forma daquilo que se convencionou chamar “mito das três raças”. Mito, inútil lembrar, que elabora, justamente, a “contribuição” de cada uma dessas “raças” para a constituição da “nação brasileira”, mas segundo uma lógica e um processo em que o vértice superior do triângulo das raças só pode ser, claro, encabeçado pelos

brancos [...] Em poucas palavras e grosso modo: como ficaria o mito das três raças se dele suprimíssemos não o fato histórico, político e intelectual do encontro, mas o vértice “maior” do triângulo, os “brancos”? Como apareceriam afros e indígenas sem este elemento sobrecodificador?(GOLDMAN, 2015, p. 646)

A partir desse movimento a relação afroindígena no Brasil, e as formulações identitárias oriundas dessa relação de livram da noção de estrutura e passam a operar por meio do virtual-real que significa supor que o que não está presente ou manifestado vai continuar a existir de alguma forma e poderá ser colocado em jogo a qualquer momento, se as relações e identidades derivadas, assim exigirem. Para Goldman (2015, p. 649), “isso produz a necessidade de uma perspectiva transformacional moral e política, na qual ontologia se torna sinônimo de diferença, e epistemologia, de ética”.

A perspectiva afroíndigena ajuda a iluminar o processo de construção deslocamentos identitários importantes, já entra em rota de colisão com o modelo de assimilação e mestiçagem impostos pelos estados nacionais durante boa parte do século XX e defendido por diferentes teorias e intelectuais latino-americanos. Esse deslocamento produz uma abertura a interpretação da fugacidade das identidades em tempos de globalização, colocando em relevo o caráter aberto e múltiplo das identidades na contemporaneidade. O compromisso teórico e político de uma ontologia da diferença é garantir espaços onde essas multiplicidades identitárias possam ser articuladas e exploradas.

As diferenças são intensidades que nada têm a ver com uma lógica da assimilação, mas sim com a organização de forças, que envolve a modulação analógica (contra a escolha digital) dos fluxos e de seus cortes, bem como o estabelecimento de conexões e disjunções. Esse modelo heterogenético apoiado nas variações contínuas permite opor termo a termo mestiçagem e sincretismo, de um lado, contramestiçagem e composição (no sentido artístico do termo), de outro (Goldman, 2015, p. 653).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista *Cuadernos Americanos* como um documento monumental da cultura latino-americana sempre esteve em constante diálogo com a intelectualidade que utilizou e continua utilizando suas páginas como arena de ideias e repositório de longos debates que atravessam os anos, ao final dessa pesquisa podemos crer, ao menos provisoriamente, que a revista CA sempre esteve alinhada com a sua temporalidade histórica e social, traduzindo as aflições e inquietações dos intelectuais que ali publicaram sobre as questões situacionais e contemporâneas da América Latina, fossem elas: sociais, econômicas ou culturais. Tais questões tinham e ainda tem como pano de

fundo a questão da constante (re)construção das identidades na parte latina do continente onde desde os tempos coloniais, passando pelo processo de independências do século XIX e as Guerras do século XX sempre foi um tema caro à inteligência latino-americana. A compreensão da revista partiu da hipótese de que nos anos 1990 as linhas temáticas da revista estavam novamente voltadas à compreensão do fenômeno da globalização e como tal processo se desenrolava na América Latina, essa avaliação foi realizada por diferentes pensadores e variados grupos de intelectuais que possuíam diferentes posicionamentos em relação ao processo global e publicaram debates riquíssimos sobre tais temáticas na *Cuadernos Americanos*.

No período estudado, basicamente o final dos anos 1980, toda a década de 1990 e o início dos anos 2000, o diretor do periódico foi o filósofo mexicano Leopoldo Zea, que desde seus anos de juventude foi animado intelectualmente por um forte nacionalismo cultural difundido no México do início do século XX graças aos imperativos da Revolução Mexicana. Essa prerrogativa de valorizar o que era próprio da história e da cultura nacional mexicana e regional latino-americana vai levar o professor Leopoldo Zea a desenvolver um projeto identitário latinoamericanista-integracionista que será posto em prática por meio da criação de redes intelectuais, seminários sobre a História das Ideias no continente, seminários, cursos universitários voltados ao estudo da realidade latino-americana e assim sucessivamente foi ampliando suas estratégias de integração cultural (a condição mestiça e de hibridez cultural) e histórica da região (o passado comum da exploração colonial), sendo uma das estratégias principais a formação de quadros de intelectuais latino-americanos e de outras partes do mundo voltados ao estudo da América Latina, formando diferentes gerações intelectuais dentro do paradigma da integração e da mestiçagem cultural, que participaram como vozes ativas na defesa da construção dessa suposta identidade, tal perspectiva vai atravessar os discursos de diferentes pensadores que publicaram na CA durante os anos em que essa pesquisa se concentrou. No entanto a afirmação desse projeto tem como grande problema justamente a reafirmação do paradigma moderno de sujeito individual que faz parte de uma comunidade nacional integrada e unida, assim como os heróis das independências, pertencentes às elites crioulas, imaginaram; todos juntos em nome das grandes nações que estavam por vir.

Justamente o equívoco na análise de Zea e de seus pupilos é não vislumbrar que as próprias nações nas Américas nascem sob o signo da violência moderno-colonial, não no sentido estrito, em todas as instâncias que compõem a vida social, a religião, a sexualidade, a racionalidade, o trabalho, as raças, ou seja, não é possível existir uma integração latino-americana porque não existe uma representação de identidade latino-americana que consiga aglutinar todos os sujeitos que ficaram

fora do processo de construção das nações, pois não eram considerados sujeitos, cidadãos com direitos, os negros escravizados em África, os indígenas catequizados nas Américas ficaram na exterioridade da nação, não foram assimilados pela cultura nacional assim como Zea defendia que deveria ser feito com os indígenas no México quando se refere “ao problema” de Chiapas na década de 1990 e o retorno do movimento zapatista.

Mesmo quando os autores que ainda estão com os pés fincados nos parâmetros modernos de civilização conseguem analisar o processo de modernidade na América Latina, o fazem, colocando a interpretação em termos binários, dicotômicos daquilo que falta para alcançarmos o progresso e o desenvolvimento material, tecnológico e cultural do continente sem se questionarem em nenhum momento se o problema estaria somente na maneira como os Estados Nacionais conduzem sua política governamental ou se também estaria na própria gênese do Estado moderno que é, entre outras: as leis, o cristianismo, um dos principais pilares da colonialidade e da exclusão de uma gama de sujeitos ao longo do desenvolvimento cultural e material da modernidade e da modernização.

Leopoldo Zea no fim dos anos 1990 vai ver com grande entusiasmo a emergência do que ele chamada dos “marginalizados”, seriam grupos sociais pertencentes às minorias étnicas, raciais, de gênero e sexualidade que estariam provocando a ruptura no sistema desigual das sociedades capitalistas, vai usar como exemplo de análise a política de estado multiculturalista (Leopoldo Zea tinha uma frase recorrente em seus escritos: “igualdade na diferença”) de Bill Clinton como indício da entrada na cena política das minorias, não conseguindo perceber justamente a lógica perversa que existe por de trás da lógica multicultural em sociedades capitalistas, onde se captura e congela representações culturais de diferentes grupos sociais até então excluídos para torná-los produtivos e geradores de riqueza para o sistema capitalista.

Com isso a construção de identidades culturais nas Américas não deve mais passar por um processo de asserção do multiculturalismo, do suposto universalismo humano e da representação essencialista dos sujeitos modernos (o mestiço na América Latina), partindo assim para uma perspectiva interculturalista, geo-histórica e situacionada dos processos de identificações e da relativa alteridade e exterioridade da existência humana em cenas ou paisagens culturais: pós-modernas para europeus, pós-coloniais para africanos e asiáticos e pós-ocidentais e decoloniais para os americanos, é nisso que o segundo grupo vinculado pela revista vai caracterizar como sendo próprio do processo de desconstrução da colonialidade, através da difusão de diferentes maneiras de existir e de viver na atualidade, levando em consideração, por exemplo, outros modelos e tipologias que possam coexistir como referencia epistemológica: a economia solidaria desenvolvida nos

Andes e nos Quilombos do Brasil, a filosofia e a vida em comunidade Ubuntu, as diversas religiosidades das etnias indígenas e africanas sendo respeitadas, o modelo de autonomia política dos Zapatistas de Chiapas no estado de Morelos no México e do estado Plurinacional na Bolívia, ou seja, abrir a condição moderna a outras experiências e legados humanos que por muito tempo ficaram de fora do jogo da tal “humanidade”.

Ao longo da pesquisa consegui ver se delinear, ao menos no plano das ideias, o surgimento e desenvolvimento dessas diferentes perspectivas sobre qual foi o impacto da modernidade na América Latina e como isso reverberou na construção das identidades nacionais e regionais e como esse estado de coisas se alteram com a desenrolar do processo global. Por fim, espero ter alcançado o objetivo inicial da pesquisa, ou pelo menos em parte, que era o de discutir como diferentes intelectuais latino-americanos; a partir de diferentes referências, conceitos e escolas analíticas, conceituaram nas páginas da revista *Cuadernos Americanos* o que seria a identidade latino-americana nos anos 1990 em meio à intensificação do processo de globalização.

5 REFERÊNCIAS:

FONTES

[s.a]. Conocimiento de América. *Revista Cuadernos Americanos*, n. 3, Mayo-Junio de 1942, Vol.III, pp. 171 – 121. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1942.3/CuadernosAmericanos.1942.3.pdf>.

ACOSTA, Yamandú. Globalización e identidad latinoamericana. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XI, vol.3, n. 63, mayo - junio, 1997, pp. 79 – 87. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-63.pdf>

AINSA, Fernando. El desafío de la identidad múltiple en la sociedad globalizada. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XI, vol.3, n. 63, mayo - junio, 1997, pp. 60 - 78. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-63.pdf>

BIAGINI, Hugo. Utopismo y juventud. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XI, vol.3, n. 63, mayo - junio, 1997, pp. 46 - 59. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-63.pdf>

CASTRO-GOMÉZ, Santiago. Modernidad, latinoamericanismo y globalización. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XII, Vol. 1, n. 67, Enero-Febrero, 1998, pp. 187-213. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-67.pdf>.

CORDÓN, José Luis Rubio. La comunidad iberoamericana ante dos interrogantes. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XI, vol.3, n. 63, mayo - junio, 1997, pp. 33 - 45. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-63.pdf>

DUQUE, Alfredo. Los veinticinco años de la revista. *Revista Cuadernos Americanos*, n. 2, Marzo-Abril, 1967. pp. 57-60. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1967.2/CuadernosAmericanos.1967.2.pdf>.

FINISTERRE, Alejandro. Juan Larrea, León Felipe y el cincuentenario de Cuadernos Americanos. *Revista Cuadernos Americanos*, n. 35, 1992, pp. 118-133. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-35.pdf>.

HERZOG, Jesús Silva. Lo humano, problema esencial. *Revista Cuadernos Americanos*, México, Año I, Volumen I, número 1, Enero-febrero 1942. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1942.1/CA.1942.1.pdf>.

HERZOG, Jesús Silva. Deberes del intelectual mexicano contemporáneo. *Revista Cuadernos Americanos*, México, Año VI, Volumen XXXVI, Número 6, Noviembre-diciembre 1947, pp. 62-69. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1947.6/CuadernosAmericanos.1947.6.pdf>.

HERZOG, Jesús Silva. El número cien. *Revista Cuadernos Americanos*, n. 100, 1958, pp.9-10. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1958.100/CuadernosAmericanos.1958.100.pdf>.

HERZOG, Jesús Silva. Veinte años al servicio del mundo nuevo. *Revista Cuadernos Americanos*, núm. 6, 1961, pp. 7-18. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1961.6/CuadernosAmericanos.1961.6.pdf>.

HERZOG, Jesús Silva. Breve historia del Fondo de Cultura Económica. *Revista Cuadernos Americanos*, México, Año XXXI, Vol. CLXXX, N° 1, Enero-febrero, 1972, pp. 161 – 172. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1972.1/CuadernosAmericanos.1972.1.pdf>.

LARRAÍN, Jorge. La trayectoria latinoamericana a la modernidad. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XI, vol.3, n. 63, mayo - junio, 1997, pp. 100 – 121. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-63.pdf>

LARREA, Juan. A Manera de Epílogo. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*. Año VI, Vol. 1, n. 31, Enero-Febrero, 1992. Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). pp. 22-40. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-31.pdf>.

LARREA, Juan. Carta a Jesús Silva Herzog. *Revista Cuadernos Hispanoamericanos*. n. 640, Octubre de 2003, pp. 91-107. Disponible em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/cuadernos-hispanoamericanos--47/>.

MENDIETA, Eduardo. La geografía de la utopía: regímenes espacio-temporales de la modernidad. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XII, Vol. 1, n. 67, Enero-Febrero, 1998, pp. 238 – 255. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-67.pdf>.

MEDIN, Tzvi. La filosofía latinoamericana y el proceso de globalización. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XI, vol.3, n. 63, mayo - junio, 1997, pp. 88-99. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-63.pdf>

MIGNOLO, D. Walter. Posoccidentalismo: el argumento desde América Latina. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XII, Vol. 1, n. 67, Enero-Febrero, 1998, pp. 143 – 165. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-67.pdf>.

MONTELLANO, Bernardo Ortiz de; FELIPE, León; LARREA, Juan. Gestación de Cuadernos Americanos. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*. Año VI, Vol. 1, n. 31, Enero-Febrero, 1992. Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). pp. 16-22. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-31.pdf>.

MORAÑA, Mabel. El boom del subalterno. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XII, Vol. 1, n. 67, Enero-Febrero, 1998, pp. 214 - 222. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-67.pdf>.

MOREIRAS, Alberto. Fragmentos globales: Latinoamericanismo de segundo orden. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XII, Vol. 1, n. 67, Enero-Febrero, 1998, pp. 166–186. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-67.pdf>.

PORTILLA, Ascensión Hernández de León. “España y lo español en Cuadernos Americanos”, *Revista Cuadernos Americanos*, núm. 3 (1995), pp. 248-255. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-51.pdf>

REYES, Alfonso. America y los Cuadernos Americanos. *Revista Cuadernos Americanos*. Año I, Vol. II, n. 2, Marzo-Abril, 1942, pp. 7-10. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1942.2/CuadernosAmericanos.1942.2.pdf>.

REYES, Alfonso. Posición de América. *Cuadernos Americanos*, n. 2, Marzo-Abril de 1943, Vol. VIII, pp. 7-23. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/CuadernosAmericanos.1943.2/CuadernosAmericanos.1943.2.pdf>.

TABOADA, Hernán G. H. Asia y África en Cuadernos Americanos. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, n. 50, 1995, pp. 155-165. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-50.pdf>

WEINBERG, Liliana. Cuadernos Americanos: entre la memoria y la imaginación. *Revista Cuadernos Americanos*, n. 50, 1995, pp. 11-22. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-50.pdf>.

WEINBERG, Liliana. Leopoldo Zea y El Mirador de *Cuadernos Americanos*. *Revista Cuadernos Americanos*, num. 107, 2004, pp. 109-114. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-107.pdf>.

ZEA, Leopoldo. Palabras del director. *Revista Cuadernos Americanos - Nueva Época*. Año 1, Vol. 1, Enero-Febrero, 1987, pp. 9-11. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-01.pdf>.

ZEA, Leopoldo. Autopercepción intelectual de un proceso histórico. *Anthropos. Revista de Documentación Científica de La Cultura*, n. 89, 1988, p. 11-27. Disponible em: <http://www.ensayistas.org/antologia/XXA/zea/zea2.htm>. (Autobiografía escrita em 3ª pessoa).

ZEA, Leopoldo. Cuadernos Americanos: cincuenta años después. *Revista Cuadernos Americanos - Nueva Época*. Año VI, vol. 1, Enero-Febrero 1992. pp. 11-15. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-31.pdf>.

ZEA, Leopoldo. Cuadernos Americanos Nueva Época: sus primeros cincuenta números. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año IX, vol.2, n. 50, marzo-abril, 1995, pp. 11-12. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-50.pdf>.

ZEA, Leopoldo. El fin de siglo y el fantasma de los marginados. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año VIII, vol.2, n. 44, marzo-abril, 1994, pp. 35 – 42.

ZEA, Leopoldo. Identidad continental multirracial y multicultural. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XIV, vol.2, n. 80, marzo-abril, 2000, pp.15-19.

ZEA, Leopoldo. Repensar el futuro de América. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XIV, vol.6, n. 84, noviembre-diciembre, 2000, pp. 11-18.

ZEA, Leopoldo. La participación del intelectual en la política. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XIII, vol.3, n. 75, mayo-junio, 1999, pp. 237-242.

ZEA, Leopoldo. Filosofía de las relaciones de América Latina con el mundo. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año VII, vol.5, n. 41, septiembre - octubre, 1993, pp. 93-100.

ZEA, Leopoldo. Chiapas, yunque de México para latinoamérica. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, p. 11-42.

ZEA, Leopoldo. Integración y desintegración mundial y la política de la cultura. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, p. 154-163.

ZEA, Leopoldo. Latinoamérica en la globalización. *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, Año XI, vol.3, n. 63, mayo - junio, 1997, pp. 11-17. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/ca/ne/NE-63.pdf>

ZEA, Leopoldo. Fin del siglo XX, ¿Centuria perdida? *Revista Cuadernos Americanos – Nueva Época*, n 33, 1992, pp. 11-19.

ZEA, Leopoldo. La filosofía como compromiso de liberación. Selección, cronología e bibliografía de Liliana Weinberg de Magis y Mario Magallón. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. Los avatares de la ‘ciudad letrada’ en el siglo XX. 1ª ed. – Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

ALTAMIRANO, Carlos. **Para un programa de historia intelectual y otros ensayos** – 1ª ed. – Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005. 136 p. (Colección – Mínima).

ALTMANN, Werner. O legado do pensamento filosófico de Leopoldo Zea para a América Latina: o latino-americanismo universal. *Revista História Unisinos*, 9, (2): pp. 145 – 147, Maio/Agosto, 2005. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6421>.

APPIAH, Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117. Disponível em www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis latinoamericana*, vol. 8, núm. 20, enero-marzo, pp. 105 – 115, 2003, Universidad de Zulia, Venezuela. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27902007>.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Obras Escolhidas. Vol 1: magia e técnica, arte e política.** Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. pp. 241-252.

BORON, Atilio. *Os “novos Leviatãs” e a pólis democrática: neoliberalismo, decomposição estatal e decadência da democracia na América Latina.*_____In. SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Orgs.). **Pós-neoliberalismo II: que Estado para que democracia?** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. pp. 7-67.

BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão biográfica.* In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996. 277 p.

BRUIT, Héctor. **Revoluções na América Latina.** O que são as revoluções?. São Paulo: Atual, 1988.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. **Pensadores da América Latina: o movimento latino-americano de história das ideias.** Goiânia: Editora UFG, 2009. 120p.

CAUDET, Francisco. **El Exilio Republicano en México.** Las revistas literarias, 1939-1971. Madrid: Fundación Banco Exterior, 1992.

CRESPO, Regina Aída. Produção literária e projetos político-culturais em revistas de São Paulo e da Cidade do México, nos anos 1910 e 1920. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, vol. LXX, n. 208-209, p. 682, 2004. Disponível em: <https://revistaiberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/5504/5655>.

CRESPO, Regina Aída. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In. Cadernos de Seminários de Pesquisa / orgs. Mary Anne Junqueira, Stella Maris Scatena Franco. – São Paulo: Departamento de História da Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011, v.2. pp. 98–116. Disponível em: <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Fontes históricas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 111-153.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. Uma agenda para la intelectualidad de América Latina y el Caribe: acogiendo la herencia de Leopoldo Zea para pensar más allá del estado-nación. *Revista Universum*, n. 25 Vol.2, II Sem. 2010, pp. 41-56. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-23762010000200004.

DOSSE, François. **La marcha de las ideas.** Historia de los intelectuales, historia intelectual. Trad. De Rafael F. Tomás, Valencia, Universitat de Valencia, 2007.

GARCIADIEGO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In. ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. Los avatares de la ‘ciudad letrada’ en el siglo XX. 1ª ed. – Buenos Aires: Katz Editores, 2010. pp. 31-44.

GILMAN, Claudia. Las revistas y los límites de lo decible: cartografía de una época. In. SOSNOWSKI, Saúl. [et. al.]. **La cultura de un siglo**: América latina y sus revistas. 1ª ed. – Buenos Aires: Ed. Alianza, 1999. pp. 461 – 468.

GOLDMAN, Marcio. “Quinhentos anos de contato”: por uma teoria etnográfica da (contra) mestiçagem. *Revista Mana*, 21 (3): pp. 641 – 659, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p641>.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Orgs.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 488 p.

GONÇALVES, Chryslen Mayra Barbosa. **Epistemologias manchadas: mestiçagem e sujeitos políticos da descolonização na Bolívia andina**. Campinas, SP: [s.n], 2019. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/335277/1/Goncalves_ChryslenMayraBarbosa_M.pdf

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GIROLA, Lidia. La crisis como oportunidad: Grupos intelectuales y la construcción del Estado post-revolucionario – su contexto político y intelectual (1934-1950). *Tempo Social*: revista de sociologia da USP, v.28, n.3: pp. 1-27, Dezembro 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v28n3/1809-4554-ts-28-03-0003.pdf>

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Periferia*, v. 1, n.2, p. 41-91, 2009. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3428/0>

GROPPO, Bruno. Os exílios europeus no século XX. *Revista Diálogos*, DHI/UEM, v. 6, pp. 69–100, 2002. Disponível em: <http://www.dialogos.uem.br/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=236>.

HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? In: **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013. p. 110-140.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 267 p. (História e historiografia)

HARTOG, François. Situações postas à história. Tradução de Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron. *Revista de História*, n. 166, São Paulo, jan/jun 2012, p. 33. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/pp.17-33>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/48480/52339>.

HARTOG, François. Experiências do tempo: Da história universal à história global?. *Revista história, histórias*. Brasília, vol.1, n. 1, 2013, pp. 164-179. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/9367/6959>.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. Museu de arte do Rio de Janeiro, 213 p.

LESTEIRO, María-Fernanda Iglesia. Juan Larrea, Archivero, Bibliotecario, Arqueólogo. *Boletín de la ANABAD*. XLV, 1995, Núm. 4, Octubre-Diciembre, pp. 9-23. Disponível em: <http://www.anabad.org/images/boletines/1995.4.pdf>.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de Republica, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado, 2001. 593 p.

MARTINS, Maria Antonia Dias. **Identidade Ibero-americana em revista: Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos, 1942 – 1955**. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012, 257 p.

MEZZADRA, Sandro & RAHOLA, Federico. La condición postcolonial. Unas notas sobre la cualidad del tiempo histórico en el presente global. In: MEZZADRA, Sandro et alli (org.). **Estudios Poscoloniales: ensayos fundamentales**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008. p. 261-278. Disponível em: <https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Estudios%20Postcoloniales-TdS.pdf>.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. *Revista Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, nº 34, 2008, pp. 289-290. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf>.

MISKULIN, Silvia Cezar. O papel do intelectual no México nos anos 1970 e 1980: polêmicas nas revistas *Plural* e *Vuelta*. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n.10, p. 126 – 145, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1291/1158>

MORAÑA, Mabel. Revistas culturales y mediación letrada en América Latina. *Revista Outra Travessia*, n. 40/1, Ilha de Santa Catarina, pp. 67-74, 2º semestre de 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/13093/12172>.

MOREIRA, Marcílio Marques. Nacional financeira do México: 1934/1964. *Revista do BNDE*, Rio de Janeiro, v.1, n.4, p. 299-323, dez. 1964. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/12198>.

NEIRA, Ana González. Cuadernos Americanos y el el exilio español: nacimiento de una revista universal (1942 – 1949). *Revista Cuadernos Americanos*, núm. 127, 2009, pp. 11 – 30.

PATIÑO, Roxana. Revistas literarias y culturales argentinas de los 80: usinas para pensar una época. *Insula – Revista de Letras y Ciencias Humanas* [online]. n. 715-716, Julio 2006. Disponível em: http://www.insula.es/sites/default/files/articulos_muestra/INSULA%20715-716.htm.

RÉMOND, R.(Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ Ed. FGV, 2003.

RODRÍGUEZ. Claudia Macías. Utopía y profecía del Nuevo Mundo en el exilio republicano en México. *Revista Digital Espéculo – de Estudios Literarios*, n. 20, 2002. [online] Disponível em: <http://webs.ucm.es/info/especulo/numero20/utopia.html>.

RUFER, Mario. La temporalidad como política: nación, formas de pasado y perspectivas poscoloniales. *Revista Memoria y Sociedad*. Bogotá (Colombia), vol. 14, num. 28, enero-junio 2010, pp. 11-31. Disponível em: <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/memoysoiedad/article/view/8247/6611>.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____ **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 46-60.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTANA, Adalberto. Cuadernos Americanos. *Mensual de Humanidades y Ciencias Sociales* (UNAM, Coordinación de Humanidades), n. 34 (septiembre del 2008), pp. 18-20. Disponível em: http://revista.humanidades.unam.mx/revista_34/revista_34_tema08.pdf.

Santos, Luciano dos. **A identidade da América Latina**: o projeto intelectual de Leopoldo Zea. Goiânia: IFG, 2016. 240 p. Disponível em: <https://editora.ifg.edu.br/editoraifg/catalog/download/15/14/45-1?inline=1>

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. In: América: Cahiers du CRICCAL, n. 9-10, 1992. Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970. p. 9 Disponível em: http://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_1992_num_9_1_1047. Acessado em: 18 de outubro de 2017.

SETH, Sanjay. Razão ou raciocínio? Clio ou Shiva? *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 11, abril, 2013, DOI: <http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i11.554>. pp. 173–189. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/554>.

SEGATO, Rita Laura. Identidades políticas/alteridades históricas: uma crítica a las certezas del pluralismo global. *Anuário Antropológico 1997*, Vol. 22, n. 1, de 1998. 1997, pp. 161-196. Disponível em: www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1997/anuario97_ritasegato.pdf

SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. In: *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n° 9, p. 106, janvier/mars 1986. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/xxs_0294-1759_1986_num_9_1_1452.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, 248 p.

SHERIDAN, Guillermo. El Hijo Pródigo (1943 – 1946). In. SOSNOWSKI, Saúl. [et. al.]. **La cultura de un siglo**: América latina y sus revistas. 1ª ed. – Buenos Aires: Ed. Alianza, 1999. pp. 311 – 319.

SOSNOWSKI, Saúl. [et. al.]. **La cultura de un siglo**: América latina y sus revistas. 1ª ed. – Buenos Aires: Ed. Alianza, 1999.

TEJERA, Sofía Tierno. Colaboraciones de exiliados españoles en las revistas *Cuadernos Americanos* y *El Hijo Pródigo*: América como utopía. **Anais do IX Congresso Argentino de Hispanistas – “El Hispanismo ante el Bicentenario”**. La Plata, 27 a 30 de abril de 2010. ISBN: 978-950-34-0841-4. Disponible em: <http://ixcah.fahce.unlp.edu.ar/actas/tierno-tejera-sofia.pdf/view>

TISSERA, Ana. La España Peregrina – México, 1940. *Revista Tabanque*, n. 12-13, 1997-1998. pp. 219-230. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/127586.pdf>.

VARELA, Flávia; MOLLO, Helena; PEREIRA, Mateus Henrique; MATA, Sérgio da (Orgs.). **Tempo presente e usos do passado** – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, 196 p.

WEINBERG, Liliana. Cuadernos Americanos: la política editorial como política cultural. _____ In. ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. Los avatares de la ‘ciudad letrada’ en el siglo XX. 1ª ed. – Buenos Aires: Katz Editores, 2010. pp. 235-238.

WINOCK, M. As Ideias Políticas. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

ZERMEÑO, Guillermo. El concepto intelectual en hispanoamérica: Genesis y evolución. *Revista Historia Contemporánea*. v. 27, 2003, p. 777 – 798. Disponible em: <http://www.ehu.eus/ojs/index.php/HC/article/view/5215/5081>.